Revista Literalivre©

ISSN: 2595-363X

Distribuição Gratuita

Vol. 06 - nº 32 - Mar./Abr. - de 2022

ISSN 2595-363X

Literatura com liberdade

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Volume 6, nº 32 – Mar./Abr. de 2022.
ISSN 2595-363X
SNIIC: AG-67335
Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Conselho Editorial: Ana Rosenrot, Julio Cesar Martins e Alefy Santana

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Wagner Dias Caldeira
Parauapebas/PA

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Autor Corporativo:
Ana Rosenrot – SNIIC: AG-67162

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.
Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Direitos Autorais:
Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de "fair use" da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.

Edições (atual e anteriores):
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/numeros

© Todos os direitos reservados

COPYRIGHT PROTECTED by AVCTORIS

ISSN 2595-363X

EDITORIAL

Olá, amigos(as) autores(as) e leitores(as), chegou a 32ª edição da Revista LiteraLivre

Nesta edição, trazemos para vocês, maravilhosos trabalhos de autores e artistas de todos os lugares, literalmente de A a Z.

Temos também, a matéria da *Joyce Nascimento*, sobre o *"Literatura Já"*(projeto que eu adoro) e a apresentação do nosso novo parceiro: a *Editora Pé de Jambo*, do meu amigo e talentoso escritor *Mikael Mansur-Martinelli*, que já chega trazendo dois editais imperdíveis. Participem!

Quero agradecer aos autores(as) e leitores(as) pelo carinho e apoio de sempre! Vocês são demais!! Abraços Poéticos!

Pratiquem Literatura com Liberdade! Vamos mudar o mundo através das palavras!

Meu agradecimento especial vai para o fotógrafo Wagner Dias Caldeira, que nos presenteou com esta capa maravilhosa! Sucesso! A revista está mais bonita e estilosa graças a você!

Gostaria de parabenizar meu grande amigo "Jorginho da Hora", por sua exposição artística na cidade de Simões Filho, Bahia! Sucesso sempre, você merece!

Ana Rosenrot
Editora-chefe

Matéria

Literatura já!

Joyce Nascimento
Rio de Janeiro/RJ

No dia 8 de novembro de 2020 foi ao ar a primeira postagem do canal Literatura já! Essa data marcou a estreia de um sonho que nasceu em 2019, quando eu ainda cursava a minha pós-graduação em Literatura Brasileira. O sonho se tornou realidade no ano seguinte, após gravar um episódio em formato de *podcast* para uma das disciplinas do curso de Literatura Infantojuvenil; foi a partir daí que comecei a dar voz para os textos que lia.

A ideia, desde o início, era criar um canal que incluísse todos os gêneros literários, bem como compartilhar textos de escritores e poetas lusófonos iniciantes e dos veteranos da arte da palavra. E assim, gradualmente, foram produzidas entrevistas, bate-papos, leituras de poemas, de contos, de cartas e de crônicas.

A literatura ecoou por meio do YouTube e do Spotify no Brasil, Espanha, Alemanha, Portugal, Panamá, Canadá, Colômbia, Angola, França, Reino Unido, Guatemala, Argentina, Porto Rico, China, México, Costa Rica, Marrocos, nos Estados Unidos, nas Filipinas, Jamaica e Moçambique. Totalizando, em pouco mais de um ano de *podcast*, mais de 24.000 mil visualizações e audições nas plataformas de *streamings*.

O que era um sonho antigo, agora é realidade. Empresto minha voz para ler versos e narrativas repletas de reflexões, desejos, receios, fugas, encontros e paixões. Sou grata por cada escritor(a) que enviou seu material e grata também por todos que prestigiam nosso ofício.

Essa é a história do *podcast* Literatura já! Um espaço que compartilha o amor pela arte literária.

https://www.youtube.com/c/Literaturajá

Literatura já!

Literatura já!

Todos os sábados, às 9h da manhã,
um vídeo para você!

Fundada em fevereiro de 2019, em meio a pandemia do Covid-19 pelo escritor Mikael Mansur-Martinelli, a Editora Pé de Jambo é uma empresa prestadora de serviços editoriais, revisão gramatical, copidesque e orientações textuais para autores independentes.

O principal objetivo da Editora é contribuir para a disseminação da Literatura, principalmente de novos autores e transformar em uma forma acessível a todos.

A editora está com dois editais abertos no momento, confiram:

Moqueca poética II: Envio de vários estilos com temática livre, porém voltada unicamente para autores Capixabas.

Meu bicho é o bicho: Envio de vários estilos com temática "Os animais", aberto a todos autores em língua portuguesa.

Veja os editais no site:

https://editorapedejambo.wixsite.com/editorapdejambo/antologias

Neste Número:

Keli Vasconcelos....4
Fantasia Visual....5
Roberto Schima....5
Mulher (pintura)....6
Cristiane Ventre Porcini....6
Haikai Engraçadinho....7
Jorginho da Hora....7
Adam Mattos....8
Adriane Neves....9
Agostinha Monteiro....10
Alan Rubens....12
Alberto Arecchi....13
Aline Bischoff....17
Alvaro Daniel Costa....18
Ana Eduarda Teixeira Seixas de Azevedo 21
Ana Maria Fázio de Freitas....23
Ariane de Medeiros Pereira....24
Ariel Von Ocker....25
Bruna Laís Rocha....27
Bruno Antonio Picoli....28
Carli R. Bortolanza (Borto)....30
Carlos Frederico Ferreira da Silva....33
Carlos Jorge Azevedo....34
Carmem Aparecida Gomes....35
Catarina Dinis Pinto....36
Charles Burck....37
Clarice de Assis Rosa....38
Cláudia Gomes....41
Cleidirene Rosa Machado....42
CLG....43
Conceição Maciel....44
Cristiane Cardoso....45
Cristiane Ventre....46
Daniel Cardoso Alves....48
Daniela Genaro....50
David Leite....51
Dias Campos....57
Edgar Borges....59
Edih Longo....61
Edna das Dores de Oliveira Coimbra...63
Edweine Loureiro....66
Elidiomar Ribeiro....68
Elisandra Corrêa de Campos....69
Elton Sipp....70
Elza Melo....73
Emily T. Domingues....74
Eni Ilis....75
Érika Cristina Faria de Souza....76
Filipe Cotrim....77
Flávia Prata....78
Gedeane Costa....80
Gigi Locateli....81
Gislene da Silva Oliveira....83
Giulia Wydra....84
Giulianno Liberalli....85
Gustavo de Souza Paschoim....88
Gutenberg Löwe....91
Hernany Tafuri....92
Ícaro Marques Estevam....93
Ícaro Uriel Brito França....94
Ilmar Ribeiro da Silva....96
Iraci Marin....97
Iram Leal....99

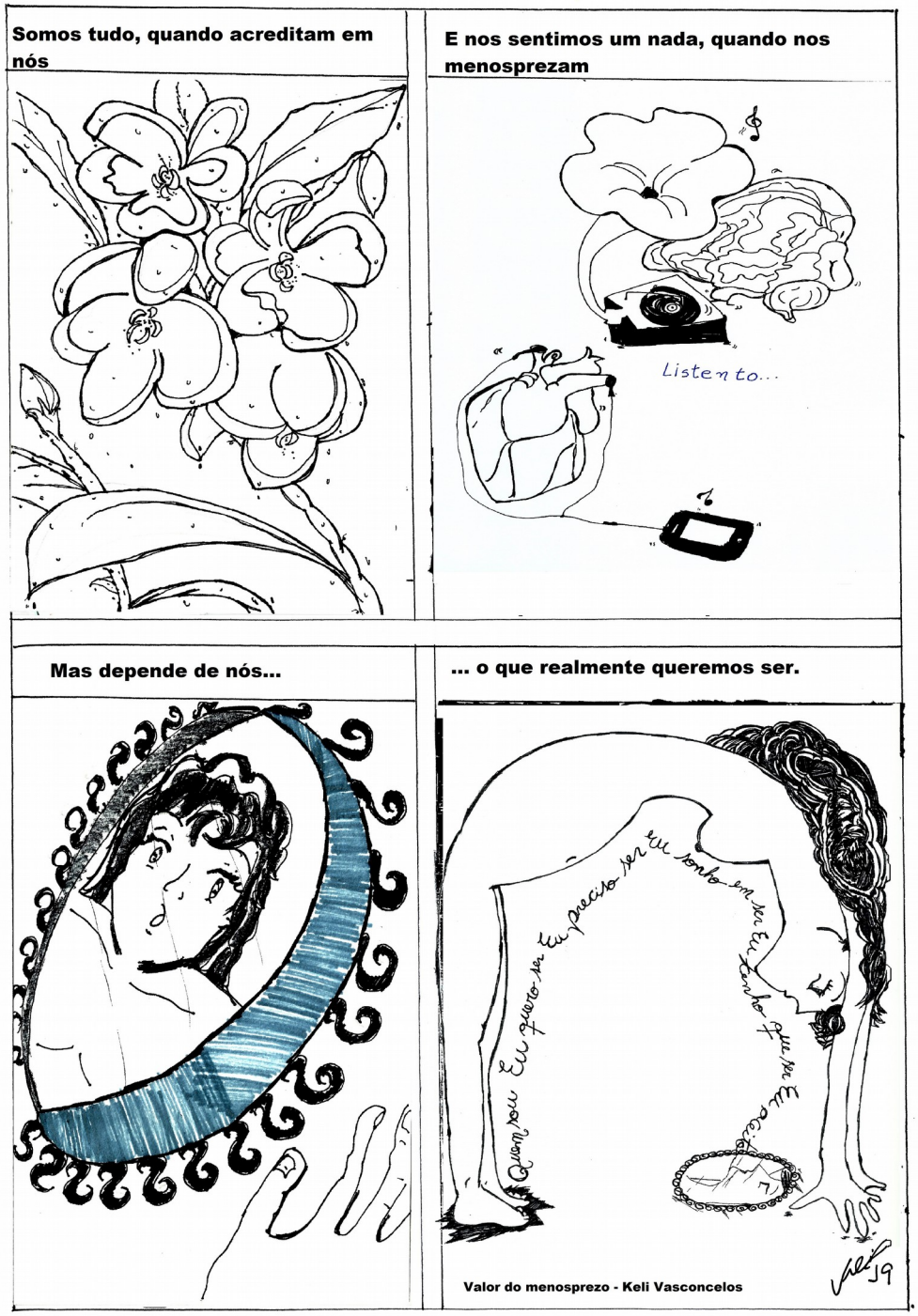
Isabel Cristina Ferreira.....100
Isabel Cristina Silva Vargas.....101
Ivo Aparecido Franco.....102
Jamison Paixão.....103
JAX.....106
Jeane Tertuliano.....109
Jeferson Ilha.....111
João Vitor Tóffoli.....112
Joaquim Bispo.....114
Joedyr Bellas.....117
Jonas Maffei.....119
Jorge Gonçalves de Abrantes.....124
José Manuel Neves.....125
Joyce Nascimento Silva.....126
Juiz.....127
Juliana Moroni.....128
Kamila Bicalho.....132
Karol Costa.....133
Keli Vasconcelos.....134
L. S. Danielly Bass.....135
Leandro Emanuel Pereira.....136
Leila Araújo Pereira.....137
Liécifran Borges Martins.....138
Lilian Gonçalves.....139
Lira Vargas.....140
Lizédar Baptista.....141
Luan Henrique Schettini.....143
Luís Amorim.....144
Luis Fernando Ribeiro Almeida.....146
Luís Lemos.....148
Luisa Garbazza.....151
Luiz Manoel de Freitas.....152
Marcel Luiz.....153
Marco Antonio Rodrigues.....154
Marcos Andrade.....156
Marcos Antonio Campos.....157
Marcos Guimarães.....158
Marcos Malagris.....159
Marcus José.....161
Maria Carolina Fernandes Oliveira.....162
Maria Eduarda Lago.....163
Maria Inácia.....165
Maria Pia Monda.....166
Mario Gayer do Amaral.....168
Mario Loff.....170
Matheus Camilo Coelho.....171
Matias.....172
Maura Ferreira Fischer.....173
Mauricio de Oliveira Silva.....175
Maurício Régis.....176
Mayara Lopes da Costa.....177
Mestre Tinga das Gerais.....179
Mikael Mansur-Martinelli.....181
Mônica Monnerat.....182
Nazareth Ferrari.....183
Neila Reis.....184
Nercy Grabellos.....187
Nilde Serejo.....189
Ovidiu-Marius Bocsa.....190
Patrícia Nogueira Lopes da Silva.....191
Paula Gibbert.....194
Paulo Luís Ferreira.....195
Paulo Roxo Ferreira.....199
Raimundo Nogueira Soares.....200
Regiane Silva.....201
Regilene Martins.....202

Reinaldo Fernandes.....204
Renan Apolônio.....207
Roberta Tavares de Albuquerque Menezes 208
Roberto Schima.....209
Rodrigo Leonardi.....212
RodrigoSBA.....213
Roque Aloisio Weschenfelder.....214
Rosangela Maluf.....216
Rosângela Martins.....218
Roselena De Fátima Nunes Fagundes....220
Rozz Messias.....221
Samara Semião Freitas.....222
Saulo Barreto Lima.....224
Schleiden Nunes Pimenta.....227
Sebastião Amâncio.....230
Sérgio Soares.....232
Sigridi Borges.....235
Simone Reis Carvalho.....236
Starik Adripa.....237
Taís Curi.....238
Talita Bueno.....239
Tauã Lima Verdan Rangel.....242
Ted Dantas.....243
Vadô Cabrera.....245
Valéria Pisauro.....247
Valter Bitencourt Júnior.....248
Vanderlei Kroin.....249
Vanessa Milani.....250
Vera Raposo.....251
Victor Azulay.....252
Wagner Azevedo Pereira.....253
Wagner Cortêz.....254
Wagner Pires.....255
Willian Fontana.....257
Yuki Eiri.....261
Zyon Colbert.....262
Na estrada com trem(pintura).....263
Cristiane Ventre Porcini.....263
Artista do Mês.....264
O trompetista (pintura).....265
Cristiane Ventre Porcini.....265
Jamison Paixão.....266
Oportunidade: site “Seleções Literárias” 268
Revista SerEsta.....269
Projeto Cartas para a Vida.....270
LiteraAmigos.....271
Modelo de envio de textos para publicação na revista.....276

Keli Vasconcelos

São Paulo/SP

Valor do Menosprezo



Fantasia Visual

Roberto Schima

Itanhaém/SP

Mulher (pintura)

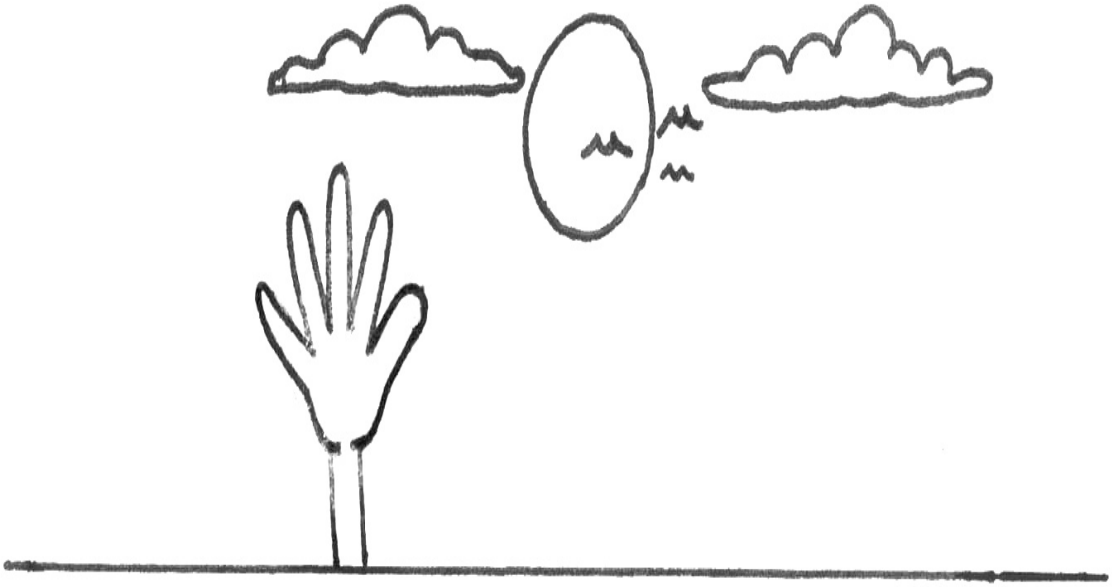
Cristiane Ventre Porcini

São Paulo/SP

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Quem só nada
com nadadeiras
nada nada



Jorginho da Hora
Simões Filho/BA

Adam Mattos
Curitiba/PR

O que é a felicidade?

Existe de fato felicidade
Ou apenas bons momentos?
Seguidos com ferocidade
Por outros de puro tormento

Segundo santo Agostinho
Felicidade é continuar desejando
Aquilo que já possuímos
Então pego-me pensando

Desejar o que já não temos
É a definição de tristeza
Enquanto amamos, que desfrutemos
Pois a maior tragédia é a incerteza

Sou auto-destrutivo por essência
Mas estou aprendendo a não afastar
As pessoas, com muita resiliência
Pois a solidão é mais do que posso suportar

Adriane Neves
Florianópolis/SC

A moça

Um nome percorrido a cavalo
Uma voz que passa do outro lado
Um riso contido feito botão de flor
Umas ideias que nunca passou pela cabeça alheia
Gosta de tudo que tem e dos sonhos do seu coração
Um corpo de dançar juntinho
Um olhar de águia quando mergulha no rio
Uns amigos que outros amigos te dão
Sua festa favorita é o São João
Tem quem carregue consigo uma lembrança da sua gentileza
Ou um aperto no peito por falar besteira
E ela vai
Se mudando
Se moldando
Andando ao som do vento
Acreditando que a vida
Não passa de um algo a mais

@adrianesoul
@soul.adriane

Agostinha Monteiro
Vila Nova de Gaia, Portugal

Bom viver

Desde muito cedo que somos confrontados com a necessidade de nos adaptarmos aos outros e à sociedade. Eu só percebi isso quando me mudei para França. Habituada a viver sob a proteção da minha mãe, tudo me era dado de mão beijada, mas uma nova realidade estava à minha espera.

O contacto com uma nova língua transformou-se, de um dia para o outro, num verdadeiro pesadelo. De repente, fui confrontada com uma infinidade de desafios que me forçaram a crescer e a enfrentar esta nova vida: viver num país diferente, com uma língua diferente e a conviver com pessoas desconhecidas.

Se uma criança não é uma boa companhia para si mesma, é improvável que o seja para aqueles que a frequentam ou que estão ao seu redor. E eu sentia que a minha companhia não me bastava. Precisava de interagir, mas não sabia como.

Aprender a viver com outras pessoas, numa outra cultura, exige uma adaptação que desenvolva a nossa confiança e autoestima. E isso nem sempre corre bem.

No meu primeiro dia de escola, lembro-me de ficar a olhar para a professora para tentar perceber o que ela dizia e de estar sempre a rezar para que ela não me perguntasse nada. Mas claro, não tive muita sorte! Ainda não tinham decorrido vinte minutos quando ouvi o que parecia ser o meu nome. Todos os olhares se voltaram para mim.

Senti-me a corar e balbuciei qualquer coisa parecido com " desculpe, não percebi nada".

A professora voltou a tentar interagir comigo, mas sentia-me totalmente perdida. Naquele momento, percebi que precisava de mudar muita coisa.

Nesse dia, como em muitos que se seguiram, a minha mãe foi buscar-me à escola, mas só quando cheguei a casa é que deixei correr copiosamente as lágrimas que durante todo o dia teimaram em

querer saltar dos meus olhos. Desabafei com ela tudo o que tinha guardado ao longo do dia e este comportamento de partilha e amor foi sempre reiterado ao longo dos tempos. Aprendi a falar sobre mim mesmo e encontrei nisso um grande alívio, que potenciou o desenvolvimento da minha confiança.

Com o tempo, fui adquirindo o vocabulário essencial para garantir uma comunicação recíproca, mas o que melhor aprendi foi a observar os outros. Mesmo sem perceber o que diziam, conseguia ler-lhes a expressão facial e sabia, por exemplo, quando devia rir ou quando devia ficar em silêncio.

Foi uma época muito difícil, mas lembro-me que foi sobretudo uma época de aprendizagem e adaptação. Aprendi que sou diferente e que o outro também é diferente. Aprendi que nem todos temos as mesmas noções de sensibilidades e de afinidades, as mesmas crenças, os mesmos hábitos de vida e que certos valores específicos para mim não serão necessariamente os mesmos daqueles que estão à minha volta. Aprendi a respeitar os outros e a compreender as suas opiniões, ainda que nem sempre concordasse com elas.

Em suma, aprendi a ser o que sou hoje, uma cidadã tolerante com as diferenças culturais que povoam o nosso planeta, respeitando e adaptando-me às novas realidades.

Afinal nada é mais certo do que o ditado popular "na terra do bom viver, faz como vires fazer".

www.escritacomprazer.blogspot.com

Alan Rubens

São Luís/MA

Minha Janela

Quando abro
Minha janela
Do tempo
Espio o mundo
De um jeito
Reflexivo
E sem perder
A esperança
De dias melhores

Da minha janela
Observo homens
De bem
Que buscam
Alternativas
Para a construção
De um mundo
Mais humano

Pela janela
Vejo as mãos
De Deus sobre nós
Protegendo-nos
E abençoando-nos
Sempre misericordioso
E justo.

https://alanrubens.wordpress.com/

Alberto Arecchi
Pavia, Itália

O Prepúcio Sagrado

As crônicas antigas contavam que um cavaleiro da cidade italiana de Pavia, o gibelino Piciarlin (Pauzinho) de Canibus, fora expulso da cidade, tendo que ir para o exílio, depois de uma dolorosa derrota sofrida por seu partido no outono de 1281, quando a cidade caiu nas mãos dos guelfos, durante a longa luta sangrenta entre as duas partes rivais.

Pauzinho deixou à noite, enrolado em sua capa, com seis companheiros de confiança. Atravessaram os Alpes e se refugiaram na Provença, nas partes de Vaucluse. Lá eles tiveram que ficar em incógnito cerca de três anos, antes de voltar para casa. Pauzinho e seus companheiros roubaram três preciosas relíquias, guardadas e veneradas pela piedade popular: o sagrado prepúcio do Infante Jesus, um peito e um lenço com manchas menstruais de Santa Maria Madalena.

As supostas relíquias do sagrado prepúcio eram muito populares na Europa, durante a Idade Média, ao ponto de muitas igrejas se orgulharem de possuí-las. Alguns contaram com dezenove prepúcios, em diferentes lugares, então com a relíquia de Pavia, agora perdida, poderíamos alcançar vinte peças. Um prepúcio dos mais famosos foi preservado a partir do ano 1100 em Antuérpia, Hollanda. A relíquia fora vendida ao rei Balduíno nas terras da Palestina, durante a primeira Cruzada. Era um prepúcio famoso e milagroso, pois durante uma Missa o bispo de Cambrai viu três gotas de sangue manchando a roupa sobre o altar. Em homenagem a esse pedaço de couro e à toalha de linho, uma capela foi construída e as procissões começaram; o prepúcio foi objeto de adoração e peregrinações. Outro destino teve o prepúcio preservado em São João de Latrão em Roma, roubado em 1527 por um lansquenete alemão, durante o

famoso saque da cidade. Na vila de Calcata (Viterbo), foi capturado um soldado que participara do saque de Roma e roubara o prepúcio. Encarcerado, escondeu o relicário com o sagrado prepúcio na cela, onde foi descoberto em 1557. Depois disso, a igreja começou a venerar a relíquia, dando aos peregrinos uma indulgência de dez anos. De acordo com o pastor de Calcata, a relíquia foi roubada em 1984. Dizia-se que houvera a mão de uma misteriosa seita satânica, um grupo que praticava magia negra nas cavernas do monte.

O Pauzinho de Canibus voltou a Pavia em um período ainda turbulento, quando o partido gibelino tinha que lutar diariamente contra os guelfos. Ele colocou as relíquias trazidas da Provença no cofre de uma cripta secreta de um mosteiro de freiras que não existe mais. Aquela cripta subterrânea foi encontrada e irremediavelmente destruída no momento da construção de um novo palácio moderno.

As Cruzadas promoveram a propagação de uma cultura que misturava as crenças dos francos e as do Oriente com os ciclos de contos e tradições de Cavalaria, o rei Artur, Tristão e Isolda: tradições celtas e germânicas, nas quais se aplicou a herança cultural do vizinho Oriente, interpretada em um cadinho que daria à luz a nova civilização ocidental. Peregrinos e cruzados trouxeram muitos artigos da Palestina e do Oriente: relíquias verdadeiras, mas também, em sua maior parte, falsas.

Entre as relíquias acumuladas pela família Visconti em seu castelo, havia: fragmentos de véus e sudários da Deposição de Cristo; fragmentos de roupões e vestes de vários personagens bíblicos; pedaços de madeira da manjedoura, pélo do boi e do burro de Belém; parte do seio e cabelos de Nossa Senhora; pedaços de árvores tocadas por Jesus; os dentes dos profetas, as pedras que teriam sido jogadas contra Santo Estêvão; pedaços de pão multiplicados por Jesus Cristo no famoso milagre de pão e peixe, quando segundo uma lenda o primeiro bispo de Pavia, São Siro, estaria presente, sendo o menino que os entregou a ele. Além disso, havia um chifre de unicórnio e a cabeça do dragão enorme morto por São Jorge,

uma obra-prima da cirurgia veterinária combinando partes de vários animais para construir uma cabeça grande e monstruosa. Dos onze espinhos da coroa de Cristo preservados outra vez em Pavia, hoje apenas três ficaram, depois de assaltos e dispersões, que permanecem venerados na catedral, mantidos numa "nuvem" de madeira feita no século XVIII, pintada e coberta de ouro e prata.

Vários anos depois, em Pavia agora conquistada pelos gibelinos, foi outro Pauzinho, descendente e herdeiro do antigo progenitor de Canibus, a se interessar pelas relíquias. Ele conseguiu encontrá-las, embora na confusão apocalíptica que reinava naquela cripta, dando às freiras de Santa Maria Madalena as relíquias da sua protetora.

De Canibus guardou o sagrado prepúcio para sua família. A lenda queria que a posse desta relíquia garantisse à família a fertilidade perpétua e a geração de herdeiros masculinos, capazes de perpetuar as glórias da casa. Pauzinho ascendeu a uma das mais altas posições do ducado: era conselheiro particular do duque Gian Galeazzo Visconti, que se preparava para tomar a coroa do rei da Itália. Foi a peste negra, em 1402, que de repente quebrou a vida do duque e a carreira de Pauzinho.

Em 25 de agosto de 1402, Gian Galeazzo, gravemente doente, no castelo de Marignano, queria rever sua vontade e chamou o notário Paulo João Oliva. Estabeleceu os critérios para a divisão de sua propriedade entre os herdeiros e quis que seu corpo fosse dividido entre diferentes lugares sagrados. Já no testamento redigido em 1397, ele mandara que seu corpo fosse enterrado na Cartuxa que havia fundado, em um rico mausoléu, exceto o coração, destinado à basílica de São Miguel em Pavia, e as outras entranhas para a igreja de Santo Antão abade.

O quê foi que realmente aconteceum naquela trágica noite de 1402?

Estamos convencidos de que Pauzinho deixasse Pavia com o notário para ir à cama de seu Senhor, em agonia pela peste, e que trouxesse consigo o sagrado prepúcio, com a esperança de que suas propriedades milagrosas pudessem ajudar a curar Gian

Galeazzo. A cura porém não foi eficaz, o duque morreu e permaneceu não enterrado por alguns dias, durante os quais as notícias de sua morte foram mantidas secretas, até seu corpo for levado para a Abadia de Viboldone, na área de Milão e depois transportado para Pavia, na Basílica de São Pedro no Céu Dourado.

Em 1474, quando Galeazzo Maria Sforza decidiu cumprir a última vontade de seu antecessor.

De fato, o trabalho de construção do mosteiro da Cartuxa chegara a tal ponto que permitiria que o corpo do fundador fosse levado. Parece que o prepúcio, deixado mais de setenta anos antes por Pauzinho de Canibus, também permanecera com o corpo de Gian Galeazzo.

Não sabemos onde o prepúcio foi escondido depois, mas a sua descoberta seria um ótimo achado para os fãs da história da Pavia e para estimular o turismo.

No entanto, um documento recentemente divulgado afirma que a relíquia foi perdida sem esperança, alguns anos depois do fim de Gian Galeazzo, quando dois cirurgiões, Piet Molla (da Bósnia) e o doutor de Pádua Feliz Pompim, quiseram examiná-la.

Os dois médicos quebraram o frasco contendo o prepúcio e o pedaço de couro, no contato com o ar, ficou pulverizado. Pompim teve o tempo de gostá-lo, alegando que tinha um gosto salgado. Desde então, chamaram-no "o Chupa-prepúcio".

Então, o prepúcio sagrado foi substituído por um pedaço de couro qualquer, de modo a não perturbar a antiga tradição.

https://www.liutprand.it

Aline Bischoff
Osasco/SP

Fantasma Alado

I
Gélido arrepio a percorrer,
Inocuamente teu frêmito ser,
São meus lábios perjuros
Perpassando os teus, puros.

Em teus dormentes anseios murmuras...
Entorpecida em devaneios sussurras
Sofregamente, o longínquo nome meu,
Sem conceber que cá estou ao lado teu.

Lá fora, a fantasmagórica Lua
Observa com resvalado desdém.
É que tua formosa espádua nua,
Mais candura que a dela detém.

Oh, morte! Oh, destino inefável!
Que de minha amada me roubaste,
De modo imprevisível e inevitável,
Quando minha sucinta vida ceifaste.

II
Ainda no seio da juventude,
Despejaste teu pernicioso fel,
No cálice da minha plenitude,
Cobrindo-me com tétrico véu.

À eternidade, prematuramente malogrado,
Quando unido a ti em vida quisera eu estar.
Sem teu amor, perpetuamente amaldiçoado,
Um miserável condenado a esmo vagar...

Desde então, lamento pelos ares,
Sigo em vão ao oco firmamento,
A sonhar com o fausto momento,
De aportar ignoto em teus mares.

Enquanto ditosa hora não se faz,
Sou teu errante fantasma alado,
Teu infante amado obcecado,
Que só ao teu lado alcança paz!

https://www.facebook.com/AlineBischoffArtes

Alvaro Daniel Costa

Ponta Grossa/PR

Gregor é um Humano animal ou um animal humano? Breves observações sobre Metamorfose de Franz Kafka

Primeiramente devemos pensar a novela "Metamorfose" de Franz Kafka inserida dentro de uma perspectiva praticamente realista. Tudo já começa dentro dos espaços que o personagem principal Gregor vive como, por exemplo, seu quarto, sua casa em geral, até mesmo seu corpo metamorfoseado em um inseto. Tudo o que o leitor tem é a visão do próprio protagonista, ou seja, é através da sua angulação e ponto de vista que sabemos o que acontece durante da novela. O simples fato de termos muitas vezes o olhar do personagem, já nos dá uma atmosfera íntima dos fatos vividos, ou seja, o foco narrativo é uma câmera cinematográfica na cabeça de Gregor. O narrador é não-onisciente que sabe tanto quanto o personagem.

A naturalidade da *"Metamorfose"* aparece logo no início existe um pacto ficcional com o leitor na passagem em que diz: "não era um sonho", confirmando o caráter realístico, mas natural exatamente como se fosse uma cena cotidiana. Outro trecho que ilustra bem essa naturalidade é o fato de que a metamorfose não causou no Gregor um desespero ou loucura. Seria quase como se fosse: Ah, virei um inseto, tudo bem. Um trecho que ilustra bem é quando Gregor explana: "Que tal se eu continuasse dormindo mais um pouco e esquecesse essas tolices?" Em um determinado momento o protagonista ainda pensa no seu trabalho cansativo de caixeiro viajante, em um dos trechos Gregor desabafa "Ah, meu Deus- que profissão cansativa escolhi", fato bem natural como uma ação cotidiana corriqueira em que se reflete sobre os problemas pessoais. Outra passagem é quando olha para o despertador para não perder a hora do trem e exclama: "Pai do céu!- eram seis e meia e os ponteiros moviam-se em silêncio".

Deve-se ainda ponderar que o texto de Kafka trata de uma tragédia familiar, além disso, nos põe em uma reflexão sobre as possibilidades existenciais. Kafka humaniza um inseto e o mais importante: coloca um animal (inseto) como um ser passível de alteridade. O imaginário animal chega até a nós através de tamanha naturalidade como se nós estivéssemos compartilhando da própria experiência (em uma acepção de Walter Benjamin eu diria que é uma experiência compartilhada) de Gregor. Kafka nos desperta para essa emoção, por isso não causa um estranhamento ao leitor, ou seja, não existe uma hesitação como em um texto fantástico. Recebemos todas as informações como se estivéssemos junto ao Gregor.

O espaço é essencial para compreender a obra, pois é nele que de um lugar de descanso (quarto) passa a se tornar uma prisão para Gregor. A casa que era familiar passa a ser um lugar estranho. Essa transformação dos valores referentes ao espaço é dividida de maneira simétrica entre os capítulos, pois enquanto que no capítulo I o ambiente é caseiro, no segundo momento torna-se algo que incomoda, para no fim (capítulo III) ser retransformado.

O quarto de Gregor, todo organizado passa a se tornar um depósito e um lugar extremamente sujo e abandonado. Nota-se nesses exemplos que a mobília conservava a memória humana, tudo ali tinha algo a contar e carregava afetividade. A afetividade (uma das características humanas) é expressa em uma passagem do capítulo II quando o narrador cita uma experiência de Gregor ao dizer "trepava para o peitoril e, arrimando-se à cadeira, encostava-se às vidraças, certamente obedecendo a qualquer reminiscência da sensação de liberdade que sempre experimentava ao ver a janela". Quando se perde a afeição e Gregor passa a ser coisificado, as mobílias de seu quarto passam a não ter mais importância, ou seja, é quase como que se quisesse apagar a memória. Um exemplo é na passagem que o narrador coloca a diferença de opinião entre a mãe e a irmã de Gregor sobre a mobília, enquanto a mãe queria que tudo permanece igual, a irmã queria mudar tudo. Uma passagem mostra exatamente a

afetividade que Gregor tinha por sua mobília: "tiravam-lhe tudo, privavam-no de tudo o que lhe agradava: a cômoda onde guardava a serra de recorte e outras ferramentas tinha sido retirada, e agora tentavam remover a secretária (...)".

Nota-se que a humanidade era mantida através de sentimentos e afeições que Gregor tinha por coisas como a mobília ou pelas as ações do dia a dia como, por exemplo, olhar pela janela. Pode-se concluir que Gregor se mantinha humano em sua interioridade. A grande sacada de Kafka é justamente essa dicotomia: Gregor é um humano animal ou um animal humano? A experiência da afetividade em Gregor nos revela muito sobre esse questionamento.

Referências

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura - (Obras escolhidas; v. 1). 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Essencial Franz Kafka. Seleção, introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics - Companhia das letras, 2011.

Ana Eduarda Teixeira Seixas de Azevedo
Rio de Janeiro/RJ

Sem lugar para se esconder

A crença na biblioteca como uma fascinante força educativa permeada de portas à imaginação e peculiaridades confronta a ideia da existência de uma luz excepcional e, simultaneamente, uma incomum escuridão em um mesmo ambiente. A excepcionalidade de uma biblioteca torna improvável a presença de parcela de erros e imperfeições na mesma. Uma estreia com narração comovente, pode-se dizer.

É importante destacar seu incomparável papel na sociedade e no quão necessária é a presença de livros e manuscritos nesse ambiente, afinal, livrarias e livros andam e funcionam brilhantemente juntos. Por um lado, há quem diga que a leitura é um delicado equilíbrio entre confrontar diferenças e questionar convicções. Por outro, existem os que a consideram como um abrigo favorável numa rota de fuga – onde se espera encontrar tranquilidade, liberdade e companhia. Parafraseando Tocqueville, as histórias são uma galeria de quadros onde há poucos originais e muitas cópias.

Em segundo plano – e no atual cenário de pandemia – novas medidas de atuação foram implementadas nas bibliotecas. Antes, um local receptivo e aberto ao público sem restrições. Hoje, o contato com livros é feito por meio de plataformas digitais e os debates literários via chamadas de vídeo. Contudo, existe um ininterrupto questionamento sobre possíveis detrimentos ou impactos que essas medidas poderiam provocar na sociedade, visto que a biblioteca representa uma valiosa conexão entre a dinamização da leitura e o processo ensino-aprendizagem.

Pela mesma razão e segundo a IFLA (Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias), diversos governos estão propondo novas normas acerca da situação, desde pequenas restrições até o fechamento definitivo,

preparando-se para possíveis alterações complementares, como a mudança de bibliotecários para outras áreas de serviço ou, na pior das hipóteses, a demissão deles. O ambiente silencioso tornou-se pouco confiável no combate à pandemia catastrófica vivida atualmente.

Em síntese, torna-se necessário o questionamento acerca do valor de um espaço tão importante para a humanidade, como a biblioteca; e a compreensão do atual cenário pandêmico, assim como suas restrições. A saudade – com seu significado genuinamente brasileiro e único – dos cheiros dos livros e da sensação de abrigo e liberdade é o que mantém vivas as bibliotecas e as histórias inesquecíveis vividas nelas.

@anaeseixas

Ana Maria Fázio de Freitas

Assis/SP

Amanheceu

Abre a aurora a cortina aveludada
que a noite encerra, escondendo a imensidão.
E vão surgindo atrás da névoa esbranquiçada,
vultos disformes, velhos prédios e construções.

O replicar dos relógios ouve-se ao longe,
despertando lentamente os cidadãos.
E no mosteiro, de joelhos, reza o monge,
pedindo a Deus paz ao mundo, amor e proteção.

Pequenas luzes se acendem é madrugada
e vão rompendo o silêncio, a escuridão.
Passos apressados se escutam nas calçadas
e o buzinar de automóveis, o uivar do velho cão.

No terminal é um entra e sai de passageiros,
aguardando os transportes, as conduções.
Vivem em pânico com o destino traiçoeiro
e a incerteza a dominar os seus corações.

E, assim, a vida segue o seu curso, apressada,
seres correndo sem encontrar a direção.
Olhares atônitos, perdidos nas encruzilhadas,
humanos solitários em meio à multidão.

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

O sertão e as serpentes

Zona rural de Caicó/RN – Sítio Batentes

Fonte: Acervo da autora

No distante lugar habita
Todo tipo de espécies
Algumas ficavam escondidas
E outras somente queriam a pressa

As árvores eram seus esconderijos
E as pedras a casa das serpentes
Mal podiam acreditar
Que passava um pobre ente

Logo, se manifestava as agruras
Da pobre alma inocente
Debaixo daquela dor
Uma picada dolente

Não tardava a gritar
O indivíduo quase inconsciente
Era a vida de serpente
Que fazia sua prosa!

Ariel Von Ocker
Cuiabá/MT

O Filho de Deus

"In principio erat Verbum. Et Verbum erat cum Deo. Et Deus erat Verbum." murmuravam as hostes celestiais de arcanjos e querubins lá, no Infinito, no lar do Criador, distante da Terra e das dores da Terra.

Deus, pois, no alto de seu trono ouvia feliz as palavras que Ele próprio sopraria nos ouvidos do apóstolo João. E, pois, o Altíssimo mirava os sete céus e as imensidades de mundos ignorados; moradas longínquas que somente seus perfeitos olhos contemplavam.

E Deus a tudo amava ardentemente, pois ali havia posto seu coração e seu espírito sagrado.

Lembrava-se, por vezes, com glória e júbilo dos primeiros dias de sua obra, quando pairara Palavra e Espírito sobre as águas primordiais, e se maravilhava com a beleza de um trabalho perfeito e celeste.

E, com seu Deus, vibravam em eterna felicidade, as sete ordens de anjos ruflando suas alas em ângulos incognoscíveis.

Somente um ser olhava triste e atônito o Mundo. Somente um sentia o peso indizível de ser eterno, perfeito, belo e incompreensível a todas as razões de todos os universos. Ora, reclinado melancolicamente, Jesus, o menino-Deus ainda inominado, olhava por entre nuvens o Globo e sentia retesar-se espasmodicamente seu sagrado espírito.

Com inefável tristeza, sentia-se o Cordeiro perder-se entre as lucernas dos astros primordiais: Ele, que era também Deus, e maior que os anjos e os santos que surgiriam por defender seu nome.

-Não...- Suspirava a Criança prometida, pois sabia que, sendo o mais perfeito dos mais perfeitos, ninguém o compreendia. E, além de tudo, quem seria Ele próprio, senão

um reflexo do próprio Criador de quem era seu unigênito? ... Ah...doía-lhe ser Eterno, Uno, Perfeito, Incausado....

Ora, no céu reinava uma paz dolorida e tranquila que fazia roer de inquietação o coração de Cristo. Então, olhando para a terra, ele viu uma mulher e um homem. E viu Jesus que se amavam sem palavras e se compreendiam sem julgares... E Jesus sentiu ali que, além do sétimo céu, poderia haver alguém que o compreendesse e o amasse de um amor puro e imperfeito: qual de uma criança como era.

Naqueles dias, o Menino tomou de uma estrela cadente que passava e desceu à terra e ao ventre de Maria.

No Infinito, Javé, o Eterno, se encheu de tristeza, pois via os dias que viriam além do amanhã.

E Jesus nasceu entre homens e animais, numa manjedoura distante de sua terra e dos homens de sua terra.

O Menino cresceu pois e amadureceu. E, sendo o homem e o Messias de muitas gentes, pregava e abençoava espalhando os dons do céu pela terra. Muitos, pois, eram curados e se fartavam de sua luz que rutilava numa terra de sombras.

Todavia, embora muitos o amassem sinceramente, ainda doía o coração do Messias, pois poucos compreendiam suas palavras e menos as seguiam porque seus corações eram duros e ásperos.

Entrementes, Jesus predicava e dizia:

"Amai-vos uns aos outros como iguais que são, pois todos são filhos do Meu Pai, que está no Céu."

Porém, seus próprios semelhantes puseram-se a pregar o ódio contra o Homem do Céu. No seu ódio, diziam:

"Ele blasfema! Seu amor é abominação! Suas palavras ferem nossa Sagrada Religião."

E, pois, pelo ódio desses homens, o Menino se fez o Cristo imolado numa cruz de madeira ao lado de dois ladrões, malgrado suas palavras de amor e suas bênçãos do céu, porque entre aquelas gentes, Deus era somente uma palavra.

@ariel_von_ocker

Bruna Laís Rocha
São José do Rio Preto/SP

Diagnóstico

Aflita, eu observava o médico
que, atento, olhava os meus exames
Naquele momento, já não sabia se era o frio
ou o medo que me fazia tremer

- As notícias não são boas - disse o doutor.

Descobri que padeço de uma inquietude perpétua
e não sou mais capaz de encontrar equilíbrio
entre o desastre e o êxito

Para meu mal não há cura, apenas cuidados paliativos,
prescritos, com zelo, em minha receita

As palpitações e o frio no estômago
ainda não me permitiram lê-la
quando a olhei, notei apenas meu nome

Paciente: Humanidade

Bruno Antonio Picoli
Chapecó/SC

Memória escolar

1992, classe do pré-escolar da professora Cleusa. Eram duas turmas no Colégio Estadual Gomes Carneiro: os da "Tia Cleusa" e os da "Tia Neiva". Eventualmente as turmas eram reunidas e nessas ocasiões o desconforto tinha até cheiro, algo como casca de ovo misturado com cola tenaz. No espaço contíguo a sala fazíamos o recreio. Era um terreno acidentando, um barranco inclinado o bastante para não ser possível ficar parado muito tempo mas que permitia uso por aquelas crianças que não podiam desfrutar das quadras esportivas logo acima, tomadas pelos maiores que praticavam um futebol criativo em que tudo podia ser bola. No recreio não monitorado a brincadeira consistia num desenho complexo em que cada turma formava um reino, com rei, generais e todo o resto. O objetivo era capturar os membros da outra casa real. Eu, é claro, era um soldadinho. O "nosso" rei era sempre o mesmo menino, até um dia que ele cansou da brincadeira. Como todos queriam ser rei e não chegamos a nenhum consenso decidimos revezar no cargo: cada dia seria um rei diferente, para que fosse justo. A coisa parecia promissora. Um dia o Rei regressou, queria brincar de novo, e, lógico, na condição de rei. Foi aclamado pelos demais. Menos por mim, aquele era o meu dia de ser o rei. "Tia" Cleusa tinha um método próprio de avaliar as atividades de seus alunos: simpáticos carimbos que mantinha sobre sua mesa e pomposamente afagava na almofada. As figuras dos carimbos eram simples, bonecos palitos que portavam em seus finos braços figuras: o quadrado para um trabalho regular, o triângulo para um bom e uma estrela de cinco pontas para um ótimo. Naquele dia entreguei meu desenho à profe Cleusa. Ela o mediu com os olhos, me fitou, deteve-se novamente sobre o papel. Abriu a gaveta e de lá retirou um carimbo. Senti um frio que começou nos meus calcanhares e instantaneamente se apoderou de minha coluna. Ela, mantendo o ritual

pomposo, descansou o carimbo sobre a almofada. Não sei se por mais tempo que o normal ou se foi o próprio tempo que para zombar de mim passou mais devagar, mas aquilo não tinha fim. Eu, de pé, ao lado de sua mesa, esperando o veredito. Sem dizer uma palavra e sem olhar para mim, ela levantou o carimbo, marcou o papel e o entregou em minhas mãos suadas. Respirei fundo, pronto para pedir uma nova chance, garantindo que iria me esforçar mais na próxima oportunidade, se me fosse concedida. Pousei meus olhos sobre a folha e vi um boneco de palito segurando uma estrela de seis pontas. Pálido olhei para ela que sorriu e me disse para ir me sentar em meu lugar. No dia seguinte mudei de escola, e isso em nada tem a ver com os fatos narrados, é que uma aluna maior tinha o hábito de me bater no trajeto de volta para casa. Não sei se houve rebelião no reino, se o rei caiu, foi decapitado ou permaneceu intocável. Não sei se o carimbo novamente foi retirado de seu descanso gavetal. Mas essas duas experiências me atravessam até hoje e fazem parte da pessoa que sou. Desde 1992 sei que a injustiça viceja onde quer que não se mantenha firme a disposição pelo que é justo. Sei também da importância de uma professora justa para a autoestima de um menino que nunca pôde ser rei.

Carli R. Bortolanza (Borto)

Guatambu/SC (Planeta Terra)

A morte anda a galope

Não é certo que digam isso ou aquilo referente que: "à morte vem a galope", às vezes ela é lenta, mas de uma lentidão que parece eterna.
Quando se sente dor, muita dor, o tempo não é contado em dias, ou horas, nem em minutos, pois cada segundo faz a diferença nos ranger os dentes, nos tremer dos ossos, como se a carne quisesse se desgrudar. Essa é a dor que sinto. Muito semelhante à época que assávamos "costelão" de gado, lá pelos pampas gaúchos, que depois de 12 horas em fogo brando, os ossos eram retirados das costelas, branquinhos, como se nunca tivessem tido contato com a carne.

Sei que não estou sendo assado, mas sei também como a carne reage ao querer puxar os ossos. Sinto e dói; e essas dores já estou quase que acostumando; embora não sei quanto tempo cá estou inerte, sentindo o peso de estar vivo, mas sei que vários dias se passaram, pois até a lua que antes mal era vista, agora brilha cheia, exuberante no céu estrelado. Até parece um holofote a iluminar a minha dor, mas não a morte, pois está, sei que ainda vai demorar e muito. A dor que separa a carne dos ossos, é apenas uma das tantas que me torturam a vida e não me deixam morrer. Os vermes que me mordem a carne, fazendo verdadeiros desfiladeiros de trilhas/cavernas em meus músculos, só não são mais doloridos do que o óleo que, com a luz do sol, fazem borbulhar a pele, como quem pururuca o torresmo na frigideira. O grito não sai, pois o sinto que aperta meu pescoço me impede de mexer, e quase não há espaço para tossir, embora o faça quando me engasgo com a saliva, que não consegue descer e que quando desce, parece rasgar toda a traqueia como uma lâmina áspera e pontiaguda. Só

um filete de ar resta para dar aos pulmões um pouco de oxigênio, o pouco que é o suficiente para infelizmente me manter vivo. Já até tentei me afogar na própria saliva, mas involuntariamente os músculos reagem a tossir só para não me deixar morrer e permanecer nessa agonia que parece não ter fim.

Sei que fui um bom padre, bom até demais para as minhas juvenis fiéis, mostrando na prática o pecado da carne, para que quando elas crescessem, soubessem o que é o pecado, todavia, sempre rezava vários cânticos para me absorver e para absolvê-las. (alguém iria ser o primeiro delas igualmente, e porque não eu? O fazia de forma educativa!).

Não acho que fiz pecado algum para ser castigado de forma tão cruel, e os que fiz, rezei para pagá-los, estaria absolvido dos pecados; mas nada pode ser pior que ficar imóvel preso às ferragens do carro capotado, apodrecendo em vida no meio da mata virgem. Poderia dizer que foi o destino ou que Deus me puniu, mas não! Porque ouvi vozes ao meu redor, tão logo o carro parou de girar morro abaixo. Podiam ter me socorrido, talvez não naquele momento, mas terem buscado ajuda, mas não o fizeram, me deixaram morrer à própria sorte. Sorte essa que não tenho, pois as dores são imensas, as vezes desmaio por não aguentá-las, às vezes quase sempre.

Hoje não vai chover, há uma chance maior de eu morrer, pois sem comer se vive, mas sem água não. Quando a chuva vem, cada gota de água que cai na pele, é como uma alfinetada com ferro quente. Já chorei mais de dor pela chuva do que por qualquer outra dor que eu sinto.

O tempo vai passando lentamente, a boca seca, o suor salgado mata a sede ao escorregar na testa para os lábios, e aos poucos sei que a própria água do meu corpo está se esgotando, assim como minhas forças de impedir a invasão das formigas, que cedo ou tarde vou se alimentar de meus restos, mas espero estar morto até lá.

-Espere, ouço vozes! Escuto o barulho de passos vindo em minha direção, mesmo com os caracóis que invadiram minhas orelhas.

O barulho cessa, tão logo as abelhas voam a começar construir seus ninhos em minhas narinas, um "pito" já pronto, é só entrar e ocupar o espaço aberto pelos vermes. Não sei se é sorte ou azar, mas as abelhas são sem ferrão e fazem cócegas ao entrarem, parece irônico chorar de cócegas em meio a tanta dor.

Mais uma fase lunar, mais dias se passam, mais uma desgraça de vida que não me deixa morrer embora haja muita vida em mim e a cada dia mais. Os caramujos se amontoaram em família, os vermes estão na segunda geração com suas asas prontas a voar e lançar novos ovos, as abelhas polinizando com seu mel meu cérebro entrando literalmente pelas minhas narinas. O cinto afrouxou-se do pescoço, ou foi o pescoço que se livrou do aperto. Os pés as frieiras criaram uma crosta, a pele enrijecida, ergue-se a desgrudar na carne, assim como os ossos, por onde os poucos músculos já nem se prendem mais. Os carrapatos se adonaram das costas, as pulgas e piolhos dos cabelos. Os olhos não fitam mais, virou um opaco depois que os pássaros o bicaram todo. Penso em gritar mas sei que é em vão, e nesse estado que estou, não quero mais ser encontrado, curado, quero é morrer e parar de sofrer.

https://maldohorror.com.br/

www.carlibortolanza.com.br (em breve)

Carlos Frederico Ferreira da Silva
Rio de Janeiro/RJ

Temperada Compreensão

O amor é um sentimento que fala fundo no peito
E que faz a alma flutuar de alegria, quando então é pura magia
E espera-se a harmonia da simpatia no olhar
E tudo flui para a felicidade - mor
Bastante temperada de compreensão,
na tenra prosperidade dos instantes juntos
Um ar lírico traz o teu perfume, juntamente com a tua beleza
No devaneio temos a razão da imaginação humana
E surge o desejo de ofertar-lhe o meu afeto
Pela longevidade da vida, no colorir do tempo com brilhos originais
E isto ocorre quando o amar é dom fraterno
Versejo o lume da pluralidade ao lado da primazia do teu amor.

@carlosfredericoescritor

Carlos Jorge Azevedo
Santa Marinha do Zêzere - Baião, Portugal

Dúvida e verdade

Às vezes emperramos nas parcelas
Daquelas contas que depois revemos
Com prova dos nove cismando nelas
Duvidando até das provas que temos.
De igual modo com a verdade à frente
Desacreditamos da ocorrência
Porque nos dói e toca muito rente
E a negação encobre a evidência.
Tal como o vulcão explode e a lava
Escorre e engole a paisagem
Levando aquilo que mais queremos
Também a verdade, crua, escava
E arrebata-nos na sua voragem
O que por amor a perda sofremos.

Carmem Aparecida Gomes
Ipameri/GO

Não Me Acostumei

Eu não me acostumei com as poucas horas de uma noite toda sentindo você em minha cama.

A culpa de você partir ao amanhecer é do teimoso sol que nasce com os seus raios atrevidos invadindo o jardim florido e a minha vidraça que pirraça e deixa os raios vorazes entrarem em nosso quarto para tentar nos espionar.

Raios que caminham em nossos corpos desnudos enquanto nossos lábios mudos se tocam num beijo longo e profundo.

Eu não me acostumei em ficar só com a miragem de você nu trafegando em meu quarto, me excitando e implorando para que o meu corpo inveje o seu e se desnuda.

A culpa é toda de sua nudez e de minha insatisfação ao terminar a noite e com a sua partida no amanhecer, eu me entristecer.

Eu não me acostumei em contar as horas até chegar à noite e outra vez ter você a noite toda em meu quarto completamente desnudo.

Catarina Dinis Pinto
Amarante, Portugal

Coração sem razão

Amar é uma palavra,
Sem projetos,
Se os teus olhos não existirem no futuro,
Se a lua não encontrar o seu sol,
Ou a lembrança se esquecer da saudade,
Os portos da mente,
São meros artefatos
De um coração sem razão,
De uma vida de sonhos.
E resta ao destino o silêncio.

https://www.facebook.com/catarina.dinisramos/

Charles Burck
Rio de Janeiro/RJ

Seda Negra

Deitada sobre o alvejado lençol de flores brancas
amor amargor se desfaz no crepúsculo, como as asas frágil de uma borboleta a pousar sobre um seio
A adornar o botão de rosa, flor-de-algodão, ou botão de cerejeiras
Fios frágeis que ordenamos sobre nós para isolar-nos do mundo, dando as causas do que somos,
Que és?
Nem sempre sei
Agora eu, protegido pelos teus cabelos de seda negra, sou o pássaro a perfurar os céus para chegar às estrelas
Eu, ilha de solidão te percebo agora, arquipélagos siderais
A poção da mística mulher que cede a noites sem fundo ao meu colo
Que me salva do exílio com apenas um beijo,
Senhora das minhas poesias, borboleta banhada em maios que se aninha em meus pelos,
Os frêmitos lavoura que brota à espera das colheitas
Já não posso, banhado no langor das tuas carícias sorver todas as ondas das quais me insuflas a boca
E o que além dos teus olhos me importa?
Nada
Espera enquanto redijo cada nota,
Sou um poeta, escrevo sobre amores secundários enquanto tudo em ti é pleno e primeira importância
Amo-te.
Se ora renitente e contínua seja humana a forma
Quanto a sonhada, não consigo, na limitada imaginação conceber ainda, o amanhã.

Clarice de Assis Rosa
Ituiutaba/MG

Não mais que sorrateiramente...

Em teu olhar eu me perdi
desde o instante em que, sorrateiramente,
eu cedi.
Abusado destino
que zombou da minha força,
e riu do meu desatino.
Eu, que sempre fui senhora das minhas emoções,
me perdi no descontrole
de pensamentos invasores,
não guiados pelas minhas razões
Quando dei por mim,
não consegui reassumir o manejo do meu barco.
Optei por suprimir
qualquer desejo inusitado,
mas não saiu como esperado.
Uma voz dizia:
"Você não tem mais autonomia!"
Enquanto outra respondia:
"Ah, menina, não tente controlar seus passos.
A vida é um laço, não a transforme em nó
Não seja refém de si mesma, tenha leveza
e se deixe levar com destreza.
O passado não é relevante
e nem deve influenciar o presente,
que segue junto ao que você sente,
não ao que você pensa"

Entao eu sorri e compreendi,
que não tenho o poder de dominação
e que posso perder o controle por decisão.
Mesmo q o destino caia em meio ao vão,
preciso acreditar que o seu sorriso
pode me levar ao delírio,
mas não pode tirar o meu chão.
Malicionamente, lembrei-me das palavras de Vinícius de Moraes:
"E a coisa mais divina que há no mundo
é viver cada segundo como nunca mais",
Entendi que a intensidade não é um problema,
vive-se uma eternidade em um minuto,
a tristeza é ansiar que esse minuto não acabe,
fazendo do momento um dilema.
Entreguei minha bagagem ao vento
e me animei.
Os momentos que vivi,
dentro da minha infinitude,
transformaram-se na imensidão do paraíso
que senti cada vez que você me tocava e sorria.
Compreendi que o que eu sentia
me deu asas,
mas o que eu dizia
me fez cair,
Sorri, porque na vastidão que eu me encontrei,
você não pôde me alcançar,
tampouco compreender,
mas eu alcei voos e hoje sigo plena,
consciente de que vale a pena
insistir na intensidade.
Desde que ela nos guie para o aprendizado.

Ninguém está fadado ao sofrimento,
nem mesmo à felicidade.
Mas o instante existe
para que tornemos mágico
tudo aquilo que tocamos.
Seja com as mãos, ou com a alma.
Deixei-me levar
e assim as lembranças ruins foram se esvaindo.
Veio a leveza de que não existe culpado,
apenas a alegria de ser lançada ao inesperado,
guiada pelo doce fado do seu abraço,
que foi curto,
mas que eu posso,
sem compunção,
transformar em memórias inacabadas,
que serão felizes
enquanto eu puder acreditar
Não no poder do acontecimento,
mas em memórias eternas,
presentes em cada momento.

C.A.R

Cláudia Gomes
Feira de Santana/BA

Interrogação

Saúde?
Importa!
Família?
Importa!
O outro?
Importa!
A vida?
Importa!
Pessoas?
Importam!
Os cuidados com a vida
É o que mais importa
Para estarmos bem.
Importe-se você também!

@claudia_gomes_poeta

Cleidirene Rosa Machado

Catalão/GO

Em luta pelo fim do preconceito de personalidade mental

Se fala muito naquilo que está na aparência. Defendem quem sofre preconceito racial, preconceito em relação a opção sexual, preconceito contra mulher, idosos, etc, mas, se esquecem daquilo que é tão importante quanto o ar que respiramos, ou seja, as diferenças de personalidade de cada um.

Estamos em uma época em que as diversidades psicológicas, se tornaram um problema. Aquele que não se enquadra em sua maioria, está sofrendo de depressão, ansiedade e outros problemas psíquicos que por vezes não haveria necessidade de estar sofrendo.

As vagas nas clínicas psiquiátricas e psicológicas estão em falta, principalmente aquelas do SUS.

Ora, cada ser em si, já nasce com suas habilidades. As pessoas vão se moldando no meio em que vivem, sendo para o oposto, seja para o igual.

É preciso auxiliar as pessoas que estão com dificuldades de convivência, mostrar a elas, que aquilo que elas acreditavam ser ruins, talvez pode ser tudo aquilo que as tornam especiais.

Todas as pessoas trazem algo de bom. Desde o nascimento, elas são produtivas, tem sensibilidade, e podem ser o ponto chave da própria cura quanto aos males que lhe afligem. É preciso apoio daqueles que cercam o indivíduo.

É preciso divulgar que assim como a cor da pele, a opção sexual, o gênero, idade, etc., nós também sofremos com nossa essência, com nossas dificuldades de mudança para agradar um sistema pré-moldado pelo outro.

Necessitamos ser entendidos e encontrar a melhor maneira de conviver juntos, sozinhos ou com todos.

Defenda a si mesmo, defenda ao seu próximo, defenda a individualidade e o grupo social, somos todos seres humanos.

CLG
Taubaté/SP

A fé artista

Artistas estão convictos de que
tudo o que fazem é especial:

Um risco se transforma em traço expressivo.

Sons desconexos, novos acordes dissonantes.

Palavras, poesia.

Tanto creem, como fiéis, que convencem.
Os maus ouvintes e os péssimos videntes rejeitam o novo credo.

Se essa nova fé se espalhar, o que será de nós?

Conceição Maciel

Capanema/PA

Sonho meu

Calei meu amor
Num sentir profundo
Num toque sonhado
Num sonhar acordado
Um querer tão meu
Um silêncio solitário
Que nasceu dum olhar teu
E o desejo procura
O que implora o coração
Um sofrer só meu
Escondido em mim
Prenúncio de ilusão
Nem lembrança há
Nem canção inspirou
Por que morreu
Antes de nascer
O sonho...
Que só eu sonhei.

@conceicaomacielescritora
https://www.facebook.com/conceicao.maciel.14

Cristiane Cardoso

São Paulo/SP

Fim da Linha

Paranapiacaba.
Das boas fotos tiradas pela filha
Uma foi escolhida a dedo
Suada perspectiva, ampliada, transferida
E a tela me aguarda
Na dura beleza da decrepitude
Um trem todinho enferrujado
Atrás grande verde em diagonal
Sobre o trilho no sentido contrário
Pessoinha longínqua
Indo ao ponto de fuga
Sob muita, muita névoa...
É o nosso fim, só o pó e as incertezas de qual continuidade?

Há plantinhas brotando no trem
Quero as cores do fim
As cores das dores mais funestas
Como as da foto e título também surgido do nada
Mas meus verdes estão muito verdinhos...
Nossas várzeas têm mais flores
Quero as cores do fim...

Dificuldades com os tons da paleta
Passei por cima um branco pálido
E agora impassível e silenciosa
A tela me aguarda.

Cristiane Ventre

São Paulo/SP

Saudades daqueles tempos

A mesa era grande, de madeira maciça. Havia lugar para oito pessoas, mas em dias de festa buscávamos mais cadeiras no cômodo dos fundos, onde ficava a máquina de lavar roupas. Empurrávamos um tanto a mesa para abrir espaço para mais um lugar próximo a janela. E perto da janela sentava minha avó. Que criatura mais simpática era minha avó! Não havia quem não gostasse dela! E como eram gostosos os bombons de licor que ela fazia questão de trazer para cada um de nós. Faltavam cadeiras, enfim, para acomodar toda a família. Mas o sentimento de estarmos compartilhando bons momentos no dia de Natal, era gratificante.

A toalha florida, com tema festivo, o som dos talheres nos pratos, vozes empolgadas conversando a mesa, as horas passavam alegres. Ou nem víamos talvez o tempo passar! Quando os momentos são bons, nem vemos realmente a hora passar!

Naquele tempo, meu pai ficava na cabeceira da mesa. Era presença marcante. Tinha mãos fortes e grandes, desgastadas pelo trabalho árduo de uma vida inteira. Mãos engenhosas que sabiam consertar e criar objetos. E ele era um inventor! Quantas coisas foram criadas por ele dentro daquela casa! Apesar de sua aparência forte, seus olhos tinham doçura e pareciam sorrir. Ele era generoso e sabia receber as pessoas em casa.

As comidas tinham o sabor da festividade do Natal. Minha mãe fazia a lasanha, a carne assada com batatas, encomendava-se o peru. Minha irmã trazia o salpicão. A mesa ficava cheia, a casa animada. Sempre havia alguém que pedisse o cafezinho após o almoço. E lá eu ia preparar o café: três xícaras de água para três colheres cheias de pó de café. Usávamos o coador de pano.

Preparava-se doce com goiabas brancas, que eram colhidas no quintal. Que perfumado era aquele doce!

A conversa continuava à tarde no quintal ou na sala. E havia o momento de bater uma fotografia. Eu tomava a frente para tirar as fotos.

Quando o dia terminava, nossos familiares iam embora sempre levando um pratinho e boas lembranças.

E assim foram muitos anos. Temos os álbuns de fotos guardados, que confirmam nossos semblantes alegres. As fotos são documentos

históricos, registram e eternizam o que vivemos para sempre.

Mas nada dura para sempre. Nem os momentos tristes, nem os alegres.

Um dia, as coisas mudam e às vezes mudam tão rápido, que chega a assustar.

Em dois ou três anos nada ficou mais em seu lugar.

As cadeiras vazias deixadas por quem partiu trazem muitas lembranças, que ficam marcadas na memória e no coração.

Doces momentos vividos em família, recordações nas fotografias, um passado que parece não tão distante.

No quintal, o som da furadeira e do martelo usados por meu pai, agora, dão lugar ao silêncio.

Os ponteiros do relógio de pulso pararam no mesmo dia em que sumiram as batidas de seu coração.

Na casa tudo permanece igual: os azulejos desenhados, a mesa de madeira lustrosa, os quadros nas paredes, o automóvel na garagem. Mas aqueles momentos, hoje, podem estar apenas na memória afetiva.

As novas gerações ouvem as histórias de família e trazem novas roupagens aos nossos dias. E como são importantes as crianças e os jovens nas famílias. Vivemos, depois, por eles.

O que ficou em nós é o legado das pessoas importantes que marcaram as nossas vidas: seus bons exemplos, suas virtudes, o carinho.

As perdas fazem parte da vida. Não fomos criados para estar longe das pessoas amadas. É um aprendizado contínuo.

As novas festas de fim de ano virão. Sentiremos a falta daqueles que se foram. A saudade se faz presente às vezes. Mas agradecer por tudo o que se viveu, e desfrutarmos, agora, da presença de nossos familiares e amigos, é uma forma de declararmos esperança e fé em dias melhores.

Vou pensar no que cada um deixou de melhor: a simpatia da minha avó, que sabia conviver com todos e tinha tanta sabedoria de vida. Na perseverança do meu pai, na sua generosidade, no seu amor incondicional pela família.

E assim vamos caminhar no tempo – trazendo a saudade, as lembranças, sabendo viver o momento presente também, e tentando ser melhor um pouco a cada dia. O passado não voltará, mas vou usar o que foi para fazer um novo amanhã.

Daniel Cardoso Alves
Belo Horizonte/MG

(In)Feliz aniversário

Foto: Daniel Cardoso Alves, 2021.

Mais uma primavera, dia de festa e alegria
Mais um ano cultivando a nostalgia
Menos um dia
Nesses tristes e solitários dias de pandemia...

Saudades do cheiro da torta tão esperada ao longo do dia
Aquela de banana com canela que mamãe fazia
Sinto falta dos presentes, abraços, sorrisos e da calorosa harmonia
De fingir não perceber todos numa silente correria
Do coração pulsando em euforia

Das gargalhadas e histeria...

Hoje a solidão me arde em melancolia
E só, nas Gerais, choro e lembro-me da Bahia
Da casa cheia vibrando momentos de magia
Instantes de fantasia
De ouvir, no fim da festa, a reza de Ave Maria...
É ... Sem festa, reza e poesia
Me contento com a triste calmaria
Do feliz aniversário teoria

@danielcalves_

Daniela Genaro

São Paulo/SP

Manhã de sol

Quero uma manhã de sol
para fotografar!
Seja no campo ou na cidade,
seja na estrada, seja no mar,
quero viver intensamente essa manhã,
colecionando cada momento
como quem cola figurinhas na alma.

Mais tarde ao folhear em casa
o álbum sempre incompleto da memória,
minha casa não será mais casa,
será campo, será cidade,
será estrada e mar,
será manhã de sol o dia todo,
verão em lindas noites de luar…

David Leite

O temporal

"Somos da mesma substância que os sonhos"
William Shakespeare, A Tempestade

Antônio era seu nome. O meteorologista real que há muito participava das cortes oferecendo seu ofício. Não era de se admirar sua imprescindibilidade a um reino que almejasse qualquer prosperidade. O conhecimento dos mares, das precipitações e ventanias era tesouro para a agricultura do estado e para qualquer sanha colonizadora que quisesse aventurar-se em mares alhures. E era essa a função que exercia naquele momento, lotado em uma das naus exploradoras de seu atual reinante.

O mar rumorejava pacificamente abaixo dele, e as nuvens níveas não ensejavam qualquer ameaça. Na falta da fúria dos ventos, sentia-se quase inútil. Como se o risco de tempestuosos vendavais fosse o que justificasse seu empenho e equipamento, inda que pudesse vitimar seus camaradas de convés. Afastou o pensamento de ócio no momento em que viu, avolumando-se no horizonte, o negrume característico das tempestades. Em um momento, sibilava o vento como chicotes, cortando a vela e os balaustres sobre os quais se debruçava para vigiar o mar extenso. Tentando soar mais alto que a tormenta, Antônio grita para seus companheiros de viagem. Protejam-se!

Seu grito morre com o rugir dos ventos inclementes, entretanto. Tentando nivelar a incerteza de seus passos, Antônio vacila pelo convés, sendo fustigado ao chão mais vezes que pôde contar enquanto procurava algum apoio firme para que pudesse manter-se seguro. Mas o barco chacoalhava como se toda a sua estrutura não passasse de uma casca de nós, e a água escachoava pelo chão formando um arroio apressado e derrubando todos os homens. Os clarões dos relâmpagos não tardaram a encontrar seu papel no tétrico

espetáculo, e os trovões ribombaram em seguida nos céus.

Antônio agarra-se ao mastro, passando uma corda ao redor de sua cintura quantas vezes pôde, até desfalecer.

Acorda na praia. Solto do mastro e cuspindo a areia branca debaixo de um sol que covardemente se escondeu diante da tormenta anterior. Seus companheiros jaziam cá e lá, varados e dilacerados nos pontiagudos calhais do barco espalhados pela orla. Confuso, olha ao seu derredor tentando processar todo o ocorrido, ao enquanto pensava onde estaria. Quando no mar anteriormente, estava cercado apenas do mesmo por longas distâncias. Distante de qualquer terra. Teria aquela tempestade, com a fúria de um deus vingativo, o atirado assim tão longe? Estremeceu de dor alheio a tudo por um instante. O medo e o pavor da aterradora visão daquele tumulto celeste retornam a sua memória, ao mesmo tempo em que uma lufada de vento passava sussurrando.

— Siga em frente.

Aquela mensagem estranha morreu em seus ouvidos. Assustado de princípio, curioso após, Antônio examina novamente sua posição. Além da enseada em que forçadamente desembarcou, uma mata verdejante se apresentava, com uma visível trilha dividindo-a como um caminho. Confuso, mas ainda com a expectativa de sanar qualquer mistério, põe-se a caminhar pela azinhaga nos matos.

O vento lhe faz companhia por todo o caminho, silvando palavras irreconhecíveis, na língua que lhe era própria, tal como um delirante companheiro. Delírio, aliás, era o que parecia ter ocupado a mente febril de Antônio. Aquilo tudo lhe parecia um cenário onírico. O orvalho das folhas fulgia com a luz em seus olhos, lembrando as estrelas num sonho de céu noturno. No final do caminho, abria-se um portal com uma ofuscante luz.

O vento, seu parceiro sórdido, começa novamente a soprar forte quando atravessa o fulguroso portal.

— Ei-lo, meu senhor. – Rugia num silvar vindo de todos os lados. – Trago o homem que pediu.

No meio da clareira, num tronco de árvore talhado rusticamente pelas mãos da natureza para assemelhar-se a um trono, um homem esquálido

sentava. Trajando indumentárias reais puídas e uma coroa entortada, o escasso homem diz para o ar.

— Obrigado, Ariel. Seus esforços serão considerados futuramente.

— Liberta-me! – Murmurava o invisível.

— Tenho tarefa ainda para tu, meu servo. Estamos aqui para julgar esse homem. E você será meu guia.

A resposta parecia não ter satisfeito a entidade, que começa a soprar para todos os lados, até então se apaziguar num torvelinho suave, que levantava poeira e folhas do chão, e se coloca ao lado do homem.

Uma voz poderosa então se faz presente.

— Que julgamento essa criatura merece? Deveríamos devorá-lo de uma vez.

— Acalma-te, Calibã. – O homem no trono intercede – Não estamos aqui para uma execução. Esse homem merece julgamento como qualquer cria do Senhor.

O dono da voz possante se aquieta, bufando. Não era homem, era parte do sonho de Antônio. Orelhas, pelagens e musculatura de um touro, sobre as patas de um. Um amálgama de homem e touro como saída de alguma mitologia. Tudo aquilo foi visto por Antônio como num êxtase. Não questionou até então nada naquela situação insólita. Mas, num ímpeto de preservação, finalmente se põe à conversa.

— Julgamento? Afinal, quem são vocês? E o que estou fazendo aqui?

— Poupa-te de dizer algo, usurpador. Responda apenas nossas questões. – O homem enrugado o interpela.

— Usurpador? Acaso eu lhe roubei algo? Engana-se a meu respeito. Minha honra jamais permitiria tal perjúrio.

— Honra? O que é honra? O que há nessa palavra? Vento. – O homem responde.

— Quem és tu, afinal?

— Sou Próspero. Recorda-te desse nome?

Antônio, então, examina suas memórias. Próspero, o rei amaldiçoado, a quem serviu por um tempo. Perdido numa tempestade.

— Mas... Você se perdeu no mar... – Antônio diz, quase questionando se isso seria possível.

— Não. Perdi minha doce Matilda naquela viagem. Perdi meu trono e meus súditos. Mas estou aqui.

Encontrei novo reino. Reino sobre o nada que vê, tendo por servos apenas meu ente celeste e meu algoz taurino. E agora, tenho você também. O homem que me roubou tudo. Que falhou em prever a tormenta que me rasgou a alma. Hoje sou dono de meu próprio temporal, e que melhor justiça de reivindicá-lo a mim senão assim? – Próspero diz, e aponta com a cabeça para o pequeno tufão ao seu lado.

— Mas. Não é minha culpa. Eu não pude prever...

— Cala-te. Suas palavras são como patifes desde o começo em que suas promessas as desonraram. São de tal modo impostoras que me repugna que as deixe usá-las para defender sua honra.

Antônio, atônito, tenta retrucar.

— Você não parece impelido a creditar em mim nada. Como poderia me defender? Apenas digo, que meus conhecimentos não foram suficientes para assegurar uma viagem segura para vossa majestade e sua comitiva. Perdão por isso.

— Vê, mestre? – Calibã se dirige a Próspero. – As coisas mais mesquinhas são valores para os baixos como ele. Tenta enobrecer-se com um pedido de perdão, tornar-se modesto com sua ignorância, mas ainda assim não repara teu erro. Devemos castigá-lo de qualquer forma. Seja pelo mal em seu coração, ou pela ignorância imperdoável.

— Sim, e mesmo tendo cometido tal erro ainda segue trabalhando em minha corte, servindo a um novo rei? Pergunto-me o quanto de incompetência houve em sua análise dos céus daquele dia.

— O que está dizendo? Eu juro com minha alma que jamais fiz algo contra vossa majestade.

— Mas quantas vezes a simples visão de fazer o mal permite que o mal seja feito? Você o confiou, mestre. Uma vez bastou. Seja por erro ou por escusos interesses, esse homem falhou contigo. Deixemos esse julgamento para o lado e façamos justiça. – Calibã continua.

— Eu sei de que forma a alma empresta à língua juramentos quando o sangue arde. Não. Ainda estamos a julgá-lo. Ariel, não se manifesta? Esperava que fosse uma voz a mais nisso. Que tentasse defender este homem, já que o carregou em seu ventre furioso até aqui.

— Liberta-me. – O vento sussurra.

— Apenas quando definirmos o destino desse ser.

O redemoinho então se dissipa por um momento, e uma voz ecoa por toda a clareira.

— Livre e confiante cidadão da terra. Esteve sempre preso a uma corrente longa o bastante para lhe dar liberdade sobre a terra, mas jamais solicite coisa alguma fora desses limites. Assim como eu sou cidadão do céu, preso a igual corrente celeste. Se pendermos para a terra, enforca-nos a corrente do céu, se pendemos para o céu, estrangula-nos a coleira da terra. Se teve algum dia todos os recursos, obstinou-se em negar que o erro inicial era na fixação dessas correntes. Não poderia nunca prever o trabalho do céu. Pagou-lhe o erro este rei. No entanto, errou também esse rei em não saber isso relevar.

Antônio estremece ao ouvir aquele rugir novamente. Mais terrível que a terrível criatura Calibã. Por algum motivo, os horrores visíveis têm menos poder sobre a alma que o horror imaginado que a ventania sugeria.

— Ousa acusar-me, Ariel? – O rei responde – Diz-me que minha ignorância foi a causa de meu infortúnio? Súdito lastimável. Sombra ínfima sob o sol real.

— Qual infortúnio? Seus solenes templos? Suas torres entre nuvens? Sua linda dama? Um dia, tal qual a base dessa ilusão hão de sumir no ar como um tênue espetáculo. Esses atores e nossos espíritos esvanecerão no ar impalpável. No mesmo ar que sou e que tenta dominar.

Antônio então percebe o arredio espírito se voltando contra seu mestre. Percebendo a oportunidade, dirige-se a entidade.

— Ariel, espírito brioso. Percebo agora porque diz sobre correntes que não pude ver. Também parece contido por elas assim como eu. Não é esse teu destino, o terreno. Tampouco é defender a materialidade mundana desse homem. Você é mais poderoso que as correias que o reprimem. Deve libertar-se delas. – Apela Antônio.

Como solto pelas palavras, o espírito começava a se revoltar. A ventania ruge feroz, como quando atacou Antônio em seu barco. Próspero, raivoso, grita para seu verdugo.

— Não, tempestade. Não zombará de mim. A destruição que agora constrói

não me parece nova, nem estranha. Apenas a mesma, em outra artimanha. Caça-o, Calibã. Dê-lhe o castigo que tanto almejava.

Pronto pela ordem, Calibã salta para cima de Antônio, projetado pelas possantes patas e com as mãos tenazes. Quando o agarra, o vento torna-se mais violento, joga Próspero de seu trono e paralisa Calibã com as mãos apertando as vestes de Antônio, enquanto ele tentava ao menos manter os olhos abertos.

Antônio, com a força que seu corpo castigado permitia, coloca as pernas no peito de Calibã e se projeta para trás, fazendo-o perder completamente o equilíbrio, enquanto Antônio se impulsiona para o portal atrás de si, no mesmo momento em que Ariel desenlaça seu potencial em tormenta. Antônio salta para fora, para o caminho na mata, e atrás de si rosnava os ventos como cães famintos, e tão destrutivos como todas as mandíbulas de uma matilha.

Antônio corre pelo caminho da floresta até a praia. Ofegante, não olha para trás em momento algum. Olha novamente para o céu, onde o sol brilhava baixo, e o entardecer já lançava seu áureo brilho por todo o firmamento. As nuvens passavam calmas, com suas imperfeitas formas projetando perfeitas sombras sobre o mar, calmo como um espelho.

— Sim. Isso tudo também há de sumir. – A voz solene do vento ecoa novamente nos ouvidos de Antônio.

— Tudo desaparecerá no ar. Menos você, que é feita do mesmo tecido dos sonhos, mesmo em sua curta existência, entre um sono e outro.

Antônio se sobressalta. Ariel, então, começa a se mover violentamente como antes, atacando Antônio como um açoite impiedoso, com o som de estalos e malhos.

— Dorme agora. Torne a sonhar.

O assoviar do vento começa a se atenuar enquanto pousa o corpo de Antônio no chão. O sol volta a se esconder no horizonte enquanto finalmente Ariel se recolhe numa brisa.

E o resto é silêncio.

fim

Dias Campos
São Paulo/SP

William, o papagaio

Seu Osório tinha duas paixões e um sonho. Aquelas, sua esposa e a literatura; este, o de morar na praia quando se aposentasse.

Veio a inatividade. Trocaram-se os ares. Mas se foi a companheira.

Para compensar a solidão da viuvez, seu Osório comprou um papagaio. E chamou-o William, em homenagem a Shakespeare.

No entanto, como em seu lar os bons modos sempre reinaram, ele não ensinaria à mascote palavrões ou baixarias. Apenas frases icônicas sairiam do seu bico.

Certo dia, um amigo apareceu.

Ora, o emplumado não o conhecia. Daí que o "intruso" tomou um susto ao ouvir sua estridente voz:

- Currupaco! "Deixai aqui todas as esperanças, ó vós que entrais!"

Não se precisaria dizer que a ave foi o centro das atenções depois que o visitante identificou Dante e sua Divina comédia.

Mas a visita não era ao papagaio. E ambos foram para a copa, a fim de tomarem um café e de matarem as saudades.

Em dado momento, o recém-chegado contou que estava preocupado com a neta, visto que começara a namorar um fulano que, pelo que soubera, estava obcecado por ela.

Vai saber o que passa na cabeça desse garoto?!... – perguntou o avô zeloso.

E William atalhava:

— Currupaco! "Iracema, a virgem dos lábios de mel,..." – Mas só seu Osório riu com José de Alencar.

O dia acabava. E era hora de partir.

Antes de sair, seu amigo pediu um conselho. Perdera uma grana preta no jogo clandestino. O que deveria fazer?

Seu Osório bem que tentou, mas...

- Currupaco! "Ao vencedor, as batatas!" – Ó Machado!

Edgar Borges
Boa Vista/RR

Sobre #TBTs, fotos e despedidas

Quinta é dia de publicar fotos antigas nas redes sociais. É o dia do #TBT, quando todo mundo se sente autorizado pelos amigos virtuais a abrir e compartilhar o conteúdo de seus baús digitais.

Fiz isso dia desses e publiquei no facebook e no instagram uma foto do tempo em que cursava o ensino médio na escola estadual Gonçalves Dias, o GD. Nessa época, em Boa Vista, Roraima, os fotógrafos iam na escola, batiam as fotos das turmas, expunham as cópias na vidraça da diretoria e quem quisesse pagava para ter a sua cópia. Eu quis. Apareço nela com o cabelo bem alto no topo, como se fosse um cantor sertanejo. Não era, mas na primeira metade dos anos 1990 tudo se permitia em relação aos cortes.

Essa foto me rendeu depois um namorico: Karla, uma menina que havia conhecido em uma festinha meses antes, me reconheceu na imagem e me contatou pelo telefone convencional da casa dos meus avós (talvez o tenha obtido através de outra pessoa na foto). Marcamos, nos agradamos e ficamos várias vezes. Ela morava na frente da praça do bairro Aparecida, na casa dos tios, a uns 10 minutos de bicicleta.

O namorico só não foi mais pra frente porque, no meio duma ligação, a gente discutiu um pouco e, para me despedir e deixar esse papo para outra hora, falei "adeus" achando que estava dizendo "depois te ligo". Ela, meio espantada, ainda perguntou se era isso mesmo, eu estranhei que ela não entendesse e mantive o meu adeus.

Karla não me ligou no outro dia e eu era muito orgulhoso nesse tempo, coisas de jovenzinho sem noção. Por isso, também não liguei de volta e ficamos assim, terminando nosso romance sem terminar. Depois disso, só lembro de tê-la visto uma única vez; eu dentro de um ônibus, ela

esperando a sua vez de embarcar em outro. O engraçado da história é que na festinha em que nos havíamos conhecido eu havia gostado mais da prima dela, com cabelos castanhos e um par de olhos claros daqueles que sempre me fizeram perder a razão.

Voltando ao telefonema do adeus: somente anos depois, em um estalo de sabedoria, compreendi que havia feito a tradução errada em minha jovem cabeça ainda muito cheia dos conceitos e dos usos das palavras em espanhol, minha língua materna e que até uns dois ou três anos antes era o meu idioma principal quando morava na Venezuela. Nessa epifania, entendi que "adiós" (adeus, na tradução literal), nunca será “até logo” em português. Entendi também que não é para sumir do nada quando se termina um romance. Pelo menos um “até aqui fomos” tem que rolar.

https://linktr.ee/borgesedgar

Edih Longo
São Paulo/SP

(IN)cidadania

Cândido era puro como o nome. Chegou do interior com uma mala e o peito cheio de vontade de vencer na cidade grande. Seria uma história banal se descendo a ladeira do terminal de ônibus não tivesse sido roubado. Procurou um guarda que o mandou para a Delegacia mais próxima. Perdeu-se no caminho e quando deu por si, estava envolto em um corre-corre de gente que não acabava mais.

Assustado, nem percebeu quando foi segurado pelo braço e jogado dentro de um carro parecendo uma gaiola. Quanto mais explicava, menos o policial acreditava nele, mandando-o calar a boca.

— O que aconteceu? Perguntou.

O guarda deu-lhe um tapa no rosto, batendo fundo na sua dignidade. Finalmente, chegaram a um local grande, com uma fila maior ainda de gente que estava esperando para ser atendida. Sentou-se no lugar indicado com as mãos trêmulas apertando o peito. Olhou para o companheiro do lado que estava com as mãos presas e um olhar de fera acuada. Olhou para a mulher do outro lado e ela, apesar de ter um filete de sangue nos lábios vermelhos e uma mancha negra nos olhos, piscou para ele escandalosamente.

— Onde estou? Perguntou-lhe.

— No esgoto do mundo, a mulher respondeu.

O guarda que o trouxera aproximou-se.

— Onde estou? Perguntou-lhe.

— Em uma Delegacia.

— Ah, graças a Deus, acabei vindo ao lugar certo. Eu gostaria de fazer uma queixa: fui roubado.

— Aqui a gente prende e não atende aos agitadores, camarada.

— Agitador, eu?! Mas eu sou uma pessoa calma. Eu fui roubado.

— Você estava numa passeata comunista e diz que foi roubado?

— Eu cheguei hoje do interior e roubaram minha mala e meus documentos, seu guarda, eu juro!

— Claro que vocês não andam com documentos para não serem identificados, contra-argumentou o guarda.

A mulher disse ao policial que estava na cara que ele era inocente. O homem de mãos presas também reafirmou isso, mas ele precisava entregar o produto de sua performática ronda.

O medo aumentou a dor no peito. A angústia aumentou mais ainda quando percebeu que não era um cidadão. Não tinha documentos, não tinha ninguém por ele, somente dois miseráveis nas mesmas condições. Pelos seus olhos enevoados, a sua vida simples do interior passava como se fosse um filme em branco e preto.

A mulher ao lado agora parecia sua mãe. O homem algemado parecia seu pai. Aquela fila à sua frente parecia uma boiada indo ao matadouro. O guarda, de repente, ficou enorme e parecia o matador com seu cutelo. Procurou Deus, mas Ele devia estar cuidando de ovelhas e não de bois. A dor agora tomava conta de seu corpo todo e apenas gemeu:

— Eu fui roubado.

E o (in)cidadão Cândido caiu fulminado por um enfarte do miocárdio; sendo encaminhado para estudos nos laboratórios do Hospital de Clínicas, onde seria retalhado como um boi para o bem da Medicina.

Que Hipócrates coloque em seu peito vasculhado uma prece em seu louvor.

FIM

www.facebook.com/edih.longo

Edna das Dores de Oliveira Coimbra
Rio de Janeiro/RJ

Siga os passos do Mestre!

Deus, como eu posso fazer este povo aprender
se não sobra tempo nem para comer.
Não sabem ler, não sabem escrever, do amanhecer ao entardecer
estão com as mãos na terra e o suor a lhes escorrer.
Com o arado revolvendo a terra, eles precisam plantar
arroz, feijão, mandioca e milho
para que na mesa do empregador nada possa faltar.
E quando retornam para casa com a enxada nos ombros, curvados pelo cansaço
eles não querem abraçar nem copular
o que eles querem mesmo é uma esteira para descansar.
Capina, enxada, mãos calosas e inflamadas, corpo exausto quase em colapso.
Que vida desafortunada!
Deus como eu posso fazer este povo aprender
não somente a ler ou a escrever
mas também a "transformar a realidade para nela intervir."
Se eu conseguir esta realização, de igual modo terei cumprido o meu papel
na vida desta gente humilde e de situação tão desigual.
Gente sofrida, maltratada, esquecida, que precisa enfrentar a labuta
no sol ou na chuva independente das suas lutas.
Deus, como eu posso fazer este povo aprender
que não basta apenas viver por viver, que é preciso conhecer seus direitos sociais

para prevenir as demandas emergenciais.
Eu sei que para estes, assim como era para os trezentos angicanos
da vilela simples do nordeste, alunos do Professor, que era chamado de agitador
o saber pode parecer inatingível.
Todavia um homem com saber adquiri conhecimento
e o conhecimento o leva a discernir comportamentos.
Deus, como eu posso fazer este povo aprender
a estender as mãos não apenas para agradecer
a oportunidade de "catar as espigas que ficam caídas no chão"
ou o que sobeja da casa do patrão.
Mas especialmente por atingir a aprendizagem
que pode ser compartilhada por estas mesmas mãos
assim como muitas mãos de outrora, dos irmãos que foram alfabetizados
e que se orgulharam das "quarenta horas estudadas".
Que os meus igualmente sejam capazes de transformação
e que percebam que suas mãos não trabalharão sozinhas
junto com elas estarão palavras vivificadas
"palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo"
e que trazem a liberdade tão desejada.
Deus, como eu posso fazer este povo aprender
a importância que há no verbo conhecer
Porquanto o conhecimento trará a capacidade de ação
e o que era oprimido agora tem autodeterminação.
Então este povo entenderá, que aquele que aprende hoje, amanhã ensinará
porque "os homens se educam em comunhão" e assim todos terão parte no quinhão.
Deus, como eu posso fazer este povo aprender

que não precisa ter vergonha de desejar ler.

Às vezes exaurida fico a me perguntar, onde eu estou errando

se não consigo a aprendizagem deste povo englobar?

Então eu ouço uma resposta, que dá arrimo a minha lida

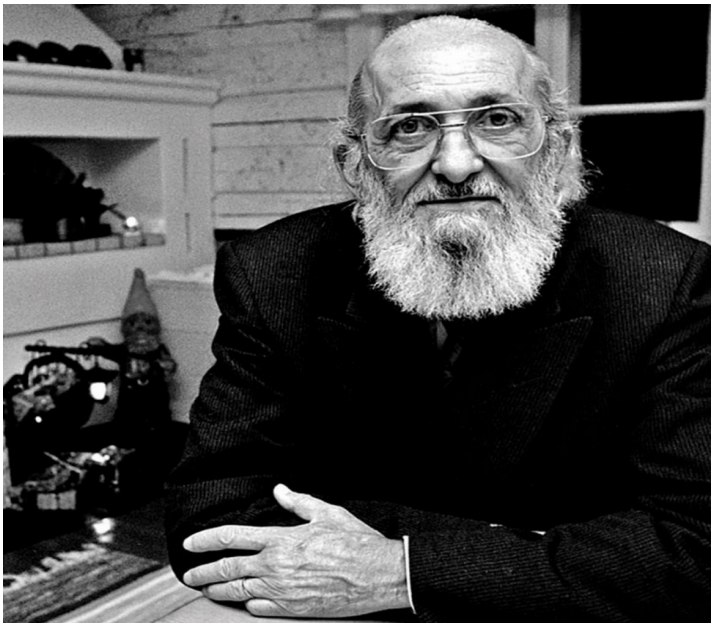
Educadora, mantenha o foco dos princípios fundamentais ensinados.

Agindo assim não haverá equívoco.

Siga os passos do Mestre!

(em comemoração ao Centenário do Educador Paulo Freire).

https://www.facebook.com/edna.coimbra.921



Edweine Loureiro
Saitama, Japão

ROBÔS

O futuro chegou! No outro dia, em Kameido, bairro de Tóquio, parei em uma loja de conveniência para comprar uma garrafa de água. Distraído como só um escritor pode ser, fui até o freezer, peguei a garrafa e dirigi-me ao caixa. Mas qual não foi minha surpresa quando, chegando ao local do pagamento, não vi ninguém! Nesse instante, olhando ao redor, gritei um "sumimasen" (algo como "desculpe, mas ninguém vai me atender?!"). A resposta, porém, não veio. E foi aí me dei conta: diante de mim, no caixa, havia uma máquina na qual o cliente poderia fazer o pagamento por sua conta e levar o produto. Ainda desconfiado, olhei mais uma vez para os quatro cantos da loja: até que finalmente entendendo o processo, efetuei o pagamento e saí correndo daquele lugar frio e medonho.

Sim, acreditem: a experiência pode ser assustadora. Entrar em um local e ter de lidar apenas com uma máquina, sem nenhuma interação humana, parece um prenúncio do fim de nossa espécie — algo do tipo "O Exterminador do Futuro". Sei que muitos podem contra-argumentar: é melhor isso do que receber na cara as grosserias próprias de muitos atendentes de lojas. De fato, não vou discordar: tem essa vantagem. Mas mesmo esse aspecto torna-se preocupante; pois uma palavra amarga, pelo menos, ainda tem um quê de calor humano.

Estou exagerando? As máquinas podem também ser amigas da humanidade? Claro que podem. E podem, inclusive, salvar nossas vidas. É o caso das cirurgias que hoje são uma realidade graças à ajuda da tecnologia robótica (li isso em algum lugar... teria sido num livro de Isaac Asimov?). De todos os modos, os robôs estão aí e já começam a dividir conosco várias tarefas. E o Japão,

naturalmente, tem sido mais uma vez referência nesse campo. Há um mês, levei meu filho a uma dessas exposições realizadas por universidades de tecnologia locais. O pequeno obviamente ficou fascinado com os movimentos dos robôs. E eu também. Havia, por exemplo, um deles, gigantesco, creio que uns três ou quatro metros de altura, que levantava objetos pesados — era este um robô programado para ajudar em construções e afins. Confesso que, enquanto observava tal gigante, fiquei imaginando se algo do tipo caísse em mãos erradas. Um perigo que, infelizmente, sempre há. Pois sim, para o bem ou para o mal, o fato é que a chamada inteligência artificial já domina as nossas vidas. Mas ainda é cedo para saber se vamos precisar da ajuda de Schwarzenegger. Por enquanto, no Japão, ainda há lojas de conveniência com sorrisos humanos ao balcão... Esperem. Aquela atendente japonesa não sorri jamais e, toda vez que um cliente vai pagar, ela repete automaticamente a mesma frase. O seu colega, ao lado, a mesma coisa. Seriam androides? Na dúvida, vou pagar logo e dar o fora daqui!...

***

https://www.facebook.com/edweine.loureiro

Elidiomar Ribeiro

Rio de Janeiro/RJ

Seiscentas mil vezes menor

Se todos tivessem feito tudo certo,
A pandemia já tinha acabado.
Se todos tivessem feito tudo certo,
A Ômicron nem teria surgido.
Se todos tivessem feito tudo certo,
A vacina teria chegado antes.
Se todos tivessem feito tudo certo,
Maria ainda teria mãe.
Se todos tivessem feito tudo certo,
Davi ainda teria pai.
Se todos tivessem feito tudo certo,
Márcio ainda teria filho.
Se todos tivessem feito tudo certo,
Rodolfo ainda teria filha.
Se todos tivessem feito tudo certo,
Eduardo ainda teria avô.
Se todos tivessem feito tudo certo,
Tallyta ainda teria avó.
Se todos tivessem feito tudo certo,
Sebastião ainda teria neta.
Se todos tivessem feito tudo certo,
Socorro ainda teria neto.
Se todos tivessem feito tudo certo,
Sebastião ainda teria neto.
Se todos tivessem feito tudo certo,
Renata ainda teria amor.
Se todos tivessem feito tudo certo,
Nem teria pandemia
E o Brasil não seria 600 mil vezes menor.

https://www.instagram.com/labeuc.elidiomar/
https://twitter.com/Elidiomar_

Elisandra Corrêa de Campos
Piracicaba/SP

Vejo

Foi-se o sol, veio a chuva
Para a chuva, cai a noite
Some as estrelas do universo
Cai um raio, soa um trovão

Desaparece todas as palavras da língua humana
Invade o silêncio e, ensurdece o mundo
...No vazio da alma

Lágrimas correm, dói o peito
Passos lentos, marcas na estrada
Para o vento, some a brisa, acaba o ar
Extingue-se a raça humana, junto da hombridade
A extinção do caráter, do amor, da amizade...

Vejo
Através dos meus olhos
Do fundo de minha alma que já não existe
Um ser que se diz homem,
Levou o que de bonito eu tinha
E hoje em mim plantou
Um ser que não sou mais eu.

Elton Sipp

Uma Organização Desorganizada

Os livros no nicho estavam organizados de forma desorganizada de propósito. Era uma tentativa de superar ou, pelo menos desafiar, o TOC (transtorno obsessivo compulsivo), algo que ela talvez leu em alguma revista ou assistiu algum vídeo na internet. Ela não sabia muito bem se estava funcionando, mas escolheu insistir mais um tempo na "organização desorganizada"... Ou como quer que se chame essa estratégia.

Ela estava deitada na cama, acordada a algumas horas, o cara que ela conheceu na noite anterior, com quem veio para casa, estava deitado do lado, de bruços. Roncava baixo. Muito menos irritante do que outros com quem ela já dormiu. Era mais uma respiração profunda, não um ronco de verdade.

Pensou em quantas noites fez isso... Sexo sem motivo, só por alguns momentos de prazer. Aliás, prazer que nem sempre acontecia. Sabe como é, né? Mas, ela não queria pensar nisso agora.

Estava preocupada pensando no que fazer e em como fazer... De alguma forma parecia que estava revisando toda a sua vida nos últimos dias. Alguns chamam de crise de meia idade, mas ela não conseguia ver assim. Só queria algumas coisas um pouco diferentes, um pouco melhores. Talvez descobrir onde foi que ela parou de realizar o que sempre foi seu sonho.

Temos disso às vezes. Começamos a nos absorver nos afazeres do dia a dia, nos compromissos e responsabilidades que vão surgindo. E com isso esquecemos de realizar nossos sonhos. Sabe aquele sonho de criança? De salvar o mundo, de tocar as nuvens, de encontrar um dinossauro. Ou qualquer outra coisa parecida. Em algum ponto da vida, por algum motivo, esquecemos de realizar. Não é que a gente deixa de sonhar isso de um momento para o outro, isso meio que se desfaz, como uma névoa da madrugada que se desfaz quando o sol começa a aquecer ela. Sabe como é?

Nas últimas duas semanas ela pensava nisso com mais intensidade. E nessa manhã, uma manhã de sábado, depois de bastante álcool, muita agitação e mais uma noite com um estranho, ela acordou no fim da madrugada pensando sobre tudo isso de novo.

O sol começou a clarear o lado de fora da janela e as pequenas frestas permitiam que a luz começasse a ficar mais forte. Levantou e fez um café preto, ela queria mesmo era o açúcar de uma Coca-Cola para curar

a ressaca, mas um café preto parecia mais correto para o momento.

Voltou pelo quarto e foi até a varanda. Ele continuava dormindo. Como era mesmo o nome dele? Jon? Matheus? Vince?

Tanto faz, depois ela lembra. Provavelmente nunca mais vão se ver de qualquer forma, então não importa. Sentou na pequena poltrona da varanda e olhou para a cidade. A cidade é linda no amanhecer do outono. O calor do verão ainda se sentia pela manhã, mas em poucas semanas isso também vai ser diferente.

A vida é de ciclos, ela pensou. Isso mesmo, a vida é de ciclos. E eu estou querendo mudar o meu.

Sentiu um momento de paz com aquele pensamento. Logo os outros pensamentos voltaram e a paz se esvaiu. Olhou até onde podia, até o fim da rua. As pessoas indo e vindo pela calçada e nos carros. O sábado de manhã é mais calmo, mas ainda assim as pessoas se movimentavam. Algumas com pressa, outras com mais tranquilidade. Pensou no que aquelas pessoas podem estar passando e no que elas estão pensando. Pensou de novo nos nichos com os livros organizados de forma desorganizada. Deixou tudo para lá. Mas logo os mesmos pensamentos voltavam.

É assim que funcionamos, é assim que somos. Às vezes organizados, muitas vezes bagunçados.

Mudamos e ajustamos, voltamos a fazer o que fazíamos. Somos levados pela correnteza da vida, nos agarramos a alguns galhos ou outras coisas que podem nos trazer um pouco de segurança, e depois a vida muda algo e mais uma vez seguimos a correnteza.

Ele acordou, veio sentar com ela na varanda. Ela comentou que ele buscasse um café. Ainda está quente. Ele foi e voltou rápido. Que braços fortes ela pensou, nem tinha percebido isso ontem à noite.

Não conversaram. Ele tomou o café e ela pediu para que ele saísse. Nunca mais iriam se ver. Não foi preciso falar, os dois sabiam. Os dois tiveram o que queriam. A vida segue.

Ela voltou para a varanda.

A varanda parecia um templo naquele momento, sagrado para ela. Seu refúgio. É aqui que me sinto segura agora.

Voltou lá para continuar pensando, onde mesmo que ela tinha parado? Já não sabia mais. Então só ficou lá para ver quais pensamentos vinham à sua cabeça.

Logo pensou em quantas pessoas vivem naquela cidade imensa e em tudo o que elas podem estar passando. Ela sabia que o que ela estava passando, essa crise que ela não consegue admitir que é crise, é muito menos do que passar fome ou enfrentar alguma doença. Mas aquilo era muito presente, muito real para ela naquele momento. E isso não quer dizer que o problema dela seja maior ou menor do que o de qualquer

outra pessoa, quando temos alguma coisa em nossa frente, aquilo toma conta da nossa atenção. Não é fácil mudar o pensamento, às vezes é impossível de se fazer a coisa mais simples como olhar de outro ângulo, com outra perspectiva. Quando algo toma nosso foco, aquilo é importante.

Ela não encontrou uma resposta para o que buscava, não naquela manhã. Talvez fosse o álcool ainda na corrente sanguínea e a leve dor de cabeça, tem coisas que não resolvemos só com uma xícara de café, por maior que ela seja.

Ficou mais um tempo na varanda, de camisola. O vento morno da manhã era muito gostoso. A camisola leve tocando o corpo parecia fazer carinho. Era aconchegante.

Quanto tempo estou aqui? Uma hora talvez. Ou uma hora e meia... Não importa.

Entrou e tomou banho. Vestiu uma roupa confortável. Essa é minha roupa de apartamento, não importa que a calça esteja furada... É a mais gostosa que eu tenho. Voltou para a varanda para mais uma olhada rápida nas ruas e nas pessoas que estavam passando por ali. Era curioso para ela o fato de hoje ela querer olhar isso... Nunca fiz isso, isso nunca foi importante para mim, ela pensou.

Talvez isso seja amadurecer? Começar a prestar atenção em coisas que não prestamos atenção antes.

Talvez seja só uma ressaca forte que me faz querer ignorar o cansaço.

Ligou para a amiga para ver se poderiam almoçar juntas. Conversaram um pouco sobre a noite anterior e por fim decidiram almoçar juntas.

Enquanto ela falava no celular organizou os livros dos nichos sem nem perceber.

Talvez seja o inconsciente pedindo para organizar alguma coisa...

facebook.com/eltonsipp

instagram.com/eltonsipp

Elza Melo
Capanema/PA

Alma colorida

Quando andei dentro de mim
Tive a certeza que minha alma
Tem variados tons
É uma espécie de arco-íris
Com formato de flores
Vi também que ela possui
Diversos amores impregnados em si
Muitas descendências
Sou uma mistura
Das variadas posteridades
Que escrevem minha história
Sou presente e também memória
Tenho alma cabocla e indígena
Sou afrodescendente de consciência e raiz
Nasci mulher forte, corajosa e feliz
Tenho o amor marcado no peito
Nas mãos carrego respeito
Em minha alma colorida
Nunca houve preconceito.

Emily T. Domingues

Campinas/SP

A culpa nunca é da vítima

Minha maior cobiça é que você sinta a dor que senti quando você se adentrou em mim sem minha permissão
Sabe do que estou falando, não minta.

As lágrimas em meus olhos e esbravejos que dei naquele momento
Foram mais do que o suficiente para que você enfim percebesse que aquilo, para mim, era um tormento.

Mente suja, mãos de sangue,
Minha virgindade parece cada vez mais distante.

Suas mãos passaram por onde não deveria, recordo-me do seu toque a cada dia
E isto só eleva minha ira.

O ódio pela humanidade eleva-se
Quando vejo seus olhos, me encarando como se eu fosse um pedaço de carne
Sei o quanto sua luxúria te enlouquece.

Embora em claramente tenha dito não, me amaldiçoo por ter feito parte desta dança
Eu só me pergunto: como foi capaz de querer estuprar uma garotinha somente com seu vestidinho de criança?

— *Você vai pagar caro por isto*.

Tiktok: @sweet__imagination

Eni Ilis
Campinas/SP

Quando

Quando fechei o céu
abri a terra
Não teve estrondo
teve água
teve lava em trilha não feita
acompanhada pelo vento.

Fique dito e se esclareça.

Quando abri o céu
fechei a terra
Não teve estrondo
teve estrela
constelação
alinhamento no espelho eclipse.

Érika Cristina Faria de Souza

Belo Horizonte/MG

Borboleta Azul

Queria ser assim.
Como a borboleta azul
suas longas asas a mover
em câmera lenta a bater.

Sabia ser minha imaginação.
Sabia que ela estava parada no mesmo lugar
Sabia que nunca sairia dali, mas eu podia sonhar.

Olhar para ela,
era como uma lembrança uma memória antiga.
Como se voltasse no tempo
Como se realmente fosse um alento

Naquele dia!
Naquela hora!
Naquele momento!
Me despedia, pois, a morte chegou e o meu tempo parou!

Por isso a borboleta é meu tempo parado,
um tempo que não volta,
um tempo que não se vive mais!

Quando fiz a tatuagem,
relembrei dessa mensagem:
"O tempo nunca mais vai voar, não haverá mais o bater das asas".

Mas depois da borboleta aprendia a voar.
Entendi que preciso ir, mesmo que a borboleta continue aqui.
Ela nunca sairá do lugar!
Como a tatuagem que não se move,
preciso me mover por ela, até que um dia minhas asas decidam descansar.

Filipe Cotrim
Guanambi/BA

Apenas te amo

E quando de resto nada importa?

E ter razão já não faz tanta diferença,

Quando teu abraço me é suficiente,

Repousar sobre teu corpo,

Calar a dor que nos permeia,

Ver nossas angústias se esvairem.

Neste nosso mundo que é só nosso,

Damos piruetas na chuva,

Pois és meu sol em dias nublados,

Estalo de vida em meio ao caos,

O teu sorriso de canto de boca,

Denuncia seu contentamento,

E que estamos ali por nós, apenas.

No teu sorriso vejo perspectivas,

Na tua face tranquilidade,

E bem como a chuva de primavera,

As ansiedades passam,

Me abrigo no seu colo,

E mesmo que eu possa,

Não quero mais ser feliz sozinho,

Escolhi ser contigo,

Viver o amor que nos nutre.

@filipe_cotrim

Flávia Prata
Cuiabá/MT

Reencontro

Depois de 25 anos elas se reencontraram!

Benditas sejam as redes sociais que permitem os reencontros e a proximidade, superando a distância física.

Tudo começou com uma troca de mensagens, relembrando os tempos em que uma era a aluna e a outra, a professora num curso de pós graduação de uma Universidade Federal.

E bastaram poucas palavras trocadas pelo aplicativo para que os laços se restabelecessem, e mais que isso, para que as afinidades e gostos viessem à tona.

E quanta coisa em comum havia entre elas…

A profissão escolhida, o gosto por moda, os interesses políticos, a religião, algumas semelhanças físicas e até o interesse por astrologia . Aliás os signos das duas eram os mais compatíveis do zodíaco.

As conversas virtuais tornaram-se um alento e uma válvula de escape para os dias turbulentos que viviam. Em plena pandemia , enquanto a regra era isolamento físico, elas aproximaram os corações. Em dias de máscaras cobrindo os rostos , as almas foram expostas pela cumplicidade.

Descartaram os títulos, aluna e a professora . Tornaram - se amigas.

Após alguns meses de conversas diárias, finalmente o primeiro encontro .

Numa tarde de domingo chuvoso, a que um dia fora a professora, tornava-se agora a anfitriã.

Esperou à porta e sorriu dando boas vindas . Sorrisos, uma certa reserva e muita curiosidade. Afinal o que esperar daquela visita inusitada…?

A ex-aluna sorriu de volta, um tanto tímida. Nas mãos um terço e uma Bíblia, como um mimo para

marcar aquele reencontro. No peito, um misto de ansiedade, alegria e timidez.

Em questão de instantes as reservas de uma caíram por terra e a curiosidade se desfez . A timidez da outra ficou esquecida lá fora.

Se uma era falante, , a outra não ficava para trás.

E conversaram!

Uma conversa acompanhada de café fresco , pão de queijo quentinho e bolo de côco.

Relembraram pessoas conhecidas , falaram de filhos, família, profissão . Falaram de si! Trocaram ideias, fizeram projetos.

Não se sabe se conversaram por três minutos ou por três horas. Gostar tem disso, a gente não vê o tempo passar. Quando se sente bem, o tempo não é medido pelos minutos, mas sim pelo grau de encantamento e felicidade que proporciona.

Esse foi o primeiro encontro de tantos outros e veio para consolidar uma amizade recheada de trocas, confissões, sintonia e muita afinidade.

E no aconchego daquela sala de jantar, entre conversas, sorrisos e café, a amizade foi selada.

A despedida foi permeada de alegria por aquele reencontro e marcada pelas promessas de novos encontros.

Um dia a aluna quis rever a professora. Em instantes descobriram-se amigas. Amigas de almas. Amigas irmãs.

E assim elas seguem, entre uma troca de mensagens e outra, uma viagem para um novo encontro. Entre conselhos, confissões e conversas sérias, muitas risadas e uma leveza sem igual.

E como o tempo é aliado do bem-querer, o que as duas mais desejam é que essa amizade seja eternizada.

Gedeane Costa
Recife/PE

As Lágrimas

saiu da caverna, a lágrima triste
sem que as palavras mentissem
veio antes do grito
ou mesmo do silêncio pavoroso
do mais novo ao idoso.

a lágrima alegre
embora tão breve
estampou no rosto fino
ou da pele enrugada
mas a pessoa extasiada
em cambalhote do espírito
respirou aliviada!

http://paginasinfinitas.blogspot.com/

Gigi Locateli

Chapecó/SC

Foi só um sonho!

Eu sentia o balanço do elevador enquanto descíamos. Queria acreditar que aquilo era um sonho ou talvez mais um dia quente no deserto. Não podia ser real.

Quando o elevador parou e sua porta abriu, eu pude ver como tudo era acinzentado ali e quente, muito quente. Eu sentia meus poros transpirarem, meu coração acelerar e um desejo enorme de voltar para cima. Ao mesmo tempo em que reconhecia aquele lugar e era tomada por lembranças desagradáveis.

Como que pressentindo as minhas lembranças, ele me disse: Você foi resgatada daqui.

Eu não queria acreditar que aquele já fora meu lar. Eu só via uma devastação gigante, um mundo em tons marrons e cinza, um lugar que só poderia ser castigo para as almas. Mas eu não podia explicar as lembranças que tinha sem reconhecer que já estivera ali no passado.

Caminhamos um pouco em uma direção qualquer, pois ali todas as direções pareciam levar a lugar nenhum. Vi algumas pobres almas vagando por ali em desamparo, enquanto outros as dominavam com violência. Era aterrorizante e senti reavivar um medo que eu não lembrava mais.

Percebendo minha reação, ele me acalmou dizendo:

- Eles não podem nos ver.

Eu tinha lembranças da violência dos homens, me recordando de fugir, me esconder e enfrentá-los em alguns momentos. Lembrava de uma vida de revolta com a realidade. Uma revolta que me levou a ser violenta também. E, ainda observando as vítimas e seus algozes, questionei:

- De que lado eu estava?

- Dos dois. – Ele respondeu.

Eu realmente conseguia me ver nos dois lados. Eu sentia que tudo o que eu via, existia em mim. Talvez eu tivesse sorte de não existir mais, mas tudo aquilo fazia parte da minha história e eu não podia fingir que nunca aconteceu, por mais que fosse esse o meu sincero desejo.

Eu já tinha saído dali uma vez e agora queria sair novamente.

Vi o elevador descendo e uma equipe de resgate chegar, recolhendo uma menininha que se escondia ao norte de onde estávamos. Presenciar aquele resgate me trouxe lembranças de quando fui resgatada. Naquela tarde, eu teria morrido pelas mãos de meu algoz se não tivesse recebido

ajuda. Ainda sinto em meu pescoço um aperto, enquanto o ar a chegar em meus pulmões se tornava mais raro. Eu lembro de ter visto uma luz aumentar de intensidade enquanto parecia se aproximar. Ao chegar mais perto, pareciam vultos opacos que sedaram meu algoz e me carregaram. Lembro da minha visão ficar cada vez mais embasada e, a partir daí, tudo foi esquecido.

Eu tinha renascido em outra vida, ocupado outro lugar e deixado tudo isso para trás. Tinha enterrado as lembranças e fingido que aquela vida nunca havia acontecido. Para quem acredita ser evoluída, eu parecia muito hipócrita agora. Mais um autoengano para a minha lista.

Nisso, questionei ele:

- Você me trouxe aqui para me dar alguma lição de moral?

- Não, - ele respondeu – você vai realizar resgates.

Eu o encarei incrédula, pois não tinha qualquer intenção de voltar ali, ao mesmo tempo em que compreendia o que ele me pedia e sentia que não podia recusar a missão. Então lhe encarei apreensiva e respondi:

- Ok, mas eu prefiro não lembrar.

Então acordei de um sonho esquisito que logo esqueci e voltei a dormir. Foi só um sonho!

(@gigi.locateli)

Gislene da Silva Oliveira
Paragominas/PA

Insolente e derrapante amor

Nunca, nem por sonho te arrependas de me amar.
Eu ainda não me imagino sem este sentimento,
Eu preciso do teu amor.

Mais que o ar que respiro, imensamente mais
que tudo que me impulsiona a viver,
Eu preciso do teu amor.

Não te partas de mim...
Não te ausentes de minha vida descolorida,
Não fujas do meu carinho.

Perdi o jeito de dimensionar o que sinto,
Só sei que dói e é assustador.
Quero-te, menina, sim, e te farei mulher,

Nos momentos loucos dessa paixão demente.
Enfim, sou um doente terminal,
Feliz, farto e infartado de tanto amor.

https://www.facebook.com/gislene.oliveira.56/

Giulia Wydra
São Paulo/SP

Sanidade

A que ponto dei o poder de minha vida a você para tu estragar tanto ela? Até que ponto doamos nossa vida aos outros? E, com essa doação também doamos nossa sanidade, a qual já não tenho mais, já a doei. A doei a um outro, que a estragou.

Giulianno Liberalli

Nova Iguaçu/RJ

Um Personagem

Bloqueio, bloqueio e bloqueio. Tantas ideias e cenários passam pela minha cabeça, mas nenhum toma uma forma definitiva, pois falta uma coisa essencial para a história fluir: um personagem. Não qualquer personagem, mas O Personagem! No escritório sento diante da velha Olivetti elétrica, pego uma folha de papel, giro o cilindro para posicioná-la e com uma xícara de café na mão está tudo pronto para começar. Você deve estar se perguntando:

"*Máquina de escrever nos dias de hoje? Mas e o computador, o editor de texto?*"

Estão ali, na outra mesa, mas com a Olivetti crio o clima, a estrutura, a base, tem a inspiração que a acompanha, eu acredito que seja seu ar de filme *noir*, enfim. Devidamente acomodado, começo a datilografar.

Tec. Tec. Tec.

Tenho o cenário de um assassinato, um corpo surge no chão e o detetive entra em ação:

"*Era uma noite de quinta-feira, cheguei ao local do crime e o sargento Perez me aguardava, o ar cheirava a mofo e sangue seco. Pelo*

jeito nosso amigo no chão se meteu com a pessoa errada...".

Na minha frente o detetive caminha pela sala, observando, pegando coisas e analisando um corpo estirado no chão. Não, não é bem assim. Tiro o papel, amasso e jogo fora. O detetive e o cadáver somem no ar.

Outra folha e ajeito a margem, lá vamos nós de novo. Fora da atmosfera terrestre brilhavam as estrelas, a lua era a companheira do astronauta em perigo:

"*Diário da missão, cosmonauta Lasinski reportando. Sofremos um acidente com um velho satélite no terceiro dia. Meu cabo está quase se rompendo, preciso alcançar a estação, senão...*".

E ali está o cosmonauta, com sua roupa refletindo a luz do Sol no vácuo espacial, quase tocando o teto estrelado do escritório, mesmo diante da morte iminente ele inspira confiança... Não, também não vai rolar. Sai folha, cesto de lixo, cosmonauta some junto com sua face de determinação. Nova folha, em posição e vai.

"*Um canhão de luz ilumina o palco esfumaçado em uma noite de show no cabaré, a cantora surge por detrás da cortina de veludo vermelho, dirige-se lentamente para o microfone no pedestal à sua frente. O vestido azul cheio de lantejoulas que marca suas formas perfeitas brilha iluminado pelo canhão e...*".

Ainda não é isso, que saco! Outra folha para o lixo e a cantora desaparece com a boca ainda aberta para uma canção que nem teve chance de começar. Que agonia esses bloqueios, como criar um personagem pode ser tão difícil às vezes? Começo a andar pelo escritório com uma folha e uma caneta na mão em busca de uma luz, mas nada me prepara para o choque de olhar para a minha mesa e me ver ali, sentado diante da máquina de escrever me observando.

— Como isso é possível? — perguntou o autor olhando para si mesmo datilografando. — Quem é você?

O autor para de datilografar e olha para sua imagem, seu duplo, em pé diante dele gesticulando ridiculamente com uma folha de papel e uma caneta na mão enquanto questiona sua existência.

— Quem sou eu? Eu me pergunto o que é você, se achando o grande criador de tramas. Tenha a santa paciência, já vi que como personagem não vai à frente.

— O que quer dizer com isso?

O autor puxa a folha de papel da máquina e começa a rasgá-la, o personagem recusado do autor começa a se desfazer como um sonho quando se está acordando.

— Não... — Suas últimas palavras enquanto sumia aos pedaços caindo na cesta de lixo.

Com uma xícara de café na mão o autor levanta, vai até a janela para observar a vida, buscar inspiração e suspira:

"*Como é difícil criar um bom personagem*...".

https://scriv.com.br/giulianno/

Fonte da imagem: https://adoropapel.com.br/wp-content/uploads/2020/01/blog-5.png

Gustavo de Souza Paschoim

São Paulo/SP

Uma contemplação à individualidade

Era mais um dia normal na vida de João Pedro. Ele acordou às 05h35 da manhã, como fazia todos os dias, e comeu pão com ovos mexidos. Em seguida, arrumou-se, despediu-se de seus pais e foi para a faculdade. João Pedro cursava Direito em uma das melhores universidades do estado, mas queria mesmo era ser ator. Ao fim de sua carga horária, na hora do almoço, ele voltava para casa.

Era mais um dia normal na vida de Dora Miranda. Ela havia acordado bem cedo, no mesmo horário em que seu marido levantava, para deixar o almoço pronto para quando sua filha chegasse do colégio. Ele era mecânico; para contribuir na renda familiar ao fim do mês e garantir a matrícula da filha em uma escola particular, ela trabalhava como diarista doméstica. Uma vez que o marido ia de carro para o serviço, Dora Miranda tinha que usar o transporte público.

Era mais um dia normal na vida de Paulo Rodrigo... Exceto que ele estava apreensivo: hoje, ele acabou dormindo demais e estava atrasado para o trabalho. Em sua mente, já era possível imaginar o seu chefe gritando com ele. "Se você não está interessado neste trabalho, há quem esteja!", a voz de Lobato ecoava em sua cabeça. É certo que isso nunca havia acontecido antes com Paulo Rodrigo, e também é certo que o Sr. Lobato sempre foi muito atencioso e calmo com seus funcionários, mas sua ansiedade naquele momento não permitia pensamentos racionais. Ele estava angustiado; Paulo Rodrigo nunca gostou da falta de pontualidade em seu dia a dia.

Era mais um dia normal na vida de Ana Clara, que era veterinária. Hoje era o seu dia de folga, então ela havia combinado com seus pais de ir almoçar na casa deles. Seus avós também estariam lá, e já fazia alguns meses que ela não os via.

Rotinas únicas de pessoas completamente diferentes. A única coisa em comum entre eles, porém, era que, naquele momento, todos se encontravam no mesmo metrô.

Miguel, que também estava ali, contemplava a diversidade e complexidade humana no metrô. Olhava para João, olhava para Pedro, olhava para João Pedro e tentava adivinhar as ambições e sonhos daquele rapaz. Observava Dora,

observava Miranda, observava Dora Miranda e compreendia o amor que aquela mulher carregava por sua filha. Miguel via Paulo, via também Rodrigo, via Paulo Rodrigo e a preocupação estampada em seu rosto, e a pressa amassada em sua camisa. Avistava Ana, avistava Clara, avistava Ana Clara e a alegria de reencontrar familiares queridos que não via há tempos.

Miguel, em uma viagem interna, contemplava cada pessoa que no metrô estava, e, ainda que não fizesse ideia nem do nome de nenhum deles, sabia do básico: que cada um possuía sua própria história e motivos únicos de estarem ali, completamente diferente dos dele, completamente diferente de tudo (mesmo não conhecendo nada sobre ninguém). Mas não tinha dúvida que, assim como ele, todos tinham pessoas que amavam e pessoas que os amavam também; paixões, motivações, sonhos que os moviam; individualidade. Miguel contemplava.

Ele estava tão dentro de si mesmo, tão dentro de seus pensamentos, que acabou não percebendo quando o metrô passou direto pela estação em que ele desceria. Na verdade, quase ninguém percebeu. Ao contrário do que se é esperado, já havia duas estações que o metrô não parava; esta era a terceira. As pessoas só começaram a perceber que havia algo de errado após passarem, sem parar, pela quinta estação e não terem sequer ouvido a voz que costumava anunciar para onde estavam indo. Uma misteriosa preocupação começava a acender em alguns.

Duas moças no vagão, que antes tocavam "Für Elise", de Beethoven, no violino, começaram a tocar "Hallelujah", de Leonard Cohen... Mas você não liga muito para a música agora, não é? A este ponto, um tumulto começou a se formar. Cochichos altos e desconfiados de pessoas que conversavam entre si soavam como uma espécie estranha de coral para o violino, enquanto o barulho do trem em movimento abafava todos os sons. Uma criança, que viajava com a sua mãe, começou a ficar assustada. O choro confuso e apavorado dessa foi o suficiente para despertar o choro de outras duas crianças que também estavam lá. O metrô havia passado pela sexta estação agora, e ainda não havia parado.

O vazio silêncio do operador de trem apenas servia para deixar tudo ainda mais caótico. Afinal, ele sabia o que estava acontecendo?... Ele sabia o que estava fazendo?... Ninguém sabia. Algumas pessoas até tentaram, mas os botões de emergência não pareciam funcionar. Nos vagões, o desespero tomava conta de todos. "Quando é que isto vai parar?", eles se perguntavam... Mas ninguém sabia. O metrô passou pela sétima estação sem parar.

Estavam aproximando-se do terminal. A velocidade do metrô apenas aumentava, mas cada

segundo parecia demorar uma eternidade. Em sua velocidade máxima, o metrô passou pela oitava estação, pela nona, sem parar, e os vagões estavam completamente mergulhados no caos. As violinistas já não tocavam mais; o que restava agora eram apenas ruídos indistinguíveis de sabe-se lá o quê. A décima estação, a décima primeira, o fim da linha..., e Aleluia! O inevitável aconteceu: o metrô colidiu com o fim do túnel, e o que normalmente seria o destino final do trem, uma estação cheia e movimentada, foi temporariamente declarado uma zona de calamidade pública. Ninguém daquele vagão sobreviveu...

Rotinas únicas de pessoas completamente diferentes. A única coisa em comum entre eles, porém, era que, naquele momento, todos estavam mortos.

Um descuido, um acidente que resultou na interrupção de, no mínimo, dezenas de histórias naquele dia; de dezenas de vidas de pessoas diferentes. Naquela tarde, João Pedro não voltou para a casa de seus pais após a faculdade; a filha e o marido de Dora Miranda nunca mais viram o sorriso de alegria da mãe — e esposa — quando esta voltava para casa; Paulo Rodrigo nunca mais foi ao trabalho após o ocorrido; e Ana Clara nunca mais viu seus avós... e nem seus pais.

Miguel contemplava.

https://www.instagram.com/escritoporgustavo/

Gutenberg Löwe
Juiz de Fora/MG

Haicais cotidianos

Nos olhos enormes
esconde-se o medo das
chuvas de verão

Noite de verão
Poluição e nuvens breves
cobrem seu sorriso

Pela trilha estreita
sob as pétalas, descubro
nova primavera

Lado a lado, seguem
para além de seu caminho
sonhos nas patinhas

Hernany Tafuri
Juiz de Fora/MG

Peito portátil

dormente pela bofetada
meu rosto corado
atesta o nocaute que seja
o amor
este vício
que escorre por meus lábios
em goles e gulas
cada vez maiores.

deixo
o escarro à boca dos Anjos
e fico com o beijo que emudece
meu corpo
aplaca minha fúria
num silêncio visceral:

nem
a
distância
estes degraus que às vezes
teimam em nos separar
nos consegue vencer
enquanto o resto do mundo
torna-se paisagem
numa metamorfose
contida em nossos olhos.

dizer euteamo!
não é mania
nem psicose
nem brincadeira
tanto que inventei um verbo –
teamar! – apenas para mandar
às favas os clichês
e viver a teu lado tranquilo
sem trema
peito portátil a portar-te
rosto rosado de satisfação
por ratificar nosso amor
este nocaute.

À Vanete Oliveira, meu amor!

Ícaro Marques Estevam
Ipatinga/MG

Porto Madero

E eu fico aqui pensando
Se tivéssemos mais tempo naquele instante
Quantas rosas teria seu sorriso desabrochado.
Mas também me recordo sangrando
Brilhando em vida e desespero constante
Do olhar distante e desinteressado.

Há coisa que é melhor
Deixar para atrás enquanto o universo
Cintila dentro de nós.
A lembrança tem gosto de alfajor
Com recheio de felicidade por dentro e no verso
Uma camada de culpa sobre nós.

Ícaro Uriel Brito França
Uberaba/MG

Frui vita

Minha meta de vida é ...

Não mais sentir dor no torpor dos dias moribundos, cuja cura torna-se apenas piada de má-fé servil.
Ah, guerreiro forjado por sangue derramado em guerra transcendental que não mais está em pé.
Hoje, abatido, acamado, com feições cadavéricas de mórbida palidez hostil.
Sim, eis a vida tal qual ela é!

Morrer, sim: hoje torna-se sua única esperança,
Undívago, aguarda ansioso a chegada de Caronte, pois, com ele, a bonança não mais caminha.
A morte já não o amedronta, ao contrário,
Tal ideia traz-lhe certa temperança.
Talvez, o desconhecido já não tem tanto pavor como tinha.
Vida vazia, mente deveras cansada de um ser temerário.
Morrer não é mais um problema, mas sim desenlace em pujança.

Não haverá saudades, pois a ninguém as deixarás após tua despedida.
Viverás em memórias esquecidas
De quem viveu a vida,
Pois, a tua própria existência tornar-se-á esquecida.

Morrer seria teu locus amoenus!

Um último pilar de um destino tragicômico, num tórrido rendez-vous

Num interior poente, a ortotanásia torna teu animus.

Assim, quando o sinistro desabrochar na forma de bela flor de lótus,

Não te preocupa em reanimar o extraneus.

Eis então o conselho de um corifeu: apenas viva, pois ter o poder de existir é como ser um semideus.

E, ao fim do último ato da peça intitula vida tem a similitude de um habeas corpus.

Sedare dolorem opus divinum: Rebus sic stantibus!

https://www.facebook.com/goticoecultura

Ilmar Ribeiro da Silva
Rio de Janeiro/RJ

Beija-flor

Beija-flor, beija-flor,

Você transmite amor.

Que saudade de um beijo

Dado com muito sabor.

Essa pandemia é cruel,

Afastou-me dos meus amores.

Visita, só de longe.

Abraços, nem pensar.

Beija-flor, eu lhe admiro.

Para você eu compro néctar.

A sua presença me agrada,

É a minha distração.

ilmarribeiro@yahoo.com.br

Iraci Marin

Caxias do Sul/RS

Ambígua

Não foi por amor, mas por necessidade, que ela fugiu de sua cama.

Vivia sentindo o fracasso e a frustração do sexo e não via alternativa para satisfazer o seu desejo. Ou a sua necessidade. Muitas vezes criou fantasias, mas sempre tudo acabava na amarga realidade da falta.

Com diabetes agressiva, há algum tempo a energia do marido murchara. Ela tinha ainda um forte motivo pra se afastar dele, inclusive durante o dia: carregava quase sempre o odor fedido de fumo. Dormir ao lado dele muitas vezes era um sacrifício.

A solução foi dormir em outro quarto. Pelo menos conseguiria dormir. Sim, e podia ficar nua, ver seus seios no espelho, seu ventre liso e branco, suas coxas, e se acariciar sem medo ou pudor.

Mas isto não era suficiente. Ela precisava dar-se uma resposta, apaziguar de verdade o seu corpo.

Um dia, inventou de escrever seu nome numa calcinha rosa, cheia de pequenas flores rosadas. Era a sua preferida: bonita, macia, e guardava bem o seu cheiro. Não tinha qualquer intenção com aquilo, apenas um capricho. Talvez servisse pra espantar sombras internas que cresciam dentro dela, sem foças para impedir.

Ele a viu bordando. Chegou devagar, sem que ela percebesse, e perguntou:

- Pra que isto aí?

- É coisa minha, passatempo.

Ele deu uma risada forçada e saiu, deixando a varanda impregnada do cheiro azedo de fumo.

Traçou seu nome com linha vermelha na parte da frente da calcinha. Terminou o trabalho, levantou-a para ver como tinha ficado e sorriu. Era certamente a única peça íntima personalizada da terra.

Colocou-a após o banho e se sentiu como se fosse a primeira vez que a usava e parecia que a sua vida estava completa. Era apenas impressão momentânea. Vivia a mesma vida vazia de muitos anos.

Mas um caso trouxe ingrediente novo para a sua vida.

Estava caminhando distraidamente por uma rua bem movimentada, quando esbarrou em alguém. Parou em seguida, voltou-se para pedir desculpas, ele fez o mesmo, e seus olhares se abriram em

cumplicidade. Foram a um bar, depois para uma cama.

Foi uma tarde de prazer despertado, com uma constelação de estrelas brilhando por trás dos seus olhos fechados, com a harmonia do mundo em plena sinfonia no seu corpo todo, com a paz de todos os mosteiros em seu peito.

Mais de uma vez sentiu o enlevo apaziguador, um corpo cheiroso combinando com o seu, uma lassidão extraordinária dominando-a por inteiro.

Sua entrega foi total e não poderia ter sido diferente. Então sentiu o alívio do corpo e pensava que sentiria a agonia da alma. Mas não. Nenhuma agonia, nenhuma sombra.

Ele viu a calcinha bordada com seu nome e a quis. Ficaria nua por baixo, com o sexo úmido, intumescido e sem proteção. Mas não quis resistir e ele levou a peça.

Os dias seguintes foram de pensamentos cheios das sensações daquele encontro com o desconhecido. Não havia remorso, nem amargura ou temor. Tinha sido bom, tinha valido a pena, e isto bastava.

Estava vivendo dias de leveza, com o corpo apaziguado.

Algum tempo depois, ao chegar da rua encontrou um envelope pardo sobre a mesa da varanda. Veio em seu nome. O marido se levantou da cadeira e perguntou:

- Conhece o remetente?

- Não.

Ele tomou o envelope de suas mãos, abriu-o e ficou surpreso com a encomenda: era uma calcinha rosa com o nome dela bordado em vermelho. Olhou-a, entre curioso e indignado; ela olhou pra uma borboleta que voava por ali.

- Agora explica.

- Eu não sei de nada.

- Como não? É a tua calcinha... Como é que este cara estava com ela?

- Não sei.

Tirou-a de suas mãos, virou as costas e trancou-se no quarto. Não sentia medo, só estava confusa. Mas precisava vencer a confusão. Precisava de um leme, um lume.Precisava atender aos chamamentos do seu corpo, apaziguá-lo.

Foi até a janela e olhou a rua deserta. No declínio da tarde, um calor fez-se dentro dela: abriu a porta do quarto e chamou o marido.

Iram Leal

QUE GRITO É ESSE...

Que escuto, estridente, sem parar
Que denuncia, sem querer ignorar:
a desigualdade
a desesperança
a desunião?

Que grito é esse...
Que reconhece o abandono do patrão
Que escancara a falta de leite e pão
Que implora por:
Amor
Respeito
Compaixão?

Que grito é esse...
Que transforma sentimento em ação
Que implora por mais paz e menos confusão
Que expõe:
A violência
O crime
A segregação?

É o grito...
Da dor
Da fome
Da solidão.

Isabel Cristina Ferreira
Araçoiaba da Serra/SP

" O Amor é Fogo"

Desde a primeira vez que eu ti vi,
eu vi que seus olhos expressavam,
doçura e encanto, a sua boca proferiam
as palavras, sempre sinceras,
e do seu sorriso, uma harmonia
que me contagiava por inteira.
Do seu jeito menino, mas já um homem,
fez acender dentro de mim, brasas de emoções,
que a cada dia foram se transformando
em chamas de sentimentos!
O tempo foi passando e essas brasas não se apagavam,
acenderam as chamas da paixão... Eu me apaixonei!
E cada vez que a saudade apertava, pedindo a sua presença,
as chamas me consumiam e me queimavam ,
querendo buscar mais uma vez os seus olhos e o seu sorriso!
Dentro de mim, um fogo que ardia, sem eu poder ver,
apenas eu sentia e não podia tocar.
Descobri que eu estava te amando e o fogo do amor
com suas labaredas não deixavam eu te esquecer!
Amor este, que hoje é uma chama acesa, incapaz de apagar,
amor este, que é um fogo que me incendeia, por inteira,
que ama e te espera todos os dias.
Amor este, que quando uma lágrima escorre dos olhos
é porque deseja estar presente e te espera o tempo
que for preciso para te ter... Meu amor!

Isabel Cristina Silva Vargas

Pelotas/SP

Quero Minha Vida De Volta

Nunca me senti tão só...
Já senti muita dor,
Pela perda de pessoas amadas.
Este é um sentimento diferente.

Há uma insegurança imensa,
Muitos cuidados a serem tomados,
Entretanto isso não é garantia
De que sairemos ilesos.

Dois anos de insegurança
E profunda dor para quem
Perdeu entes queridos,
Nos mais diferentes lugares.

A ausência dos familiares,
O isolamento em domicílio,
A falta de convívio social
Podem causar depressão e morte.

Que haja consciência coletiva,
Medidas de prevenção eficazes,
Entendimento entre autoridades e povo
Para erradicar esse vírus letal.

As sequelas da pandemia
Afetarão a sociedade toda
Independente de país, continente
De raça,credo,classe,ou posses.

Ivo Aparecido Franco
São Bernardo do Campo/SP

Bicho de estimação

Um animal faminto e sanguinário
Encarou-me voraz e resoluto
Agressivo, insano, inconsequente
Havia nele algo familiar

Podia ter escolhido outro caminho
Entre tantos possíveis
Mas eu tinha pressa
Enorme vontade de chegar

Antes que pudesse me dar conta
Não sabia mais a direção
O bicho tinhoso, bem faminto
Devorou meu coração

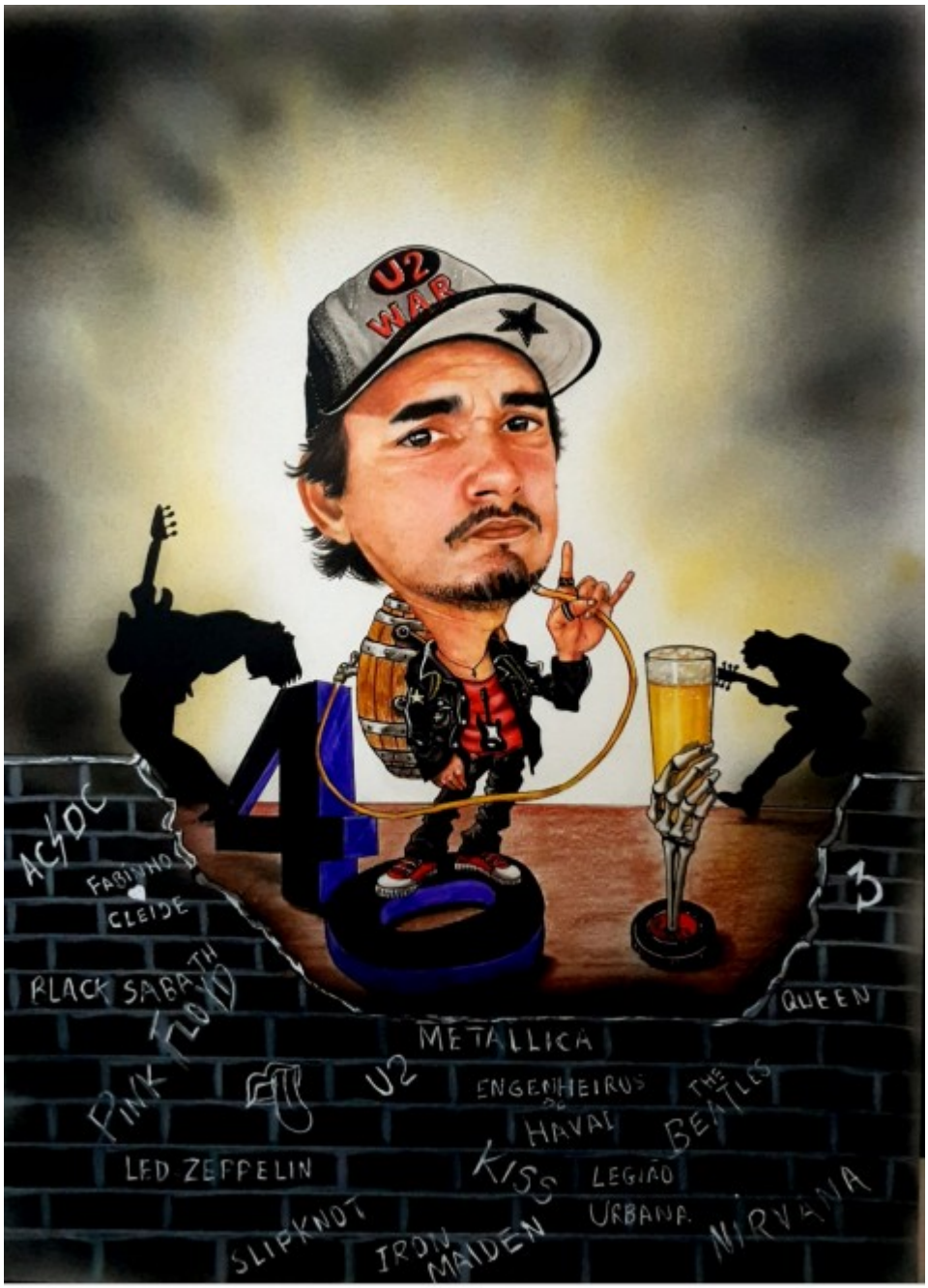
Mesmo assim, segui a caminhada
Tranquilo, sem me perturbar
E logo vislumbrei a turba, incontável
Que seguia pelo mesmo lugar

Hoje, eis-me aqui frente a Maat
Sem absolutamente nada o que pesar
E aquela gente infeliz, sem coração:
Também não tem mais o que mostrar!

Jamison Paixão

Las Palmas de Gran Canária/Espanha

Caricaturas



Caricatura – 40 anos de rock

Caricatura – Florescer

Caricatura: Noite de Estrelas

https://www.facebook.com/paixaodeoliveira

https://www.facebook.com/jpartes.desenho.3

JAX

DIMINUTOS

(PARA LEITURA DE MINUTOS)

O Cheiro Do Jaborandi

Na infância, o cabelo era lavado com xampu de jaborandi. Que cheiro agradável! Sentia-se importante e ficava a imaginar que todos percebessem aquele perfume. Cresceu e mudou. Conheceu outros xampus. Outras pessoas. Ora prazerosas, ora desprezíveis. Nos momentos mais difíceis, vem-lhe à mente o saudoso cheiro do jaborandi. A vida requer alegrias e perfumes. Não encontra o xampu d'outrora, porém. Dizem-lhe que a planta ficou rara. Quanta decepção! Como é duro recuperar o passado!...

Estar em seu lugar

Vibrar com um bom espetáculo esportivo leva o espectador a imaginar-se como integrante da equipe. Mete a bola na rede, desarma o adversário, faz passes sensacionais. Ao ver um belo espetáculo musical, ocorre metamorfose similar. Coloca-se no lugar do compositor ou do intérprete e colhe, eufórico, o aplauso da audiência. Idólatra que vive seu momento de ídolo. Comedido, reconhece estar na profissão certa, no entanto, pois o risco de perder a bola ou desafinar lhe parece muito maior. Para que mais preocupação?

A psicologia salva

Após dez anos de sessões com sua psicóloga, o homem que pensava ser um queijo Minas verde saiu do consultório radiante:

"Tô curado! Tô curado!"

Consolo de quem quase nunca se classifica em concursos de microcontos de humor

A gente ganha pouco, mas se diverte.

Realização do homem

Tratou
De seguir o ditado.

Fez árvores.
Escreveu filhos.
Plantou livros.

Deveria ser
Um homem realizado.
Mas...
Algo saiu errado.

Nada natalino

Bate o sino
Grande da catedral.
Pequenino
Só quando é Natal.
Repentino,
Alguém grita: "boçal"!
Desatino
Enxergar tanto mal
No menino
Sem pendor musical.

A última do sabiá

O velho sabiá sentiu seu fim próximo. Guardou forças para a última cantoria, que deveria ser a mais linda de quantas entoara. Verdadeira apoteose de um artista! Chegado o momento, cantou como nunca, em perfeita mescla de emoções. A nota derradeira foi encerrada pelo suspiro final do talentoso pássaro. Pobre sabiá! Nenhum animal humano prestara atenção ao belo canto. Se acaso o fizesse, tampouco entenderia o significado, pois ninguém sequer suspeitava que a avezinha estivesse para morrer.

Brinquedo perdido

Passarinho amarelo de plástico, dotado de assovio banal. Com um pouco de água, contudo, quem diria? Soava como autêntico canário, pelo menos aos

ouvidos da criança que com ele tanto brincou. Melodia agradável, saudoso brinquedo que já não existe, perdido no tempo. Deixaram de fabricar. Pelo menos, nunca mais se viu. Cedeu seu lugar a um monte de invencionices, pródigas em tecnologia sofisticada que logo se acaba ou perde o interesse. Custava ainda arremedar a natureza daquela forma tão simples?

Reação do humorista amador ao compararem-no ao consagrado veríssimo

Deveras?

Epitáfio para um humorista

Viveu de graça, mor-riu em paz.

Bicho de estima-inven-ção

O menino via outros a passear com seus animais de estimação. Não quis ficar pra trás. Inovou: nada de cãezinhos, canários ou porquinhos-da-índia! Tratou de arrumar um ornitorrinco, que leva pela coleira, orgulhoso. Bico de pato, rabo de castor e perfil extremo de mamífero que põe ovos! Todos se admiram do seu bichinho. Ninguém sabe como ele fez para trazer algo tão exótico da distante Austrália. Criança que se preza dá asas à imaginação ante o desafio. Se bem que asas ornitorrinco não tem...

Outros textos do gênero em JAX, Microcontos, Mini-Poemas, Curtas Reflexões para uma Vida Breve, ed. Assis, MG, 2020.

Jeane Tertuliano
Campo Alegre/AL

Reminiscência

Eu vagueio sem sair do lugar enquanto observo uma garota a brincar com o seu gato negro. Do alto do meu ser, eu avisto uma criança a correr, sorrindo bobamente… fecho os olhos e tento fazer com que essa sensação nostálgica evapore, pois nada é real no que vejo. Um ser pueril não pode se divertir de tal maneira estando emocionalmente em frangalhos. Deixando as janelas entreabertas, caminho até a minha cama e sento-me na beirada. Pesco Os Sofrimentos do Jovem Werther na cabeceira e o folheio; lágrimas lavam as minhas bochechas róseas enquanto me demoro no seguinte trecho:

"Por que tem de ser assim? Por que o que faz o homem feliz pode tornar-se a fonte de sua dor?"

Por quê?! — ouço a minha voz chorosa encher o recinto de melancolia. Passos se fazem ouvir do outro lado da porta e, apesar de o som ser demasiado reconfortante aos meus ouvidos, eu anseio fervorosamente não mais escutá-los. Deposito Goethe no seu devido lugar e rumo à porta, mas um tremor repentino me engolfa e me faz recuar, aflita. Mantenha o controle, por favor suplico para o meu alter ego. Abraço-me e caminho de costas por tempo indeterminado, submersa em meus devaneios.

Eu gostaria de poder aprisionar os meus demônios e buscar viver como uma moça normal, sã; mas sempre que ouso fazê-lo, sinto-me posta do avesso, suspensa por garras que dilaceram minha pele lívida, ameaçando jogar-me em um abismo lúgubre, hediondo. Ainda trêmula, viro-me e encaro a manhã. Estagno com a cena inacreditável que se desenrola diante dos meus olhos vítreos. O céu que anteriormente estava anil, agora não mais pode ser visto, pois há nuvens que o revestem de um negror mórbido. A garota que estava a brincar com um bichano de pelos da cor de azeviche, está curvada sobre uma pequena poça escarlate, onde há uma massa disforme. Seu vestido longo e volumoso me impede de obter mais claridade no que vejo, mas em sua mão pequenina eu enxergo com perfeição um martelo mediano, pingos rubros escorrem do cabo e deslizam vagarosamente sobre os dedos finos da criança até irem de encontro ao chão. Num rompante, a cabeça da miúda gira em minha direção. Olhos repletos de trevas

olham para além do meu ser como se pudessem enxergar o meu âmago.

Por um mísero instante, ouvi os batimentos desgovernados do meu coração irromperem em meus tímpanos, e o desespero que ameaçara se aproximar de mim toca-me os pulmões, deixando-me a sufocar. Agonizando, busco convulsivamente pelas fechaduras das janelas. Para o meu pavor, antes de eu conseguir trancá-las, vislumbro a ausência da garota lá fora.

Praticamente me arrastando, sigo em direção à porta, clamando ardentemente para que os passos se fizessem audíveis novamente e eu pudesse enfim me livrar desse sentimento aterrador que está a reclamar o meu fôlego. Ao passar defronte o espelho, prendo a respiração. Eu encolhi e estou trajando um lindo vestido, longo e volumoso. Em minha mão há um martelo banhado por um líquido carmesim e viscoso, mas o pior está estampado nas janelas da minhalma: não há globos oculares e sangue jorra dos vãos onde deveriam constar olhos pueris. Antes de eu desfalecer, a boca à minha frente sorri e dentes pontudos e carcomidos ficam à mostra. Uma voz soprada pergunta em minha mente: você não tentará reprimir as lembranças dessa vez? Um odor pútrido inunda o ar enquanto eu despenco em câmera lenta até o chão, e a nostalgia que me acometera noutrora embala-me à inconsciência.

https://instagram.com/jeanetertuliano/

Jeferson Ilha
Santa Maria/RS

Fake News

Retroalimentar-se de mentiras
Torna você o quê?
Infelizmente está além da sua compreensão
Pois se tornou tão profundamente enraigado
Que não se distingue mais
Entre o verossímil
E a sua vontade contrapositiva.
Mero produto
De um sistema de indução.
Repetir sem questionar
Aceitar sem entender
A veemência de um estado destrutivo
Que ocasiona
Uma demência arraigada
Instaurada para se retroalimentar de si mesma.

https://www.facebook.com/jeferson.ilha
@jeferson_ilha

João Vitor Tóffoli

Vacaria/RS

Minha Última Chamada Para O Paraíso...

Recentemente pude abraçar minhas dores junto das minhas mais diversas formas de agonia. Era noite e eu aguardava em uma sala branca, não havia cortinas negras, porém, estava próximo a uma estação de trem. Tantas as pessoas sentadas em suas cadeiras, tossindo e com os seus olhares perdidos, enquanto eu, decidi me acomodar ao chão e apoiar as minhas costas na parede para ver se a dor poderia passar, mas, estava apenas piorando e eu continuava pensando.

Reconheço que o atendimento daquele local iria demorar, mas naqueles instantes pude perceber minha vida se esvaindo conforme as inúmeras possibilidades de desfrutar da vida, agora não passam de chances extintas. Sinto tristeza, sinto pena, mas não me arrependo de nada do que fizera outrora, tudo que amei, amei tão loucamente sozinho que desconheço se fora eu ou o destino, afinal, qual de nós que podem realmente ver as cordas?

Após uma longa demora e de tantas vezes ouvir aquela voz robótica citando cada nome dos que aguardavam, chegara a minha vez, mas é até engraçado, perante tantos nomes quase que esqueço o meu, mas o que importa? Terá relevância quem o cravar em uma sepultura. Obtenho notícias das quais já temia, mas não me surpreendo com o resto que será de mim conforme os dias. Eu estou doente e o meu grau de comorbidade é instável e não há grandes chances de cura. Devo beber bastante líquido, tomar remédio e além de isso, me isolar. Esta última parte se tornou rotineira e, portanto, não impactará em grandes diferenças.

Compro as medicações e retorno para a minha moradia e lá, eu vagarosamente contemplo cada canto de minha casa, vou tragando de minha nostalgia, mas um em específico no qual eu fico estagnado, minha coleção de livros e quadrinhos, praticamente uma parede cheia do que compõe parte de minha vida e do que supriu um vazio existencial de dias passados. Jamais tive bons momentos com os meus amigos, assim como nunca estabeleci laços, pois, devido a minha condição, desconfio de qualquer ação das pessoas.

Posso parar e refletir sobre tudo o que perder ou até mesmo aquilo que não pude viver, mas do modo que apreciei, tudo fora da maneira que eu quis e caso houvesse uma

segunda chance, faria tudo exatamente da mesma maneira. Estive só desde o princípio e próximo ao fim, me contam que devo ficar sozinho, para mim, parece até uma piada de um dia ruim, mas é só uma situação, o modo que melhor encontrei para navegar no abismo e que fora desvendar a solidão quando, na verdade errei a palavra e esta em si era, solitude.

Minhas costas doem incessantemente, me sinto fraco, a tosse não cessa e a minha garganta está inchada, ainda que eu tome os meus medicamentos, eles aliviam apenas por um breve período e após isso, os enfermos voltam. Estou há alguns dias sem dormir e a ansiedade está cada vez mais constante. Não conto mais quanto tempo me resta, apenas aguardo e procuro manter minhas atividades rotineiras, limpar a casa, ler, ouvir música, porém, não tenho a agilidade de antes e às vezes preciso tenho de parar devido ao ataque de tosse, não almejo que essa dor pare, que continue, para somente assim descrever a sensação do que um dia eu julguei como mera ilusão.

Toda a minha jornada, me dediquei a literatura, procurei nos livros o que em nenhum momento eu pude encontrar em um ser humano, originalidade. Talvez nem eu tenha isso por eu ser uma junção de diversas obras que inundam o meu coração.

Ao final, muitos mudam, alguns se arrependem, eu não farei nenhum e nem tão pouco o outro, fiz o que fiz, deixei o que deixei e morrerei sozinho da mesma maneira que enganei.

Minha última chamada ao paraíso será aquela da qual abdico das emoções e sensações ao tentar desconstruí-las. Enquanto isso, hei de habitar o inferno quando vou dedicar diversas horas ao tentar desmistificar as obras literárias, sem ao menos ter de trocar as palavras com os demônios para de tal modo, dizer que talvez um dia eu já fora um anjo.

Joaquim Bispo

Odivelas, Portugal

Cinzas da vida

Ficou-lhes sempre na lembrança que tinham casado uns dias antes de Salazar ter caído da cadeira: 1968. Escolheram a igreja de São João Batista ao Lumiar, para a cerimónia religiosa, e o Castanheira de Moura, um restaurante da Estrada da Torre, para a boda. Vieram muitos familiares de Amélia, do Alvito, e alguns outros convidados do noivo Leonardo, da zona de Lisboa. Enquanto não arranjavam casa, ficaram a viver em casa da mãe dele, que tinha um andar espaçoso na zona velha da Quinta de S. Vicente.

Os primeiros anos correram bem, tanto quanto podem correr a quem tem ordenados de datilógrafa e de eletricista; valia-lhes não pagarem renda de casa. Depois ela conseguiu entrar para hospedeira de terra, no Aeroporto, e ele para técnico do Rádio Clube, mas, se entrava mais dinheiro, a separação determinada pelos horários ditou um maior afastamento.

Quando o 25 de abril de 74 rebentou com os dias negros da Ditadura, abriu também janelas de esperança a todos os que viviam vidas de cinza. Amélia viveu as euforias das manifestações, das lutas por melhores salários, das liberdades conquistadas. Passou a sair com colegas que, como ela, terminavam o turno à meia-noite, para beber um copo. Era bem mais apetecível do que ir a correr para casa, onde a esperava a sogra controladora. Leonardo fazia geralmente o turno da meia-noite às oito da manhã.

No grupo de quatro ou cinco colegas, rapidamente se aproximou do Paulo, que, além de uma boa figura, tinha carro e era a boleia certa para casa. Por fins de novembro, Amélia passou a ser visita frequente do quarto dele na Estrada do Desvio. Nunca o marido suspeitou, embora a mãe não deixasse de o informar das horas a que ela chegava a casa.

Certa noite, lá por maio, o desejo não pôde esperar por um quarto — amaram-se no banco do pendura do carro de Paulo, numa rua sem casas dos altos do Restelo. A lanterna acesa da polícia de giro, tentando descortinar o que se passava para lá dos vidros embaciados, foi um final desagradável — pós-final, felizmente. Os dois agentes identificaram os amantes e aconselharam maior discrição.

No dia seguinte, o alarme: um dos polícias telefonou para casa de Amélia — sabe-se lá com que intuitos

lúbricos — e não houve como negar a relação extra-conjugal. Depois de discussões violentas, Amélia saiu de casa. Paulo recolheu-a e durante umas semanas parecia que a situação era o melhor que lhes podia ter acontecido, a não ser…

A não ser pelos meandros escuros da natureza humana. Pareceu a Paulo que a situação de Amélia era de dependência, e tornou-se um pouco sobranceiro. Além disso, a relação perdera aquela fulgurância de chama que só a clandestinidade atiça. Sem ser furtivo, o sexo perdia parte da graça. E Amélia não deixou de o perceber. Dois meses depois, mudou-se para um quarto que dividia com uma amiga.

Paulo não gostou. Mesmo sem a excitação de coisa proibida, sexo em casa, disponível sem muito trabalho, agradava à sua preguiça inata. Agora voltava a ter de se esforçar: combinar encontros, organizar e acompanhar passeios, fazer trabalho de sedução. E tornou-se altamente ciumento. Quando soube que Amélia tinha saído com um grupo de outro colega, fez uma cena. Mas Amélia tinha crescido, à imagem do país, que estava muito mais aberto e liberal. Já não estava para aturar manápulas de controlo. E rompeu com Paulo.

Ao contrário do homem de ideias arejadas que Paulo parecera ser, revelou-se, afinal, um tipo misógino e vingativo: no auge do ressabiamento, telefonou para o ex-marido de Amélia. Identificou-se, pediu desculpa pelos atos anteriores, declarou-se solidário com a sua situação de marido enganado e pediu solidariedade para a sua similar situação de amante traído. Por palavras hábeis, demonstrou como ambos tinham sido atirados para a mesma humilhante condição por uma mesma pessoa, uma mulher volúvel, sem caráter. A terminar, indicou pormenorizadamente o local onde ela se encontrava com o novo namorado.

Leonardo, querendo recuperar alguma dignidade que julgava perdida, dispôs-se a mostrar firmeza conjugal. Dirigiu-se ao local indicado e efetivamente apanhou os amantes em flagrante. Uma moca de Rio Maior, que nessa altura era muito popular nas lutas políticas norte-sul, foi a ajudante que convocou para dar o necessário corretivo na ex-mulher. Deixou-a inanimada com escoriações e hematomas nas pernas, nas costas, no peito e um traumatismo craniano. O namorado escapou antes que Leonardo pudesse apanhá-lo.

A Polícia tomou conta da ocorrência e o processo da agressão foi a tribunal em novembro. Depois de ouvir as queixas de uma e as razões de outro, o despacho do juiz foi claro: admoestava-se o ex-marido pela conduta descontrolada, mas tomava-se em conta a humilhação a que tinha sido sujeito. Verberava-se com ênfase a conduta traiçoeira de Amélia, causa primeira das posteriores agressões. Referia-se que, felizmente para ela, já não se

apedrejavam adúlteras, como era de lei nos tempos sagrados relatados na Bíblia.

De nada valeu que o advogado de Amélia lembrasse que não era ela que estava a ser julgada, que ela é que fora agredida barbaramente, e que todo o indivíduo tem direito a não ser discriminado perante a Justiça, conforme a Declaração dos Direitos Humanos.

Amélia ouviu uma repreensão verbal por conduta indigna e o ofendido um pedido de comiseração, tendo em conta os tempos desvairados que se atravessavam. Saiu calada. Sentiu-se outra vez género menor. Percebeu que os tempos de liberdade e luz que a sociedade vivia não tinham tocado alguns setores.

Pouco depois, o golpe contra-revolucionário de 25 de novembro de 75 punha um ponto final nas aspirações progressistas pós-ditadura de Salazar. Nada que ainda causasse perplexidade a Amélia. Claramente, o 25 de abril não chegara à Justiça, mas também já não ia chegar. Três meses depois, aceitou a carta de chamada de um primo e mudou-se para o Canadá. De vez.

http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/

Joedyr Bellas
São Gonçalo/RJ

A Pensão

Já estavam juntos há uns dez anos, ou onze, ela sempre se lembrava da data, ele nunca se lembrava.

Às vezes, ela brincava com ele, fazia um bolo e uma caipirinha, sentavam na varanda, ficavam olhando ao longe. A lua cheia, vagalumes e, como não quer nada, perguntava ao marido o que eles estavam comemorando.

Quase sempre ele cortava com um não enche o saco, mas nesse dia em especial ele não estava pensando no trabalho nem na Judite, a moça do cafezinho da repartição pública onde ele batia ponto, diariamente, nem nas contas que acumulavam.

Dava nó nas tripas para se safar na vida.

Ele parou de se distrair com os pirilampos, olhou pra ela e disse que provavelmente comemoravam algo importante, muito importante, demasiadamente importante, sem dizer naturalmente o que era.

Ela pensou em insistir, em continuar com a brincadeira, mas desistiu porque conhecia o humor do marido. Capaz de um beijo, capaz de um safanão, capaz de pagar uma noite no motel com direito à champanhe, ordinária, mas champanhe, o que valia era a intenção, brindavam e fingiam que estavam em Paris.

O faz de conta.

A mulher se derretia toda, fazia cafuné e massagem no pé dele, quando ele chegava estressado do trabalho, após o banho, e isso ocorria quase sempre.

Ela trabalhava, tinha a batalha dela, mas era Deus no céu e o marido na terra. A mãe dela de vez em quando avisava, de vez em quando abria o caderninho das frases prontas e ia falando, dividindo a boca com o prato de mingau e as palavras. Homem é tudo igual, aposto que ele nem sabe o dia que vocês juntaram os trapos.

Não, não sabia.

Mas isso não fazia a menor diferença.

Um dia ela cismou e disse que queria casar com ele, já estavam juntos um bom tempo e não tinha o porquê de não casarem. Além do mais, estava preocupada com a situação dele no trabalho, que sempre juravam aumento, e nada, ainda, tinha a coisa da justiça, de uma bolada pra sair, uns atrasados, mas é justiça, sabe como é, né? Ele sabia, mas fingia que não sabia, disfarçava, falava que um dia o município pagava a ele o que deviam, e até havia o sonho de ser escritor.

Que sonho?

Uns escritos, umas revistas, umas colaborações aqui e acolá.

Mas ela pensava na pensão que ela, morrendo, não queria deixar pro governo, justo que seu companheiro de longos onze anos recebesse o salário dela se ela viesse falecer e ele não ficasse à míngua. Que isso, mulher, não fala besteira. Vira essa boca pra lá, você não vai morrer é nunca. E, tem mais, eu vou morrer primeiro, sou mais velho, tenho umas ziquiziras.

As ziquiziras do futuro marido em cartório eram uma hemorroida, umas próteses dentárias e uma dor aqui e outra acolá, coisa dos anos acumulados.

O tempo passou, como o tempo gosta de passar.

Como ela queria, eles casaram no cartório, com direito a testemunhas, convidados, poucos, mas convidados, os mais chegados, com direito a almoço em churrascaria e tudo mais.

Ele se mostrando contrariado, mas feliz.

O tempo passou mais um tanto.

Judite foi crescendo na mente e na vida do marido, o marido fazia planos, a esposa não sabia de Judite nem dos planos do marido e de Judite, e o tempo foi passando devagarinho, pacientemente, a esposa morreu de causa desconhecida e ele, um dia nem quisera a pensão.

Judite ria de se escangalhar.

Jonas Maffei
Botucatu/SP

Cai Sobre a Tarde a Sombra da Ternura e da Angústia

A janela entreaberta no meio daquela parede cinza, fria e tomada de infiltrações deixava entrar na cozinha gélida daquela casa uma luz incólume que vinha a bater bem em uma das maçãs do rosto daquela jovem que, por menor que fosse o tempo que eu a conhecia (eu a conheço?), já havia me encantado tremendamente. Naquele caótico cenário de precárias residências e barracos subindo morro acima e compondo uma pretensiosa montagem artístico-distópica, por entre estreitas vielas e veredas urbanas ou suburbanas, se encontrava a casa em que nós nos encontrávamos. Vi, por um curto intervalo, dois pombos subindo pelos ares lado a lado e relacionei, quase que automaticamente, aquela vista a uma fantasia clichê melodramática envolvendo eu, claro, a meiga moça de óculos e moletom a duas cadeiras de mim e o passar de muitos e muitos anos. Tudo numa questão de poucos segundos. A luz que lhe iluminava o rosto, fazendo reluzir aqueles olhos cor de caramelo flambado e aquela tez meio enigmática, clara, mas nem tanto, alaranjada e, não obstante, com um toque de roxo e às vezes fazendo lembrar terra boa e fértil batida, me hipnotizava. Seu singelo sorriso, que não deixava surgir na face nenhum dente, os olhos de caramelo caídos nas próprias mãos que mexiam uma na outra inquietamente em seu colo, assim como o sorriso, este sim maior, reluzente, meigo e cheio de ternura, que ela dava muitas das vezes que eu arriscava dizer alguma besteira para tentar entretê-la, me davam um arrepio frio e agradável, ou coisa parecida. Ela então me olhava e ria, às vezes pouco, às vezes copiosamente, e me encarava por um tempo com o primeiro sorriso; às vezes respondia algo igualmente besta que me fazia também, claro, quase que independentemente de seu

conteúdo, sorrir, quando não rir. Enquanto isso, eu a olhava tomado por um carinho tirado não sei de onde, o que parecia bastar. Ao mesmo tempo, aliás, que pela minha cabeça passavam muitas ideias de cunho romântico e algumas de conotação mais erótica, parecia ser mais do que o suficiente simplesmente ter a dádiva de ser olhado por ela, ainda mais podendo olhá-la de volta, e poder sorrir e ter de resposta um sorriso, e poder fazê-la rir e rir junto e ela me fazer rir, e simplesmente olhá-la enquanto ela não me olhava, desviando o olhar quando ela olhava e tornando então a olhá-la de volta, colocando nossos olhares de encontro, e por um momento ficar simplesmente trocando a luminosidade dos nossos olhos, ou o brilho do sol refletido nos olhos e no óculos dela e nos meus olhos simplesmente a luz tenra de quem se regozija em silêncio.

Havia sim outras pessoas na cozinha naquele fim de tarde preenchido de mormaço e lassidão, mas de fato suas presenças, pelo menos para mim, pouco ou nada se faziam notar. Uma moça de estatura muito baixa, bochechas fartas, sobrancelhas finas e bom humor e disposição volta e meia dizia algo pretensamente engraçado nos intervalos entre as (em absoluto) despretensiosas idiotices que eu e minha amada de cera trocávamos de quando em quando, e nessas ocasiões, como somos pessoas educadas e não indecentes, a respondíamos, claro, e mesmo ríamos, mas com uma intensidade incomparavelmente menor. Quando, por outro lado, eu ou minha (onírica e magnética) recém conhecida sereia falávamos algo um para o outro (e então ríamos), ninguém mais no cômodo se atrevia a responder, como que para não interromper o enlace harmonioso de dois guaxinins que se encontram na floresta e põem-se a brincar entre flores e raízes.

Um outro rapaz no cômodo, este bastante recluso e tomado por um sono cavalar, parecia fazer tudo o que estava em seu alcance para ser pouco ou nada notado, ainda que, de vez em quando, como se um demônio o possuísse ou como se ele tivesse ido furtivamente ao banheiro e colocado em seu lugar seu irmão gêmeo, cuja personalidade era consideravelmente mais reflexiva, melancólica, teatral e pessimista, ele passava a responder

as trivialidades que estavam sendo ditas com surpreendente veemência, em alguns casos beirando adotar um tom de voz beligerante e mesmo raivoso, caminhando na tênue linha entre um sarcasmo ácido e sombrio e um humor besta sem qualquer sentido. Como, por exemplo, quando a mocinha bem-humorada disse, meio que para todos, em tom sarcástico, que, do jeito que estava frio, seria melhor que tudo congelasse de uma vez que ela sofreria menos. Nenhum presente pareceu entender muito o espírito daquela piada-lamentação e todos, mesmo eu, pareceram achar melhor não responder nada, então o silêncio foi se cristalizando. Até que, passados uns bons segundos, como que saindo de uma gruta sentimental de onde se extrai mágoa em grandes quantidades, fizeram-se ouvir no ar as seguintes palavras: *"Então meta uma bala de uma vez na sua cabeça que dará de cara com o inferno, que, segundo Dante, é frio pra porra."* Riu, creio que para disfarçar o absurdo ou como quem se dá conta de que um de seus monstrinhos de estimação fugiu de seu quintal e está fora de controle, e então acrescentou: *"Só uma brincadeira."* Um silêncio mais denso tomou conta do cômodo retangular até que eu e Lívia, este era seu nome, retomamos nossa troca de olhares, pretensões, gestos, sons.

***

Em determinado momento, depois de um prolongado lusco-fusco em que a cozinha foi brindada tanto pelo ocre ardido comum nos fins de tarde, como por um carmesim mais aflitivo e raro, nos pusemos a cantar um samba, por sugestão de um rapaz gordo e de olhos claros que havia chegado depois e cujo nome eu não sabia, como que para celebrar a particular confraternização. E o fizemos, cheios de alegria. Menos, como não poderia deixar de ser, o homem de personalidade ambígua que se mantivera no canto todo o encontro, ele não cantou, pois já tinha caído de bêbado. Mas antes, quando ainda estávamos tomando (não mais café como no começo, mas sim) uma cachaça barata que alguém tinha trazido, conversamos longamente, como bons amigos que se conhecem desde há muito, ainda

que a maioria ali não se conhecesse há mais de algumas horas, sobre a possibilidade (ou não) de um golpe militar nos próximos meses, situação em que alguns (ou talvez só um, eu) defenderam que o golpe, na verdade, já estava dado, só que por baixo das "cortinas institucionais". Lívia pareceu se interessar pela tese. Depois, como quem evoca um feitiço no meio de uma gloriosa batalha, o homem corpulento que eu havia mencionado começou a ler, encostado na parede ao lado da porta, um longo trecho do livro "Os Ventos do Sul Sopram Como Moinhos", que relacionava, sob uma perspectiva simultaneamente sagaz e míope, os últimos anos da guerra civil irlandesa à guerra dos sete povos das missões, chegando ao ápice (do absurdo ou da criatividade) de chamar Sepé Tiaraju de "James Connolly das Américas". Já neste ponto da noite, pelo menos metade dos presentes (umas cinco ou seis pessoas) estavam começando a sentir mais fortemente os efeitos do álcool e poucos desses puderam apreciar algo da leitura. Eu, que estava sóbrio como uma pedra, ouvi com atenção e no fim só podia sentir dentro de mim uma incompreensão profunda, para não dizer um incomodo, sobre a pertinência dos paralelos propostos no texto. O homem ranzinza, confuso e já então bastante bêbado que continuava no canto pareceu ouvir com muita atenção até a metade e depois, sem grandes explicações, se pôs a chorar baixinho e lamentar ou pestanejar em murmúrios sussurrados. Lívia, que já a esta hora segurava seu queixo com a palma da mão e tinha entre os lábios carnudos e sublimes um cigarro que queimava apressadamente, não deu muita bola para o texto que se lia; em seus olhos se podia ver que, naquele momento, o que quer que fosse que a interessava, certamente era algo tom cinza, incerto, que caía num abismo com a mesma serenidade desesperada com que cai um catedrático no vórtice da eternidade, desde que este tenha em suas mãos um tratado infame sobre as características daquilo que é eterno, ou seja, nada.

Um pouco além na noite, mas ainda antes de irmos cada qual para seu canto, diria que talvez entre as onze e a uma, quando soava no cômodo uma playlist que variava entre o funk

paulista e alguns clássicos do rap, tive a oportunidade (que aproveitei com prontidão, já que não sou otário) de dar a mão à imperatriz do castelo de cartas fictícias (em cujos versos se encontravam observações triviais e poesias épicas) que construí no decorrer da noite: a musa absoluta das valquírias ou talvez, melhor ainda, minha esposa, ou futura esposa, ou, perfeito, minha viúva ou futura viúva. Ela, tateando o reino dos céus ou, mais modestamente, o purgatório, recostou a cabeça no meu ombro. Estávamos nós dois sozinhos a esta hora na varanda da casa, de onde se podia ver uma lua singela e tímida, assim como uns bons carros passando, vários postes, uns poucos viciados e quatro moradores de rua. A luz que abria os portões para eu ver toda aquela lindeza de flamingo encantado e banhado a ouro que extravasava dela era laranja e meio fraca, incrementando o mistério que se impunha sobre o delírio e a harmonia da situação. Conversamos por uns quinze minutos, peles coladas e em atrito, sobre nossos cachorros, sobre abobrinhas e berinjelas e sobre uma terceira guerra mundial. Depois começamos a nos beijar timidamente a acabamos por, depois de algo entre dez e quinze minutos, devorarmos um ao outro como quem se delicia com a plena experiência de se deparar com toda a existência e simplesmente suspirar de encanto, na ausência de palavras. Depois de tudo, ela dormiu com a cabeça encostada em mim e eu me senti como nunca antes um Deus ou, talvez, mas só talvez, um diabo.

jonnasmaffei@gmail.com

Jorge Gonçalves de Abrantes
Lastro/PB

Primeiro Poema ao Amor

O amor é fonte de prazer
Que incendeia e condena,
Que acomete de plena
Loucura todo ser!

O amor é arquiteto perverso
Que tece em ponto e linha
A trama por onde caminha
Todo espírito converso!

O amor é beata congregação
Que segue em contemplação
A árdua estrada da abnegação
Rumo à morada da veneração!

O amor é poema sem idade:
Sempre lido e jamais superado.
O amor é poema sem validade:
Sempre lido e jamais esgotado!

https://maldohorror.com.br/poebos-abel/

José Manuel Neves
Almada/Portugal

Recordação de Natal

Caminho na noite escura
Numa ânsia de procura
Pela paz que tarda em vir.
Ninguém vai a meu lado.
O meu corpo está cansado
Já só penso em desistir.

Na esquina da rua deserta,
No vão da porta entreaberta,
Um vulto está encostado.
Um velho monte de trapos
Com a roupa em farrapos
E só um sapato calçado.

Olho para ele ao passar
E oiço que está a cantar
Uma canção de Natal.
Sigo o caminho amargurado
Era pobre e desgrenhado
Mas estava feliz afinal.

Quando me lembro agora
Do quadro que vi lá fora,
Nessa rua do passado.
Sei que basta a gente querer
E a esperança não perder
Para o Natal ser celebrado.

https://joseneves.tambemescrevo.com/

Joyce Nascimento Silva
Rio de Janeiro/RJ

Nasci assim

Nasci assim
Mulher

Por dentro mansidão
Por fora furacão

Na pele amor
No suor sabor

Nas palavras
Uma certeza

O olhar não esconde
O sorriso
Flor

E nas asas do vento
do tempo
Mulher sou

https://www.youtube.com/c/Literaturajá

Juiz
Curitiba/PR

Soneto da intensidade

À primeira visão dela, paixão
Ao primeiro encontro, liberdade
De corpo e de alma, e sem maldade
Entraram um no outro, com emoção

Um dia, voos seguidos e medo
Nada dura com tal intensidade
Mas o amor vivido com verdade
Vence com a química, seu segredo

Passa o tempo, não o sentimento
Onde estavam até aquele cântico
De almas que sempre se amaram?

É amor, é sexo, é tântrico
Intenso e forte, não apagaram
O fogo e(terno) do envolvimento

Juliana Moroni
Ibaté/SP

A Carta

Com os pés calejados de caminhar à sua procura,
encontrei abrigo num sobrado escuro,
abandonado pelos antigos donos,
serviu-me de moradia
por 7 noites e 7 dias.
As portas de madeira escurecidas pelo tempo,
abandonadas às traças,
me faziam recordar as minhas desgraças,
situações de infortúnios,
declínios.
Dias e noites naquele sobrado,
dominado pelo silêncio,
impregnado de histórias
que retumbavam na minha memória.
Nos degraus das escadas que levavam ao andar superior
haviam duas iniciais de nomes riscados no assoalho de madeira,
por incrível coincidência, eram as mesmas letras dos nossos nomes,
escritos na noite derradeira.
Na última noite, antes de continuar a seguir seus rastros,
ouvi passos,
vinham do andar abaixo.
Hesitei em descer as escadas,
podia ser que minha percepção estivesse errada.
Em estado de alerta,
desci lentamente, degrau por degrau
e encontrei uma carta,
colocada por baixo da porta,
de modo não acidental.
A carta,
endereçada à antiga moradora,
datava de agosto de 2011,
por ora,
fez-me espectadora

de uma história
da qual eu também era a protagonista.
Do meu ponto de vista,
estava desconfiada,
mas a intuição me impelia
a abri-la.
Hesitei,
visto que a data estava errada.
A curiosidade me consumiu por alguns minutos,
já que o nome da destinatária era igual ao meu,

mas não havendo para quem entregar a carta,
o interesse venceu.
Lá estava uma pequena mensagem que dizia:
Aqui, na rua da Lamentação,
eu ainda espero o teu perdão!
Joguei a carta no chão,
assustada com tamanha coincidência,
minhas mãos tremiam,
intuitivamente,
eu sabia que a mensagem era para mim,
tim-tim por tim-tim.
Dobrei a carta e coloquei no bolso,
arrumei as minhas coisas e decidi ir embora,
depois de um trabalho dispendioso,
aparentemente sem sucesso,
a tristeza consumia o meu regresso,
em todo o seu desgosto.
No meio do caminho encontrei uma senhora
com traços faciais semelhantes aos meus,
indicou-me um ponto de ônibus,
para a surpresa dos meus olhos ateus.
Quando desembarquei na cidade,
já era madrugada,
olhei a data no celular pela última vez.
Precisava me certificar que estava no ano de 2010.
Peguei um táxi e fui para casa,
dormi e acordei renovada,
porém, triste por não ter encontrado
o motivo de toda a minha jornada.

Todas as noites nas arestas do meu pensamento,
eu espiava os seus sonhos,
em silêncio.
Quando um ano se passou,
tive que me mudar da casa onde eu morava,
o acaso me levou para a cidade onde te conheci,
o mesmo lugar,
onde ainda havia um sobrado para alugar.
O antigo morador havia pintado com cores claras,
e a estrutura estava toda restaurada.
A vivacidade que transbordava daquele sobrado
me fazia recordar
os dias em que eu fora feliz ao seu lado.
Mudei-me para lá.
Meses se passaram
e em uma certa viagem,
eu voltei a te encontrar,
você estava linda e irradiava alegria,
porém, havia um certo pesar em sua fisionomia.
Conversamos e você me disse estar arrependida,
olhou nos meus olhos e disse que queria voltar.
Hesitei firmemente,
não havia te perdoado,
mas amando-te loucamente,
decidi te aceitar.
Meses se passaram e, certa vez, você teve que viajar,
disse que demoraria quase dois meses para retornar,
até que numa manhã de setembro,
uma carta com remetente não identificado me foi entregue pelo correio.
Sentei no sofá com estranhamento
e com uma curiosidade angustiante,
ansiosamente
comecei a abri-la,
visto que me lembrei que era a mesma carta que eu já havia lido.
Corri para o quarto,
abri a gaveta do armário,
a carta havia sumido.
Surpresa com o fato,
olhei para os lados,
atordoada,

à procura de uma explicação,
para a justaposição
do tempo.
A carta trazia a mesma mensagem que dizia:
Aqui, na rua da Lamentação,
eu ainda espero o teu perdão!
Horas se passaram,
um policial bateu à minha porta,
a tristeza adentrava meu peito,
vinda lá de fora,
sincronicamente
acontecia um acidente
envolvendo dois carros.
Meus olhos encheram de lágrimas,
rasgando meu rosto,
a jorrar.
Intuitivamente eu sabia que você não iria mais voltar.

https://fragmentosilusoes.blogspot.com/

Kamila Bicalho

Vila Velha/ES

Anjo

Querido anjo meu
Por tanto tempo me guardastes
Guiou-me, protegeu-me
Levaste-me ao céu
E pude sentir um pouco do paraíso
Mas algo começou a acontecer
E tudo dessa liberdade
Começou a nos aprisionar
A corroer por dentro
A nos machucar
E o que antes era tão bom
Tornou-se nossa prisão
Mas que doce prisão
Estaríamos sempre presos
Mas e o mundo?
Quem ama não é livre?
Vai anjo meu
Volte para os céus
Proteger quem te merece
Pois quis tirar tua liberdade
E agora isso me compadece
Não poderei mais voar
Mas ainda espero poder amar
Querido anjo
Lembra-te de mim em suas orações
Que algum dia eu mereça o perdão
De ter machucado teu coração
De ter tirado teu voar
Dentro de nossa prisão
Por ser egoísta
E te querer para sempre
Em minha triste solidão

https://www.instagram.com/clichesia/

Karol Costa

Campo Grande/MS

Ciclos

É comum ouvir que a vida é feita de vários ciclos, sendo eles comumente divididos em dois: bons momentos e momentos de crescimento (dificuldade).

Para algumas pessoas o ciclo se transmuta muito rápido enquanto para outros, demora um pouco mais, como por exemplo o ciclo de 7 anos.

A cada 7 anos ocorre algo que muda sua história de uma forma totalmente inesperada.

O ano foi cheio de imprevistos, de crescimento, de desafios.

Algumas pessoas entraram no meu caminho e da mesma forma saíram.

Reconhecer que tudo é crescimento, aprendizado e que além do crescimento mental há a evolução espiritual não é simples, mas no fim tudo é válido.

E como isso é bom saber que ao menos houve melhora mesmo que seja pequena, nos mostra que o ser humano tem a capacidade de evoluir às vezes lentamente ou outras rapidamente.

Então a você que tem receio do novo, posso dizer não temas, deixe entra porque tudo acontece conforme o tempo de Deus.

Mesmo que não saibamos o porquê, confiar é reconhecer que a fé nos move.

Ciclos se iniciam e terminam, com eles novas histórias podem surgir.

Vale lembrar que o direito de escolha é que determinará onde iremos chegar, ou seja, se quer resultados diferentes, é preciso ter atitudes diferentes.

Ás vezes mudar de ares, de amizades, modo de enxergar a vida.

Valorize aquilo que não tem valor palpável, te garanto que vale mais do que aquilo que o dinheiro compra.

Ao ano que passou agradeça por tudo que lhe trouxe mesmo que não fosse o desejado, mas foi o que o Universo decidiu que fosse melhor para o meu crescimento.

E o que esperar do ano que vem? Bom, do fundo do coração deseje que lhe seja concedido o melhor e que novos projetos se iniciassem.

www.karolinnesilva.prosaeverso.net

@cartas_da_karol_

Keli Vasconcelos

São Paulo/SP

Apenas nós

Busco em seus lábios
O campo mais ousado
A pétala macia
Cor de violeta

Busco nas flores
O cheiro de sedução
Busco a sua mão
Esta que percorre o meu corpo

Absorta
Absorvida pelo seu olhar
Já me flagro a cantar
Vejo daqui de cima a sua chegada

Vem, cura minha chaga!
Bebo agora as suas palavras
Sei que não se arrependerá depois
Da jornada em nossa floresta de lençóis

Apenas nós
A sós
Estrofe e refrão
Repouso e coração

https://keliv1.tumblr.com/

L. S. Danielly Bass

Marília/SP

Amor Cartesiano

Deus sabe que eu não sou cartesiana, todavia, há quem diga que meu amor é cartesiano, que eu tenho um jeito cartesiano de amar. Eu digo que o amor real parece ser ideal em um mundo onde tudo acaba por ser tão banal. É verdade, há um tanto de idealidade no meu amar, por isso, talvez, mas só talvez, no amor eu haja de fracassar. Se for isso, que seja, mas eu ei de deixar alguns pensamentos e, em pensamento, é impossível eu errar, na prática? É provável que eu ei de falhar, talvez um gênio maligno venha me atrapalhar. Eu percorro o caminho e o vivo, eu não sou de meditar! Só costumo desconfiar de um amor que não seja tudo, de um amor que não seja absoluto, de um amor que não seja, porque o não-ser não cabe no amor. Os amores parciais parecem-me irreais, por vezes, estes não amores enganaram-me. Mas eu sei que o talvez não fundamenta o amar, só um lado é incapaz de o completar e metade do amar é um não-amar, um não-amor. Esqueça, eu não postulo um gênio maligno a nos enganar sobre o amor, sobre o que é amar, não preciso ir tão longe, aqui a observar, eu posso afirmar que o regime em que vivemos é uma escola do desamar, não sei, mas digo, que do amor este sistema ousou nos afastar. Contudo, eu não deixei, eu nunca deixei de buscar para além das sombras que ele costuma projetar. Então, deste caminho o que eu posso afirmar? Eu sou uma coisa que ama a buscar outro ser que ama, um ser que eu ame, um ser que me ame. Sem vacilar, eu afirmo, a reciprocidade é o alicerce a levantar qualquer conceito de amor que se queira eternizar. E na completude do buscar eu sei que irei experimentar o amor que nunca deixei de acreditar, o amor absoluto, que não sei onde está, mas no qual eu ouso confiar, porque, sem ele, não vale a pena o amar, sem ele, o amor é um sentimento vulgar. Eu sei que pode demorar, mas eu sigo meu percurso sem me apressar e, sem método, eu me permito errar, vivendo as delícias que os desamores da vida podem me dar.

@l.s.daniellybass
https://www.recantodasletras.com.br/autor.php?id=222558

Leandro Emanuel Pereira
Matosinhos, Portugal

Anima-me animal

Tens um dono;
Alguém que te guia;
Mas te afasta do trono;
E assim será com a tua cria...
Ainda assim não te afliges;
Nem tão pouco;
Alguém agrides;
Com este fado rouco…

Talvez por ignorância;
Ou simples passividade;
Te sujeitas com tolerância;
A tal realidade...

Registas todos os atos;
Do teu pastor;
Ficam gravados;
Em pleno no teu rubor...

Assim me animas;
Animal puritano;
Suavemente me ensinas;
A desmesurar este triste engano...

És poço de sabedoria;
Quem te subestima;
Empobrece a própria filantropia;
Rateia os dias de lucidez num eterno enigma...

No entanto;
O teu leite ofereces;
Sem imprimires agressividade ou fazeres pranto;
Com o teu queijo na boca fazemos preces...

Podíamos aprender tanto contigo;
Qual décalage nos assolaria;
Nesta viagem ao íntimo meu amigo;
Mas olhar para dentro não é a nossa sina...

Leila Araújo Pereira
Camaçari/BA

Saudade

Reencontrar, reviver, viver...
Momentos bons e agradáveis
Com entes queridos há muito separados
Pelos imprevistos previstos pela vida!
Dia a dia que se adia,
Pela labuta,
Por caminhos que escolhemos trilhar!
Mas tudo se acaba no abraço apertado,
No beijo prolongado,
No choro aliviado,
De ter ao seu lado,
Aqueles tão amados!

Liécifran Borges Martins
Espírito Santo/ES

Amor

Amor, vem amar nessa praia.

Sobre as águas desse mar.

Vem amar! ar,ar,ar!

Não tenha medo de beijar.

O teu amor nesse mar.

Espalha amor, sobre essas águas,

por favor, não tenha medo do amor.

O amor é fogo que queima.

E coração em chamas.

E brilho nos olhos.

O amor é tudo que um coração,

pode sentir. Sentimentos bom é amar.

Amar no Norte ou Canadá.

Amar no Sul ou Sudeste.

Apenas ama. Apenas ama.

Lilian Gonçalves
Mário Campos/MG

Bucólica

Estrelas brincam de não se revelar
seus mistérios encobrem nas nuvens
que os ventos balançam de lá para cá
num movimento que lembra
as gangorras em que brincávamos
no quintal de outras casas
enquanto as mães
botavam roupas pra quarar.
era outono
e o banho de folhas mortas
trouxe o amor de volta
com cheiro de roupa limpa
eu miúda em sua concha
esmiuçava minha flor
p-é-t-a-l-a por p-é-t-a-l-a
(pó)len
esvaindo-se pelo caminho do orvalhar
de corpos semicerrados
gozando a plenitude
ao farfalhar da natureza
que cíclica
não traz de volta as raízes arrancadas
por mais que belas
permanecem mortas.

Lira Vargas
Niterói /RJ

Brisa do outono e do tempo

As chuvas de março fecharam o verão. De uma porta aberta, chegou o outono. E em seu colo novas vidas, ou vida se renovando. Fiquei imaginando esse mistério que só o tempo tem o segredo, as estações chegam com suas performances, fazendo seus espetáculos em cores, flores perfumando o ar, frio para agasalhar, calor para suar e as frutas com sabor de flor será? Como fadas mágicas, elas visitam o planeta, faz a sua festa, agradam a uns ou desagradam a outros, quero calor, quero frio! Mas um misterioso cerimonial a lista se mantém imponente, reverenciado e intransigente, é o TEMPO. Ele parece ter mãos ou tentáculos, ele dita as regras, e as estações como os vagões de trem que obedecem as Marias Fumaça, que rebolando sobre os trilhos vai e vem, que apita nas curvas para alguém ou ninguém soltando fumaça na brisa que, se mistura as nuvens nessa constante ida e volta, mudando cenários de despedidas e adeus. A chuva vem igual as bailarinas, as folhas caem dando lugar aos frutos e a vida. O vento sopra numa sinfonia de alegria, o sol parece descansar em esplêndidas nuvens. E breve o tempo abrirá as portas do inverno. Ah! Brindemos ao inverno. Mas enquanto ele não chega, celebremos o outono que parece inverno nas chuvas e brisa de verão quando dá lugar ao sol e espera da primavera das flores e cores.

Lizédar Baptista
Anápolis/GO

Ulos Lunares

Lua o que dizes?
O que dizes
Neste uivo silencioso de alcateia de um só lobo?

A cidade dorme
Restaram apenas nós
Diz-me breve
A ponto de caber na casca de uma noz
Desabafa o que tu escondes
Deságua em mim a verdade como se fosse foz
E com teu reflexo trêmulo vibra tua voz

Lua de tapioca
Lívida como Mandi
Exala teu perfume de Piripiri

Por favor não esconde atrás das nuvens como índio que adentra à oca

Lua Lua
Sai da toca
Sai da toca
Diz a alta verdade que a ponta de um arranha-céu toca

Lua Lua
A cidade já foi dormir
Vê que ironia do destino
Outra vez só nós dois

Diz-me Lua
Contra quem lutas
Ó guerreiro de prata!

Lua Lua
Diz-me o que sente
Diz-me o que aí de cima vês
Quereria voar para ver o céu in loco nem que seja só uma vez

Lua Lua
O que diz teu ulo?
Teu salto?
Teu pulo?

Luan Henrique Schettini
Poções/BA

Enganados Em Tela

Rosto quadrado, nariz empinado,
Esse é o novo retrato.
Infunde a sua realidade,
Para trazer consigo uma falsa moralidade.

Afunda no seu ego,
E sobressai sua loucura coletiva.
Filtro na cara, e por trás,
Uma solidão que não para.

A realidade de querer ser igual,
Sabota a sua realidade moral.
Enquadrados em uma tela de sonhos e ilusões.

Todos querem as mesmas condições,
E a sequela?
Ser enganados por uma tela.

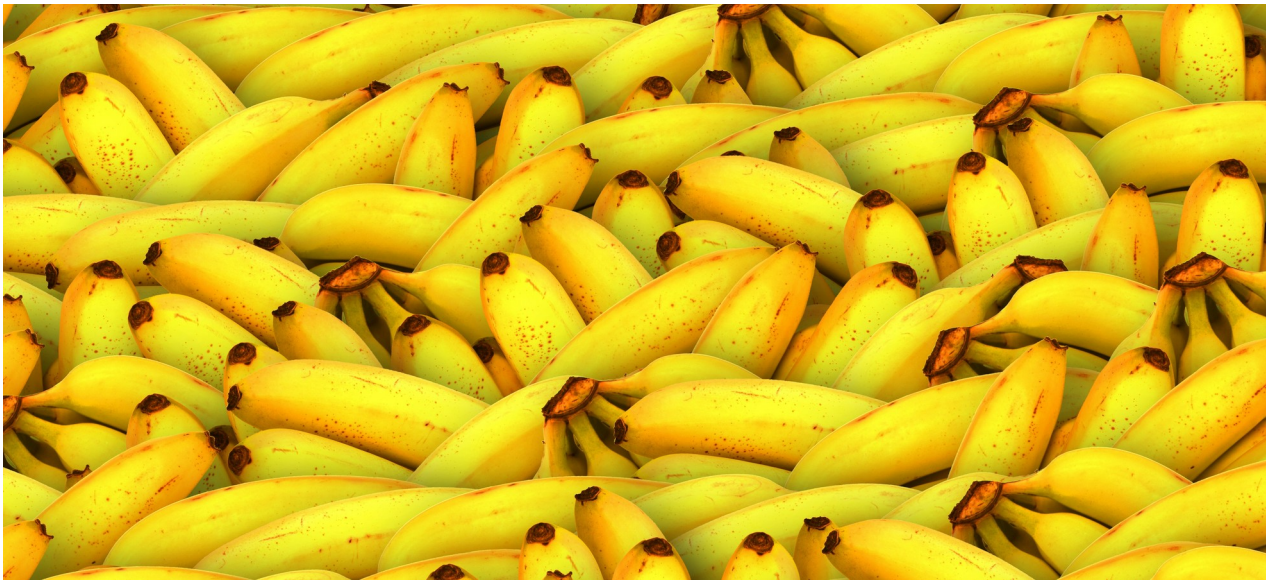
Luís Amorim
Oeiras, Portugal

Alma tão alegre

Alegre passava
Elegante vestia
E na pureza via
O ar que respirava
Sorrindo de face
Ao tempo que trace
Caminho de recordação
O hoje da percepção
Em como ao vento
Da brisa então
Era refresco atento
Cabelos sem mão
No controlo suficiente
Sem necessário pente
Esvoaçando alma
Naquela tarde calma.
Sol muito observava
Mas não interferia
Na alma que ouvia
Alguma ventania
No quase abraçava
Em ritmo que dava
Respiração pausada
Ao presente chegada
De trejeito admirada
Ainda bem saudada.
Mas tempo aquele
Vendo bela pele
Tudo serve recordada
Em como animada
Era alma tão alegre
Que hoje segue
Na hora atenta
Onde sempre pegue
Nela que se contenta
Ainda por tempo
Ausente de contratempo
Ou demais contrariedade
Longe em seriedade
Daquele momento
Um singular evento.
Era pois ao vento
Que ela caminhava
E brisa espalhava
Do contagiante olhava
Tão alegre sorrindo
Sol também seguindo
Passos seus conferindo
O demais povo atento
Virando rosto por lento

Para apreciar ao cento
Ou mais que se via
Em como se dizia
Bem feliz ela vestia
Alma pelo caminho
Que era colectivo
Nunca por sozinho
No admirar respectivo
Então na devida altura
Como agora na pura
Recordação por acesso
Sempre até passado
Jamais por excesso
Ou talvez um ditado
Plenamente justificado
Ao melhor predicado
A ela, no justo creditado
Tão alegre alma
Naquela tarde calma.

facebook.com/luisamorimeditions



Luis Fernando Ribeiro Almeida
Pinheiro/MA

Banana! Três Reais A Dúzia!

Naquela manhã de sexta-feira, um dia de dezembro, na parada do bairro de São Brás, na espera do ônibus para ir à universidade, eis que vejo vindo uma espécie de carroça puxada por dois homens, um mais velho e um mais novo. Sobre a carroça, muitas bananas, bananas à mão cheia! Amarelas como ouro, aquilo era uma visão empolgante. Aqueles dois homens, então, suados, como que tivesse percorrido um longo caminho, começaram a dizer, encadeando as falas:

— Banana! Três reais a dúzia!

— Banana! Três reais a dúzia!

Um após outro, como em um jogral. O mais velho, com mais ênfase, o mais novo, com certa malandragem.

— Banana! Três reais a dúzia!

Em meio ao barulho, muita agitação. Naquele ponto de ônibus, o pregão:

— Banana! Três reais a dúzia!

Ao lado, um pouco mais à frente, um cesto de palha ou vime, forrado com folhas de bananeira, estava repleto de uma iguaria muito apreciada no local: o beiju de Bragança, torradinho, amarelinho como as bananas na carroça.

— Banana! Três reais a dúzia!

Ônibus passando...

Banana cacau, banana prata, banana maçã, banana da terra, banana roxa! Bananas à mão cheia!

Talvez, por ter ouvido uma pergunta de uma curiosa, o vendedor apressou-se, dizendo:

— Banana prata!

— Banana prata, hein!? Só vendo — disse a senhora atrás de mim.

Uma olhada para a fruta. Lá vem o ônibus que esperava. Uma correria. Entro no ônibus. Passo na roleta. Um cartão digital para pagar a viagem. Sento-me na poltrona. Ao fundo, ainda conseguia ouvir:

— Banana! Três reais a dúzia!

@fernandoalmeida_pinheiro

Luís Lemos

Manaus/AM

Brincando com os anjos

Rodrigo era uma criança que tinha especial encanto pelas coisas sagradas. Aos cinco anos de idade, quando a sua mãe lhe explicou sobre a importância da oração na vida do cristão, ele lhe perguntou:

– O que é ser cristão, mamãe?

– Ser cristão é ser seguidor de Jesus Cristo, meu filho!

– E onde Ele mora?

– Ele mora lá no alto, no céu, junto com os anjos!

– Mamãe, eu quero morar lá no alto com Ele e com os anjos.

Rodrigo era filho único. Morava com sua mãe e sua avó materna numa propriedade rural, no interior do Estado do Amazonas.

Seu pai abandonou a família assim que soube da existência de Rodrigo, dizendo para os seus "amigos" mais próximos:

– "Esse filho não é meu".

Com muita dificuldade, sua mãe conseguiu completar o período da gestação e Rodrigo veio ao mundo no dia 08 de dezembro de um ano qualquer do século XXI, dia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Estado do Amazonas.

Quando Rodrigo cresceu um pouquinho, sua mãe voltou a estudar e concluiu o curso de "Cuidador de Idosos" junto aos índios da região. Em seguida, conseguiu um trabalho no povoado mais próximo, Santa Luzia.

Rodrigo foi crescendo muito solitário. Além das poucas pessoas que iam "pedir bênçãos" para a sua avó, poucas pessoas apareciam por lá. O mundo de Rodrigo era o universo dessas duas mulheres: sua mãe, uma "enfermeira" que passava o dia todinho fora de casa por causa do trabalho e sua avó, uma mulher espiritualista que vivia dentro do quarto, cercada por cristãs, incensos e imagens de santos; ouvindo músicas celtas e recitando salmos.

– Mãe, vamos sair um pouco? Vejo que a senhora está muito em casa, sozinha, sem amigas, sem ninguém!

– Não, filha! Estou bem onde estou e como estou.

– Já disse, a senhora precisa ver gente.

– E eu já lhe disse, eu estou bem! Deixe-me com os meus afazeres. Eu sou feliz assim, sozinha! Não preciso de ninguém.

– Nem de mim?

– Não seja sentimental. Claro que só de você e do meu neto.

Pelo fato de não ter irmãos nem outras crianças da mesma idade com quem conviver, Rodrigo permaneceu muito isolado durante a primeira infância, a ponto de começar a falar só aos três anos e meio de idade.

Um dia, ao chegar do trabalho, sua mãe sentiu sua falta. Foi no quarto do filho, e ele não estava lá. Procurou em todos os cômodos da casa e nem sinal de Rodrigo. A avó de Rodrigo pensando que a filha tinha levado o filho com ela para o trabalho, nem se preocupou com o "sumiço" do neto, e passou o dia inteirinho nos seus "afazeres espirituais".

– A senhora não sabe mesmo onde está o meu filho?

– Claro que não, filha! Hoje eu não atendi ninguém. Ninguém veio aqui.

– Se ele não está aqui, para onde ele foi mamãe? Será que raptaram o meu filho?

– Acalme-se! Ele não deve ter fugido.

– Então vamos procurá-lo.

A angústia de não saber onde Rodrigo estava e nem o que tinha acontecido com ele prolongava-se por uma, duas, três horas...

Quando ambas iam saindo para buscar ajuda externa, mãe e avó avistaram Rodrigo de joelhos, orando junto a uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, nos fundos da propriedade.

Ao ser questionado sobre o que havia acontecido, ele respondeu:

– Hoje foi o dia mais feliz da minha vida!

– O que aconteceu? – perguntou sua mãe.

– Os meus amigos vieram me visitar!

– Que amigos? – perguntou a sua avó.

– A senhora não disse que hoje não veio ninguém aqui?

– Deixa ele falar – disse sua avó.

E virando-se para o neto, disse-lhe:

– Conte-nos Rodrigo. Quem são esses seus amigos?

– Vó, a senhora não vai acreditar.

– Vou sim filho, pode contar – insistiu sua avó.

– Assim que a mamãe saiu para o trabalho e a senhora foi varrer o quintal, apareceram três crianças.

Elas me chamaram para brincar debaixo da mesa da sala, dizendo: "Vem conosco! Vem conosco!".

– Devem ter sido os filhos daquela mulher que a senhora atendeu semana passada. A senhora lembra como ela era?

– Não interrompa. Deixe o seu filho falar.

– Mamãe, – continuou Rodrigo, – não se trata de seres materiais, mas sim de seres espirituais, de Anjos.

Muito assustada, sua mãe lhe pegou no colo e cobriu-o de beijos. Disse-lhe que o amava muito e que não queria lhe perder.

– Eles me convidaram para morar no céu.

– Você pode descrevê-los? Como eram essas crianças?

–Mamãe, deixa disso, o meu filho está abalado, parece que ele viu foi um fantasma.

Rodrigo virando-se para a sua avó, disse-lhe:

– Vovó, não dava para ver claramente, mas a voz era nítida e as palavras saiam articuladas.

– Eles se apresentaram para você? Falaram os nomes?

–Sim. O mais falante era o Gabriel. O Rafael era mais sério. Agora, o mais divertido era o Miguel.

– Venha, vamos entrar, essa conversa já está até me deixando com medo – disse-lhe sua mãe.

E sua avó completou:

– Eu garanto que você está morrendo de fome – disse fazendo um cafuné. Passou o dia inteirinho brincando com os Anjos. Vamos comer? Vovó preparou um delicioso bolo de laranja para você e seus amiguinhos.

Rodrigo nutria um especial encanto pela existência do bem, isto é, acreditava que o bem não só existe como ele se manifesta nos seres humanos enquanto criaturas criadas por Deus.

Depois de comer o delicioso bolo de laranja da vovó Nair, Rodrigo disse:

– Deus meu, perdoe-me! Sei que aí no céu é um lugar muito lindo, mas por hora prefiro ficar aqui com a minha família, juntamente com a minha mãe e minha vó.

– É isso que Vossa Excelência realmente deseja? – perguntou o Anjo Rafael.

– Claro que sim! Gosto muito de brincar com vocês, mas eu gosto muito mais de minha família!

Quando Rodrigo terminou de falar, os Anjos desapareceram.

– Devo ter sonhado – disse sua mãe – mas parece que eu vi anjos aqui no meio de nós.

– Como eu ficaria feliz se isso fosse verdade – disse vovó Nair.

Por fim, falou Rodrigo:

– Deve ser muito chato ser adulto. Bom é ser criança. Nós brincamos com os Anjos!

https://www.youtube.com/channel/UC94twozt0uRyw9o63PUpJHg

Luisa Garbazza

Bom Despacho/MG

Dilema

Esses instantes inversos,
tal o âmago dos versos,
ou recôndito da alma,
visto na ausência da calma.

Um turbilhão se pressente
no burburinho da mente.
A tristeza evidencia
o rosto que silencia.

Seu olhar sente apertado,
o semblante assim pesado;
sente forte emoção,
e tão frágil coração.

A intensa fragilidade
rouba-lhe a serenidade.
Distingue da alma o grito
num murmúrio tão restrito.

A mente em desalinho
busca pra si um caminho,
uma palavra, um poema:
poesia em seu dilema.

https://luisagarbazza.blogspot.com/

Luiz Manoel de Freitas

Natal/RN

Marcas explícitas

Em sua face enrubescida
os olhos brilham e uma lágrima desce.
Seu olhar se perde,
e entre a folhagem
uma rosa recebe
o seu olhar sombrio.

Não faz frio, nem calor!
Mas seu corpo treme frente ao mormaço,
e estremece ao toque da brisa,
enquanto fenece nos seus pensamentos,

Um amor mal-amado,
uma paixão mal resolvida,
um não... O sentimento
que lhe provoca tristezas,
e no meio do jardim,
o sol aquece com firmeza
o resquício que ainda existe,
deste mal. Enfim ... ela evapora.

www.reviver2003.blogspot.com

https://www.facebook.com/luizmanoel.freitas.12

Marcel Luiz
Contagem/MG

Delírio

há vista
onde
o olho cega
onde
há ar e mar
é onde é
e onde
ontem
ainda não acontecia
a certeza poesia

Marco Antonio Rodrigues

Niterói/RJ

Decisão

União infeccionada.
Carcomida pelo tempo.
Que se arrasta combalida.
Se transforma em tormento.

O apego grita alto.
A intimidade é glacial.
A vida convida para dançar.
É preciso dizer tchau.

Dói o frio, dói o abrir mão.
A covardia me estende a mão.
Encontro-me na encruzilhada.
Com medo da solidão.

Período perturbador.
De grande desilusão.
Recheado de dissabor.
Que exige decisão.

Dente cariado.
Que comprometeu o canal.
Tem de ser arrancado.
Se tornou um grande mal.

Vejo o luzir do boticão.
Se aproximando da união.
As lágrimas rolam na face.
Depois do impiedoso puxão.

Sangue na gengiva.
Dor no coração.
Luto por um período.
Ciclo da renovação.

O tempo que deteriora.
Também amansa a dor.
Em breve vem à melhora.
Quiçá um novo amor.

Marcos Andrade
Lavagem/Trairi/CE

Girando

O mundo Gira
Gira o mundo dentro de mim
E Giram os contrários
E contrariando o mundo Gira
O mundo Gira para dentro e para fora
A maresia Gira o mundo
Gira o mundo dos meus antigamente
Gira o mundo daqui para frente
Gira o mundo do encantamento
O mundo Gira pelo encantamento
Gira o mundo todo
O mundo é Girado por Seu Viramundo
E de Gira se fará o novo mundo.

https://www.amisticadosencantados.com.br/

Marcos Antonio Campos
Natal/RN

Tabacaria

Era aligeirado pela pouca idade quando meteram-me dentro do poema. Sou o Esteves sem a metafísica da *Tabacaria*. Já completei cem anos, mas o poema não. O poema tornou-se meu adversário, quando plantei no poeta o *"terreno fértil da criatividade"*. Sou um mito da poesia e ainda está de pé a infâmia que deitaram sobre mim. Nunca tive nada com o Pessoa e andam a sugerir que sou heterônimo. Isso é futrica do Álvaro que me pôs ao ridículo dessa abstração.

O Álvaro, sim! Gosta de deitar prosa com o Pessoa e imergir nas profundezas da angústia. É heterônimo e cá estou a insinuar que o gajo caminha pelas *"linhas quebradas e ao final do ponto vira verso"*. Estou a esperar retratação nos cem anos do poema que cá já estou a vislumbrar.

@marcos antoniocampos89

Marcos Guimarães
São Luís/MA

Mar

Eu esperei por você.
Só queria ter recebido
Uma ligação ou um simples sinal,
De que dessa vez seria diferente que não me
Deixaria a deriva no mar feroz de
Sentimentos.
Mas, você desapareceu.
Assim como suas promessas, me deixando
Náufrago nesse mar, afundando
Pouco a pouco.
Tento olhar em volta de
Tudo que restou, sinto as lembranças,
A dor da saudade.
Às vezes, me sinto culpado
Esperando o que não vem.

https://instagram.com/marcosrodrigo95?utm_medium=copy_link

Marcos Malagris

Rio de Janeiro/RJ

O Tombo

Seu Antônio avançou pela pracinha com convicção. A convicção de um homem que caminha desde seu primeiro ano de idade. Uma habilidade conquistada a duras penas no início de sua vida e aperfeiçoada ao longo dos anos, até atingir o estágio de maestria. Seu Antônio caminhava com a mesma graça que uma ave voava. Ou que um peixe nadava.

E era bom nisso. Tão bom quanto um ser humano médio pode ser.

Não obstante, sua estimativa sobre qual deveria ser o tamanho de um degrau normal também havia sido construída ao longo de seus cinquenta e dois anos de idade, com base em uma vasta amostra de todos os degraus que já havia subido em sua vida até aquele momento. Era uma noção bastante apurada, ainda que não tivesse plena consciência disso. Se lhe perguntassem, não saberia dizer. Mas subia degraus todos os dias, não costumava errar.

Aquele, no entanto, não era um degrau normal. Era uma aberração. Poucos centímetros mais alto que a concepção do degrau perfeito, que de alguma forma fazia morada no cérebro experiente de Seu Antônio.

Para piorar, naquele dia usava pela primeira vez o sapato que sua filha lhe deu de aniversário. Era um pouquinho maior que seu pé, mas não o suficiente para valer o trabalho de ir na loja trocar. O danado era bonito. Couro legítimo com acabamento de camurça, marrom clarinho, cor de areia. Um clássico. Mas isso não apagava o fato de que era, de fato, um pouquinho maior do que seu pé, assim como o degrau era um pouquinho maior do que o previsto. A tempestade perfeita.

O bico do sapato de camurça de Seu Antônio beijou a quina do degrau na calçada da praça. Um beijo roubado, que dava início a uma relação conturbada. Um amor que nunca seria. E uma batalha contra a gravidade, onde o favorito não era Seu Antônio.

No amor e na guerra vale tudo, e Seu Antônio não desistiria tão fácil de ficar em pé. Mesmo com seu eixo inclinado alguns graus para frente. Mesmo com seu centro de gravidade perdido em algum canto. A luta ainda não estava perdida.

O cérebro de Seu Antônio começou a pôr seu plano em prática. Se corresse um pouco mais rápido, aumentando sua velocidade, talvez conseguisse retomar o equilíbrio.

Lembrou-se de sua doce infância, e de como andava de bicicleta pelas ruas de terra do bairro. Lembrou-se de quando aprendeu a pedalar com seu avô, que o chamava de Toninho, e do ensinamento de quando prestes a cair, pedalar mais forte para aumentar a velocidade. Para ganhar momento, e retomar o equilíbrio.

E foi o que fez. Mas era difícil, já que nada parecia estar onde deveria. Cima parecia baixo, baixo parecia lado, lado parecia chão. O mundo parecia virado do avesso. No entanto, o instinto do jovem Toninho o dizia para continuar a pedalar.

Com o pé direito, projetou-se para frente. Ainda não era o suficiente para retomar a postura. Fez o mesmo com o esquerdo. Nada. A tragédia se anunciava, aproximando-se mais rápido que antes. Mais uma vez usou os pés em sequência para impulsioná-lo à frente, na infrutífera esperança de erguer-se novamente como um homem ereto. Todos os anos de evolução de sua espécie o levaram até ali. Todos seus cinquenta e dois anos de vida, toda a prática adquirida em caminhar.

As pessoas na praça observavam, atônitas, ao senhor que ganhava tração, correndo inclinado junto ao solo, em uma luta vã e desesperada contra o inevitável. Seus rostos se franziam, contorciam-se prenunciando o desastre. Os limões de sua sacola já há muito rolavam pelo chão, desfilando na frente do homem que era orgulhoso demais para se render ao abraço do solo.

Nos breves instantes de luta pela dignidade, o conceito de tempo em si parou de fazer sentido, e Seu Antônio se deparou com a *verdadeira* sensação de estar vivo. Ali, naquele exato instante, catando cavaco, Seu Antônio se deparou com o segredo do mundo, e de todas as outras coisas que aqui estão. O amor, a tristeza, a glória… A sensação era fugaz, mas universal. Primordial. Fundamental. Era a resposta de tudo, antes mesmo que pudesse elaborar qualquer pergunta.

Foi neste momento que parou de lutar. Distraiu-se com a realização-una e foi forçado a aceitar a queda. Ali, no chão da praça, permaneceu deitado. Com o lado do rosto colado na pedra portuguesa por onde tantos passavam todos os dias - apressados, atrasados, em luto, distraídos, recém-promovidos e os ansiosos por sua casa. Esperava o conforto daquela sensação voltar, mas era tarde demais. Durou apenas um efêmero instante. Mas ali, exatamente ali, entendeu seu papel no grande esquema das coisas.

- Meu senhor, você está bem? - ouviu uma voz jovem atrás de si.

E então a sensação perdeu-se de vez, sem esperança de regresso. Tarde demais.

Lentamente Seu Antônio se reergueu. Agradeceu a preocupação da jovem, e pôs-se a catar seus limões.

Marcus José

Maranguape/CE

Indelével Utopia

1. Ah! Que bom seria
Viver na santa paz
Em plena harmonia
É assim que Deus faz

2. Alegria, o bem viver
Com a bela natureza
Não poderia esquecer
Seu encanto e beleza

3. Verde, pássaros, animais
Tranquilidade e ar puro
Sim! Quero mais e mais
Como é bom, eu te juro

4. Que o mundo seria melhor
Se isso fosse uma verdade
Plena, sem danos e nem dor
Contemplar a real felicidade

5. Claro, aqui, tudo é possível
Cada um, estar em sintonia
Difícil, mas não impossível
Persistir... Indelével utopia!

https://www.facebook.com/profile.php?id=100018517876743

Maria Carolina Fernandes Oliveira

Pouso Alegre/MG

8 de Março

Sorrateiramente
a chama chegou.
Aqueceu os pés inchados
acariciou o chão puído.
Portas trancadas
janelas fechadas
fábrica em convulsão.
Em pleno século XIX
esta fogueira da Santa Inquisição
em que o papa era o burguês
e as bruxas eram as 130 operárias,
párias
da nação norte-americana
da cobiça soberana,
que ousaram gritar
por jornadas menores
salários melhores
e morreram.
Queimadas.
Sentenciadas
pela bondade do patrão.
Era 8 de março
e rastilho de transformação.

Maria Eduarda Lago
São Paulo/SP

Cíclico

O relógio me mostra que o tempo está passando
(Tic-tac...Tic-tac)
Ponteiro parado em um número completo outra vez.

A falta do poder de pará-lo que se encontra em minhas mãos
Faz enxergar-me como um ponto material
Desde que deus e seus semelhantes
ou talvez o acaso
ou qualquer coisa que seja capaz de explicar o inexplicável enquanto mergulha na lógica humana
Nunca consegui realmente me conhecer.

Noutras palavras, me vejo em muitos lugares, mas no fundo não me encontro.
Sequer dentro de mim, sequer fora

Nunca pude decidir meu filme favorito
A cor que mais encanta meu olhar castanho-escuro
Ou o lugar que meus pés mais gostaram de estar
Parece-me sempre faltar algo
Essa busca incessante de pôr um descuido ou coincidência
Poder descansar, sem pressa

Quando saio e espio a rua
Olho os pássaros cruzando o céu e me pergunto se também se sentem desse modo
No entanto

Eles possuem asas

A volatilidade cansa meu corpo humano
Minha mente humana
Nunca estou no mesmo lugar
Queria mesmo que por um dia
Criar laço forte o suficiente para me fazer ficar
Pandemônio em pensamento
Tudo me parece tão longe
A cobrança vem de dentro.

www.instagram.com/dudaa.lago

Maria Inácia

Natal/RN

No dia do horto

Acordei cedo, como de costume, em teu quarto só havia o lume de uma vela, pois no dia anterior, mesmo após pedidos haviam cortado o fornecimento de energia elétrica. Oh! Ingrata vida, que mesmo trabalhando o dia inteiro, na maioria das vezes o dinheiro só dá para a comida.

Vida que me faz levantar todos os dias, antes das cinco; preparo o café, ajeito o almoço que comerei no serviço e já deixo tudo pronto para o almoço dos meninos. Me banho, em seguida já separo a roupa que vou vestir para voltar ao serviço. Viver é um risco, saio antes das cinco, faço minhas orações pedindo uma boa ida e boa volta. Mas, ainda no peito sinto o desgosto, de deixar meus filhos dormindo.

Em alguns momentos quando estou em casa e há luz, assisto novela e assistindo, tudo parece tão bonito a atriz sofre, sofre, mas, no final fica rica. Por mais que diga, que a vida imita a arte, me parece que na verdade, que não é minha História de vida, que eles querem contar. Dia após dia, faço a mesma coisa todos os dias.

Há quem me diga que é assim mesmo, que o dia a dia não é fácil, mas seu olhar pro lado, consigo observar que a minha vida é bem mais difícil do que a de Mariáh. Sou preta não tenho as coisas de bandeja e muitos ainda me olham como alguém que não tem estrela para brilhar. Também por isso, não sou humilde como esperam, sou brava! E faço de meu colega o melindre, daquela que não vai muito aturar.

A minha vida até parece uma novela, mas é dessas que você não vai ter paciência para acompanhar.

https://www.youtube.com/channel/UCGKDNP9W3LhWxIm5hyIol5g
https://www.instagram.com/inaciamusic/

Maria Pia Monda
Belo Horizonte/MG

O canivete suíço

É um som de desordem infeliz aquilo gerado pelo metal do canivete suíço, batendo contra as chaves de casa.

A saída está lá, no enorme bolso da jaqueta, no fundo, onde ela empurra os dedos e onde também há um isqueiro, que um dia acendeu cem cigarros e agora é apenas um invólucro de plástico inútil e vazio.

De vida divina procura traços, mas entre os dedos têm morte que nunca dará, mas que quer segurar, porque a lâmina se abre e um fio de sangue molha o forro, formando uma mancha vermelha, pequena, talvez invisível.

Pouco importa.

A cidade é uma baleia que engole seus espaços e as pessoas são iscas vivas, cada uma movendo-se nos meandros da sua própria realidade indigesta. Portanto, ninguém está olhando para ela e a indiferença tem o aroma de um patético nada que suja o seu corpo, igualmente invólucro, mas não de plástico, porém de carne e muitos ossos, alinhados e, em alguns casos, agudos contra a pele que mal impede a dissimulação de um estado aleio, longe, diferente.

O corte queima e, por um momento, a sensação é a do ar fresco que atinge o rosto quando a janela de uma sala, por muito tempo fechada, abre-se. Ademais, as facas abrem como as chaves, mas, para que tudo possa sair, o corte deve ser profundo, cirúrgico, deve ter um efeito patológico, ser a reverberação externa de uma punição interna, não admissível e, com certeza, não tolerável de outra forma.

Ela aperta os dedos e segura a lâmina.

O sangue aquece, mas é um calor úmido que gradualmente escapa, substituído por um arrepio de alívio e medo juntos, porque ela não quer — sabe que não quer — mais um erro para se culpar e, então, se ferir e, ainda, amaldiçoar o

impulso, não plenamente lúcido, mas infelizmente brilhante, de procurar dentro de si, e nunca em outro lugar, refúgio e expiação, comiseração e orgulho.

Ela aperta de novo, agora com a palma da mão, e a emoção é tão forte quanto seria forte o choque se ela pudesse realmente ver a linha do amor que se rompe e se torna uma linha de ódio, rancor e raiva, mas por aí não há mais que a escuridão, uma névoa espessa, e a emoção se redimensiona para um sopro normal, não de ar, mas de veneno, sublimado em partículas de vidanãovida.

Deprimida, abandona o aperto e a saída é uma entrada para o inferno onde, se houver ou poder existir uma via, deve ser entendida apenas num sentido: abandonar-se, sem querer-se de volta.

Mario Gayer do Amaral

Striptease:

Cai a noite
Um convite ao prazer
Sento-me na mesa bebericando minha cerveja
Esperando aparecer a dama do espetáculo

A música começa a tocar
Ela surge com sua indumentária
Chapéu, paletó, gravata, camisa e saia
E um cigarro na mão a fumar

Ela anda a passos largos
E começa a dançar
E é nesse momento sublime
Que começo neste baile a viajar

A dança continua
É o prelúdio da transformação
O paletó é aberto
A saia cai no chão

O show prossegue
O chapéu é arrancado
Com seus longos cabelos caindo como cascata
E o corpo de uma mulher aos poucos é revelado

A excitação aumenta
A transformação contínua
O paletó é tirado
O público delira
A música segue com mais intensidade
A gravata é afrouxada

Vem a felicidade
A gravata é arrancada

Fico com inveja da gravata
Quando esta toca em seu corpo
Não é nenhuma bravata
E segue sua dança fascinante

Pra minha surpresa
Ela enlaça a gravata em mim
Sou sua presa
E gostaria de ficar assim

Vejo seu sorriso maroto
Quando seu rosto encosta no meu
Me sinto feliz igual a um garoto
A gravata é jogada

O clímax se aproxima
Na sua passarela a deusa pisa
Sinto o momento sublime
Agora só resta a camisa

Os botões são abertos
A camisa é arrancada
Surge um corpo feminino
É completa a transformação

A multidão grita seu nome como a uma deusa
O tributo é pago com satisfação
E de peito aberto ela se despede
Deixando-me com lembranças no coração

O sol aparece
É hora de voltar a rotina
Esperando a noite cair
Para ver novamente aquela menina
Com seu bailado de Salomé
Que me fascina

Mario Loff
Tarrafal, Cabo Verde

Amar em silêncio até as rugas do coração

Já não me lembro das coisas já gastas, sempre foste desesperadamente boa nos alfabetos. Alias, boa como o mundo debaixo da tua costa. Aguentavas os filhos pelo corpo inteiro, mesmo dando de comer pelo resto dos braços. Lua mora grávida na tua cara, observavas os dias sem poemas ruins. Os teus olhos já idosos são um verso só. Ainda observas as fotos que um dia ti tiraram. Quando sorrias dos meus elogios em silêncio. Já me zanguei muito sem raiva. Eu mesmo me tornei metáfora sem raiva, só tenho essa cara feia, talvez ainda falte o seu amor sem aviso prévio. Por agora só me interessa a tua foto, quando bebíamos super bock no tempo que eramos uma só boca, agora há um viros invisível e as nossas estórias nos condenam. Te chamava de menina graciosa e, você era a baby. Ainda que hoje conservar-se rocha, eterno silêncio. Não fui eu é que cansei de ti. As vezes a distância relata o cansaço das palavras que gastamos até naqueles antigos beijos. Apartamos os beijos e as palavras. a podridão dos lábios são incertezas, orgulho e a morte anunciada. As vezes o próprio tempo cansa com nós mesmos. Vê as nossas peles tristes! As nossas antigas tristezas são saudades felizes, rugas e almas em fuga.

Matheus Camilo Coelho
Belém/PA

A geografia da dança

hoje, deixa eu dormir na tua fadiga.
deixa eu me afagar nas tuas lembranças.
me conta dos teus passos de dança, da última transa,
das coisas belas da vida.
quero saber da tua crença, das tuas posições sobre a alma
e o entrelaçamento dos planetas.
das posições astrais, dos cantos dos pássaros, das plantas, da terra e
do balançar das águas. *maré também é casa*, vai me dizer.

não teimo em te chamar pelo nome ou pelo sexo.
talvez seja Capitu, talvez seja Lisbela.
teu nome é um livro, um filme, teu nome é um paradeiro.
tua idade é uma cidade, tua idade é uma distância.
é o lembrete de que o rio também corre para o lado contrário.
teu beijo é lança e eu corro guardando conchas e rebanhos nas mãos.
eu carrego ilusões, não poesias. Assim, eu não escrevo, eu me fantasio.

https://www.facebook.com/profile.php?id=100008149807292

Matias
Uberlândia/MG

Pensamento Carcomido

As ruas e a escuridão

O povo e o seu perdão

A miséria exala afirmação

Afirmação que é a divina comédia do populismo

Reina neste açude

Da hipocrisia desmedida em vigor

De um povo que não tem rancor.

Maura Ferreira Fischer

Canoas/RS

Um Lar

O aroma do café sempre lhe deixava inebriada e agora despertava recordações, acompanhadas de uma profunda saudade.

Ali da cozinha podia enxergar a lareira que outrora acenderam juntos pela primeira de muitas vezes.

Naquele dia, bem cedo dois homens tocaram a campainha do pequeno apartamento onde moravam. Um era musculoso e o outro surpreendentemente franzino. Sob o olhar impassível do motorista do caminhão baú, ambos carregaram, sem o menor cuidado, a mobília, as araras com roupas e todas aquelas caixas meticulosamente identificadas. Nas últimas semanas, ela havia embalado os pertences do casal de forma diligente. Dedicou maior cuidado àqueles que lhes eram mais estimados: a porcelana cara que ficava guardada para as ocasiões especiais, os souvenirs das viagens e os discos de vinil... Ah, os vinis!

Depois que o caminhão partiu, giraram pela última vez chave naquela porta e rumaram de carro para a casa nova.

Enquanto se perguntavam se a mudança chegaria intacta, ele inflou um colchonete e ela serviu duas canecas fumegantes do café que trouxera em uma garrafa térmica. Fazia muito frio e ainda não tinham energia elétrica, mas a sala estava iluminada por alguns raios de sol que adentravam pela grande vidraça da frente.

Ficaram sentados ali, lado a lado, vendo o fogo crepitar. Falaram sobre a distribuição dos móveis e as flores que plantariam no jardim. Imaginaram as crianças correndo de pés descalços no piso encerado de tábuas corridas e andando de bicicleta pelas calçadas. Discutiram sobre os planos para o futuro. Discordaram sobre a cor com a qual pintariam as paredes. Foi naquele exato momento que a casa se transmutou em um lar.

Passado tanto tempo desde aquele dia, as lembranças das risadas que ecoavam no quintal, da mesa farta dos domingos, das leituras silenciosas na cama à noite e das tantas garrafas de vinho divididas, muitas vezes traziam mais dor do que alegria.

Agora, sem ele, havia momentos em que não sentia vontade de nada, apenas esperava o tempo passar. Era como se a vida tivesse se tornado uma interminável sucessão de dias vazios.

Emergiu de tais pensamentos ao sentir aquela pequena, rechonchuda e morna mãozinha puxar seu braço, ao mesmo tempo em que ouvia a voz doce dizer: - Vovó, os biscoitos estão prontos?

Os cabelos da neta, quase tão beges quanto a cor daquelas paredes, lhe fizeram recordar as colinas da Toscana que admiraram juntos em um verão. A imagem dos vastos campos ondulados sob a luz dourada do sol encontrava-se eternizada em uma foto sobre aquela mesma velha lareira.

Abriu a cristaleira. Pegou uma das belas travessas daquela louça especial. Serviu os cookies quentinhos, recém-saídos do forno. Colocou-a sobre lençol estendido na grama do jardim, ao lado das xícaras e do bule com leite e café.

Sentou-se na almofada de seda chinesa e observou a menina que dançava displicentemente sua música imaginária, como uma linda e livre borboleta, girando ao redor do piquenique improvisado. Sorriu.

Já era tempo de criar novas memórias.

@mauraferreirafischer

Mauricio de Oliveira Silva
Vitória da Conquista/BA

Maurício Régis
Camassandí/BA

Sagrado Planejamento

Tudo pede uma organização,
Organizando alcança o triunfo.
O esperado objetivo exige a repetição
Sobre o acerto de nada confuso.

O dia a dia precisa de mudança
Em resultado ao planejamento.
Se errado no papel que se traça
É porque falhou com o seu tempo.

Deus criou o mundo planejado
Dentro da ordem divina e celestial.
Foi ordenando passo a passo
Que a terra fundamentou-se de forma global.

Creia na própria consciência:
"Conhece-te a ti mesmo."
Estimule a boa influência
Que vá de encontro ao pensamento.

Fuja da mesmice criando
A estratégia da motivação.
A sabedoria ativa honra acionando
O que se demora acontecer em ação.

@masire_mauricioregis

Mayara Lopes da Costa
Santos/SP

Das Coisas Loucas do Mundo

Por toda a vida sentiram pena de mim, mas não o suficiente para não me deixarem de lado. Sentiram pena porque sou sozinha, mas, nem assim me convidaram. Sentiram pena porque esqueci meu nome, mas, nem assim os sábios lembraram. Sentiram-se mal porque me perdi, mas, nem assim me encontraram. Incomodaram-se, os que são, porque fiz parte das coisas loucas e insanas deste mundo, das que ninguém jamais compreendeu... Também, nunca tentaram!

Por toda vida também tiveram razão, sem saber que nada para mim era novidade. Acreditaram que foram as causas de fúria, temor e frustração desta deprimida. Mas, nenhum deles atingiu esse mérito. Porque esse mérito é meu! Entreguem, então, a medalha a quem sempre a mereceu: a dona de todas as feridas e a razão das despedidas, fui eu mesma, esta improvável, minha grande inimiga.

Pelo visto, sou uma ótima atriz, porque se convenceram mesmo de que fui feliz. De que eu me basto. De que não preciso de mais ninguém ou mais nada. De que sou aquela de mente e condutas exageradas. Acho que fiz um ótimo trabalho, pois, acreditaram que eu era um ser de outro planeta, capaz de escalar montanhas de olhos vendados e de deixar os inimigos respirando poeira. Ou, simplesmente, em nada acreditaram. Só esqueceram. Não se importaram. Pobrezinhos, estes nada pensaram, são muito ocupados!

Se clamam tanto por um novo mundo, por que se afligem com quem julgam ter surgido de outro? Por que se sentem afrontados com o novo? Como um mundo pode realmente mudar, se todos são daqui e permanecem iguais? Se suas ideias nunca irão se chocar? Precisamos daqueles que não são, das coisas

loucas que surpreendem, e das que sempre insistem em duvidar...

Talvez seja muita pretensão, mas, eu gostaria muito que um dia alguém me olhasse. Porém, que não me olhasse com pressa, nem de maneira superficial, como é de praxe. Mas, que realmente olhasse! A verdade é que todo dia deixo meu olhar perdido recair sobre algo ou alguém. Eu queria que me enxergassem... eu queria ser vista, transparente, nua! Mas, ainda assim não acho que mereça toda essa particularidade. Ainda assim, tão crua... Sei que parece pretensioso escolher a forma como deveriam me olhar. Desculpem toda essa minha pretensão, e se eu gostaria que me olhassem só um pouquinho devagar, com apenas um pouquinho mais de calma... Se esse desejo louco tem consumido por inteiro a minha alma!

Flagro-me conjecturando o dia que algum olhar se deitará sobre mim e se aprofundará nas partículas dos meus medos, dos meus sonhos, dos meus erros, nos falsetes das minhas angústias e nas melodias dos meus desejos, se tateará no escuro em busca das ideias que me alucinam, se algum ser alguma vez decifrará as vozes que me iluminam... E ainda que nem assim me enxerguem, não tem problema, porque é só um desabafo, não uma imposição. Mas, quem me dera! Ainda que eu, a invisível, desapareça, minimamente anseio, que algum dia compreendam esta coisa louca, e a sua frieza, esta coisa insana, e a sua visão! Contudo, dizem que a forma como fazemos as pessoas se sentirem é um reflexo do que nós somos, e não do que elas são. Eu sei que eu fiz as pessoas se sentirem especiais por onde andei e é isso que eu carrego dentro de mim. Elas, não...

@itismayara

Mestre Tinga das Gerais
Corinto/MG

O Doutor e o Matuto

Óia seu moço...
Nóis é da roça
E num fala errado.
Nóis fala deferente.
O sinhôre fais discurso
Pa dotôre e intelectuale
E nóis cunversa cum as semente.

Se a ponta dos seu dedo
A caneta num lhe faiz o calo
As nossa mão
Parece inté um ralo.
É a força dos nosso braço
No cabo da inxada
Desse caipira falado.

O sinhôre pode inté achá
Qui nóis é bobo
Mais nóis sabe da quentura
Qui tem o misterioso fogo.
E memo cum o sole iscardante
Cum o suóre constante
Nóis alimenta esse povo.

Seu moço!
Se o sinhôre pudé rabiscá a terra
Cumo nóis rabisca
Prante uma semente pro bem.
Quem sabe vocemecê ricunhece
Que nóis inté merece
Sê aletrado tomem?

Nosso traje tomém é deferente.
Nóis carça butina...se tivé
Se num tivé, nóis vai de pé no chão
Purisso nóis é matuto do pé rachado.
Nóis num usa terno e nem gravata
Nem essa tale de bravata
Qui a gente vê nos arrogado.

Na sala do sinhore
Tem um tale de are cundicionado
Nóis tem o vento
Que sempre foi nosso aliado.
E assopra os nosso sembrante
E nóis fica radiante
E inté imocionado.

Hoje tem Cambuquira
Pa mode fazê cum abobra.
No nordeste é Girimum
É cumida rocêra seu moço

Que agrada quarqué pião
Num é o tale caviá
Que qem só come é barão.

Seu moço! Nosso jeitio é ansim...
Iguale fumaça de chaminé.
Num tem dereção e nem lugá
Ela ispaia a nossa fé
Aqui nóis fala e Deus intende
Deus num vem de Cadilac
Deus vem é pé.

Roça, roçado
Serra, Cerrado
Rio, riacho
Da cana, o melado
Dá licença seu moço...
A terra me espera
Meu tempo é sagrado!

Pa arresumi eu vô arritirá.
A labuita é grande...
Eu vô iscrivinhá na terra
Tenho família pa mode tratá.
E o sinhôre iscrivinha no papele
Mais vai se alembrá de mim...
Na hora do sinhôre armuçá.

Mikael Mansur-Martinelli
Colatina/ES

Quer falar comigo?

(de um verão no final dos anos 90)

Quer falar comigo?
Me achou interessante?
Minha boca convidativa?
Quer beijá-la?

Quer falar comigo?
Precisa de alguém para desabafar?
A vida acumula fardos de problemas?
As pessoas restringem os assuntos?
Alimentam conversas fúteis!
Desabafe!

Quer falar comigo?
Não é daqui?
Quer conhecer pessoas e lugares?
Vamos sair juntos?
Pode ser hoje mesmo!

Quer falar comigo?

Bom dia!
Boa tarde!
Boa noite!

Quer falar comigo?
Olá, como tem passado?
Poderia me informar?
Em que posso ser útil?

Quer falar comigo?
Mesmo no compasso apressado,
Em cima da hora,
Até mesmo atrasado
Ou mesmo agora.

Quer falar comigo?
Talvez...
Sim, obrigado!
Não, obrigado!

Mônica Monnerat
Santos/SP

Zé Cachaça (HAIBUN)

Zé Cachaça levava uma vidinha difícil naquela terrinha esquecida por Deus. Ia à missa aos domingos, e roubava as moedinhas na sacristia. Depois ia no boteco do Nhô Chicão e gastava os trocados com pinga, daquela bem ardida.

À noite vagava sob a luz das estrelas com seu cão. Dormia na calçada de barro, coberto com a manta furada doada por dona Veva.

Um dia, alguém lhe disse pra tentar a vida na cidade grande, pois teria mais oportunidades.

Zé Cachaça partiu. Em São Paulo passava fome, não conseguia serviço...

Dez anos depois, encontrou um conhecido da terrinha. Ele lhe contou que sua cidade estava muito bonita, moderna...

E Zé Cachaça voltou. Estava de fato, muito bonita sua cidade... A igrejinha era agora um shopping center. O boteco virou uma Smart Fit da vida. E nas ruas asfaltadas, dezenas de carros... Zé Cachaça sentou no gramado da praça e chorou.

— Diabo leve quem deixou bonita a minha terra!!!

Sobre o capim novo,
o afago inesperado
O seu velho cão...

Nazareth Ferrari

Taubaté/SP

Os dois lados da vida

Neila Reis
Feira de Santana/BA

Preciosa e Perigosa

Safira nascera com nome de pedra preciosa, uma das mais caras do mundo, mas sua vida não foi nem um pouco fácil. A mãe a criara sozinha, se esforçando em dois empregos como diarista para poder dar o mínimo de dignidade a sua pequena e frágil menina. Safira cresceu bela, pequena e com um ar frágil de menina sonhadora mas também sofrida. Sonhava com príncipes encantados e com romances.

Conseguiu uma bolsa e fez o curso de cuidador de idoso e sua vida pareceu ganhar nova luz, quando o milionário septuagenário, o senhor Antoniel, a contratou para ficar com ele na sua mansão. Apesar de diabético e hipertenso, ele não apresentava nenhuma incapacidade, era bem-humorado e ativo. Precisava de alguém para lhe fazer companhia e lembrar da hora dos remédios. Ele vivia em uma casa linda com um cozinheiro e o motorista apenas, sempre preferira a companhia de homens, mas ultimamente estava pensando em ter um ar mais feminino dentro de casa. Não tinha filhos ou netos, sua esposa e único filho morreram de câncer anos atrás e a aparência doce e fresca da cuidadora com nome de pedra preciosa lhe causou boa impressão.

Nos primeiros três meses tudo correu bem, a cuidadora Safira era atenciosa, competente e educada. Suas histórias de vida eram simplórias e um tanto tristes, e isso despertou em Antoniel uma vontade de cuidar daquele passarinho indefeso. Tomado de coragem a pediu em casamento e para seu encanto, ela aceitou prontamente.

A vida correu bem para o casal, mesmo com os olhares desconfiados, a agora senhora Safira era devotada ao marido, que a chamava carinhosamente de " *minha preciosa companheira"*. Até que ele teve um

mal súbito e tiveram que chamar um médico às pressas no meio da noite.

Dr.Diógenes era um homem alto e muito simpático que atendeu prontamente o chamado. Ao avaliar o paciente, verificou que era apenas um mal estar leve, mas seus olhos se encantaram com a jovem e bela esposa. Procurando ter certeza que o paciente estava bem e buscando um motivo para ficar mais algum tempo perto daquela mulher encantadora, passou alguns exames e agendou nova visita para avaliação.

O interesse de Safira por Diógenes foi recíproco, era como se um raio atravessasse seu corpo numa mistura de êxtase e fogo. E logo o casal tornou-se amante. Procuravam manter a discrição e ela aconselhou o marido a contratar os serviços daquele médico tão educado, o que foi prontamente aceito.

Antoniel era bondoso com Safira, lhe dera uma vida confortável, mas lhe faltava desejo e calor, e isso ela conseguia finalmente obter com aquele médico jovem e voraz. O casal queria ficar junto o tempo todo, não conseguiam se afastar por muito tempo. Sentiam que era amor o que sentiam um pelo outro, mas que o destino pregava um peça nos seus corações.

Por coincidência, a saúde de Antoniel piorou muito depois daquele mal súbito, mesmo com a atenção prestimosa da esposa e do médico, que agora lhe fazia visitas diárias, o idoso estava cada vez mais debilitado e recluso. Seu corpo não atendia mais a seus comandos e sua mente lhe pregava peças.

Os outros empregados tentaram convencê-lo a ir para o hospital, mas a fé na sua dupla de cuidadores e a aversão ao cheiro do hospital o fez acreditar que era melhor estar em casa. Algumas semanas depois, ele descansou placidamente no seu leito sob o olhar atento de seu médico e segurando a mão da sua jovem e bela esposa.

Safira foi uma viúva inconsolável no princípio, chorou copiosamente a perda de seu marido, chegando a passar mal depois do velório, o que levou a necessidade de atendimento médico e de um período considerável de repouso. Inclusive lhe foi aconselhado uma viagem para espairecer a mente e lhe trazer mais alegria, pois poderia até mesmo ter

depressão devido à saudade de seu amado marido morto.

Para diminuir seu sofrimento, resolveu doar os pertences de seu falecido, mandando tudo para a caridade. E estes remédios aqui? Perguntou um dos empregados.

— Deixe-os comigo, são lembranças de meu pobre marido - disse chorosa e levemente pálida.

— Até estes frascos de insulina? Não é melhor jogá-los fora logo?

Sem responder nada, tomou o frasco da mão e o apertou contra o peito, depois de alguns minutos falou tristemente - a insulina me traz lembranças dele, todos os dias eu pessoalmente lhe aplicava duas vezes...meu pobre Antoniel...olho para este frasco e lembro de você...

Naquela noite, Safira e Diógenes embarcaram em um navio de cruzeiro, ela precisava descansar um pouco em boa companhia.

Quando as luzes da cidade ficaram distante, ela se dirigiu a borda do navio pensativa.

— Preciso ficar um pouco só para pensar...

Quando Diógenes se afastou, ela retirou do peito o frasco de insulina e jogou no mar..era somente água mesmo.

Nercy Grabellos
Rio de Janeiro/RJ

Colóquio entre duas almas

Num recanto de luz duas almas conversavam ao modo dos que desencarnam, devemos usar nossa imaginação para identificá-las pois no outro mundo a nossa nomenclatura e símbolos não tem serventia.

— O criador permitiu que eu visitasse os meus queridos. Fiquei encantada em vê-los tão bem! Já estão conformados com a minha ausência, lembram dos momentos que estivemos juntos com carinho.

— Foi uma graça divina! Eu também pude visitar os meus amados netos e bisnetos. O meu filho já desencarnou, apesar de minha pouca convivência com ele na vida terrena aqui somos muito próximos, estamos numa comunhão que jamais imaginei. Na vida terrena, devido ter-me separado da mãe dele, pouco nos conhecemos. Somente na minha idade avançada, foi possível procurá-lo, conhecer a esposa dele e os filhos.

— A família que lá deixei deu continuidade aos meus projetos da vida terrena. Penso que criei bem meus filhos e netos. A minha missão foi cumprida!

— Eu tive alguns tropeços, você sabe...minha vida sempre foi complicada. Acho que errei tentando acertar, meus descendentes, ao contrário de mim, levam uma vida regrada, tem princípios...

— Penso que todos erram tentando acertar, você fala em tropeços, trata-se de enganos que cometemos em relação as nossas escolhas. Posteriormente você resgatou as suas pendências e cumpriu a sua missão com dignidade!

— Nós não pudemos ficar juntos, eu fiz você sofrer, fiquei cultivando um sentimento que eu sabia que não daria certo, a minha vida nunca mais foi igual, juntos, nos incentivamos um ao outro, eu tinha um lenitivo, depois fiquei

desanimado, trabalhava, mas sem o mesmo entusiasmo. Eu chequei a procurar você algumas vezes, mas nunca deu certo, não era você que atendia o telefone e sua família me despachava. Depois do seu divórcio liguei algumas vezes, mas só de ouvir a sua voz não conseguia falar. Fui procurá-la no seu local de trabalho, mas você tinha saído para uma reunião. Quando me aposentei voltei a minha cidade natal para ficar com meu filho e netos.

— Penso que o criador é sábio em tudo que faz...na vida terrena tínhamos diferentes missões, aqui estamos sempre juntos. Nunca erramos sozinhos, a experiência que vivemos serviu para nossa aprendizagem, eu também fiquei alimentando uma ilusão que desde o início eu sabia que não iria adiante. Em todas essas vezes que me procurou eu sabia que era você, mas levava uma vida tão atribulada com problemas de saúde de meus pais e irmão. Depois do meu divórcio quando me procurou no meu trabalho e eu estava ausente, eu sabia que era você, mas nunca mais retornou, não sabia que tinha mudado de cidade.

— O nosso aprendizado continua, juntos, nessa nova dimensão, seremos completos. Nossas almas sempre estiveram juntas, desde o início dos tempos. Na nossa existência terrena tivemos muitos desencontros, mas o amor maior é aquele que nunca se realiza. O nosso amor é eterno, agora nada nos separa.

Nilde Serejo
São Luís/MA

Ensaio de Despedida

Quando eu estiver velhinha com meus cabelos brancos
Meus pensamentos teimando ficarem distantes
Meu olhar provavelmente perdido nas lembranças
E meu corpo enfraquecido amparado por seu abraço
Saberei que fui e sou feliz
Que tudo que passamos valeu a pena
Mesmo que a memória não mostre mais tais momentos
Sentirei aqui dentro todo seu amor e carinho
E beijarei seus lábios, assim como os meus, enrugados pelo tempo
Mas com todo amor que ultrapassou décadas e gerações

Quero ainda poder sorri
Em agradecimento por tudo que vivi
Pela família linda que formamos
Pelos netos que conheci
Quando chegar a hora de partir
Quero poder dizer adeus olhando nos seus olhos
Quero ir em paz sabendo que também o fiz feliz
Que deixo meus bons exemplos
E crendo que nossas raízes continuarão crescendo
E que um dia nos reencontraremos.

https://instagram.com/poesenhandoavida?utm_medium=copy_link

Ovidiu-Marius Bocsa
Romênia

Beija-flor

O doce pássaro da juventude

Em perigo em sua verdade:

Alguns o chamam de Beija-flor.

Como beija flores, por

Nutrir com néctar.

Como jovens deuses, eles são:

Além do tempo e espaço,

E dotado de uma graça especial.

Enquanto eles batem na porta do seu coração

Para embelezar e agitar o cabelo da flor

Eles brincam se cheiro doce fumaça

Na frente de outras pessoas melhores.

Eles nunca aprenderam a se importar

De uma idade mais recente, sem medo,

Se chover muito ou se secar.

Todos os pássaros velhos podem chorar:

O doce pássaro da juventude

Pode destilar sua verdade ...

Patrícia Nogueira Lopes da Silva
Guimarães, Portugal

O meu azevinho

Toda gente que chegava naquela casa, antes de ser convidada a sentar-se, era levada imediatamente ao pequeno jardim. Ele estava localizado na parte de trás da antiga casa de uma rua sem saída, onde ela vivia desde que nasceu. Os convidados eram então apresentados aquela planta que ela cuidava como se fosse gente. Todos, sem distinção, desde o encanador até ao político que a visitava para pedir votos, mesma sem ela ter a obrigação de votar, precisavam a conhecer. E ela, toda orgulhosa de si, abria um sorriso a cada elogio proferido para sua planta. Era a sua realização e felicidade Não era uma planta muito especial, mas era a planta dela. Eu tinha apenas dez anos de idade e fui avisada que não podia tocá-la. Não me lembro de ter visto flores, mas sim umas minúsculas bolinhas vermelhas e umas folhas com espinhos nas pontas. Era até engraçada, mas desprovida de beleza para mim. Eu gostava das flores e não me lembro se esta as tinha. Na verdade, deveria até ter, afinal, todas as plantas florescem. Também lembro que o momento de regá-la e limpá-la eram feitos como se fosse um ritual, e era. Num silêncio respeitoso, quando retirava as folhas, já secas e mortas e conversava animadamente com a planta no momento da sua rega. Eu assistia aquele movimento todos os dias curiosa e entendia que aquilo era uma demonstração de amor. O final daquela temporada na casa da minha avó estava chegando ao fim. Eu já estava na sua companhia há mais de um mês quando minha mãe havia conseguido a tão esperada promoção no trabalho e precisou viajar para o exterior. Ela estaria de volta no final de semana, me disse a avó. Desde então eu nunca tinha passado tanto tempo na sua companhia. Fomos viver em outro país e muitas vezes a minha avó é que ia nos visitar em companhia da sua irmã mais nova.

Os anos se passaram e eu a via com bem menos frequência devido a sua saúde debilitada e os rumos diferentes da vida, até o dia em que soubemos da sua morte. Minha mãe viajou para o funeral e eu, já casada e mãe de duas crianças pequenas, fiquei em casa tentando recordar os momentos do passado com minha avó. Alguns anos depois da sua morte, eu e minha mãe soubemos que teríamos que viajar juntas, para receber e assinar por alguns bens que a minha avó tinha especificadamente deixado para mim e para minha mãe. Viajamos para aquele país onde eu nunca mais tinha retornado como se fizesse uma viagem ao passado. Encontramos-nos com a irmã mais nova da minha avó em sua antiga casa, a mesma onde eu tinha estado há muitos anos atrás, na sua companhia. Ao entrar, primeiramente na sala, percebi que tudo aquilo me era muito familiar e próximo. Enquanto a minha mãe tratava dos papéis e caixas com inúmeras fotografias e documentos de todas as espécies, fui andando pela casa e reconhecendo cada objeto de decoração e a história que ela me contava sobre ele. De repente senti uma imensa saudade dela e não contive a emoção. Fui despertada dessas recordações quando a irmã da minha avó me chamou. Estava na minha vez de receber o que ela havia me deixado. Sentei-me respeitosamente entre as duas senhoras visivelmente emocionadas e recebi um envelope lacrado. Olhei para minha mãe que sorriu e fez sinal para que eu não esperasse mais e a abrisse. Dentro do envelope, escrito num papel muito bonito e decorado com desenhos de plantas, estava uma pequena despedida amorosa e instruções, que não entendi muito bem para quê. A irmã da minha avó pediu para ler a carta e logo percebeu do que se tratava. Pegou-me pela mão e me levou para a parte de trás da casa onde ficava o pequeno jardim da minha avó. Ela cuidara dele muito bem, tinha sido um pedido da minha avó e no canto direito, encostado na parede falsa de relva, estava ele. Seguimos em sua direção, passando por entre todas aquelas plantas que pareciam nos cumprimentar. Ele estava bem mais alto e com mais folhas do que da última vez que eu o vi e para minha surpresa com muitas flores. Eram flores pequeninas e

muito branquinhas que mais pareciam pequenas pipocas naquele miniarvoredo de folhas grossa verde escura. Para minha surpresa e admiração, minha tia explicou-me que a avó tinha deixado a planta que mais amava para eu cuidar, mas que era para me entregar só naquele mês do ano, quando ele floria, pois eu só gostava de plantas com flores. Chorei, sentindo o amor invadindo meu coração. Agora, ele era meu, o meu azevinho.

@Professorapatricianogueira

Paula Gibbert

Santa Carmem/MT

Procurada

Joaquim olhava para a foto de Maria que a mostrava exatamente como era: perfeita.

Ele estava desesperado, pois a amava. Do seu jeito, mas amava.

Tudo lhe voltou à cabeça novamente.

Ele estava começando a entender a cabeça dela, mas era difícil aceitar essas ideias. Para ele, ela só sairia com ele, sem maquiagem ou roupa que chamasse a atenção para seu corpo bem desenhado. Ele tentava não ficar enciumado, porém ficava doido só em pensar que mais alguém pudesse olhar para ela do jeito que ele olhava. Essa obsessão era o que Maria não aceitava.

—Pare, Joaquim. Eu não sou desfrutável como você pensa. Se estou com você, não quero estar com outros, mas quero viver. Quero sair para passear, jantar fora, viajar, trabalhar.

—Não. Trabalhar fora, nunca. Eu consigo te sustentar.

—Não se trata disso. Eu quero me sentir útil.

—Você é útil. Para mim. Aqui em casa. Pronta para quando eu chegar.

—Você me sufoca.

—Isso é amor, minha cara. Eu te amo muito.

—Isso tem outro nome. Você me tem como um objeto. Assim não dá.

—Claro que dá. Você é livre para sair comigo quando quiser. Vamos jantar fora hoje?

Maria correu para o quarto e, se trancou nele. Joaquim exigiu, aos berros que ela abrisse a porta, mas ela não abriu. Ele dormiu novamente no sofá.

Pela manhã, ele voltou a chamar por ela, mas nenhuma resposta obteve.

"Ah, vou deixá-la dormir. Quando eu voltar para casa à noite, vai estar tudo bem, como sempre." Pensou.

Trabalhou o dia inteiro pensando nela. Ligou algumas vezes para ela, mas ela não atendeu. Na última tentativa, ele até pensou em pedir desculpas, porém o telefone anunciou caixa postal.

Comprou um buquê de rosas vermelhas para ela. Estava eufórico para revê-la. Sentira muita saudade dela.

Encontrou a porta escancarada, a casa vazia e um bilhete.

"Joaquim, fui procurar a felicidade. Te amo, mas não dá para viver assim."

https://www.instagram/paula.literaria
https://www.facebook/paula.gibbert.7
www.livroseleiturasdepaula.blogspot.com.br

Paulo Luís Ferreira

São Bernardo do Campo/SP

De Arabel os Dias de Naomir

Imagem: Foto/montagem Photoshop

"Diante da vastidão do tempo
e da imensidão do universo,
é um imenso prazer para mim
dividir um planeta e uma
época com você".
(Carl Sagan)

Ontem fui à festa na casa de minha amiga Naomir. Revelo: não gostei do que vi quando lá cheguei. No centro da sala um relógio de pêndulo marcava as horas sem precisão, se era zero toava doze vezes o carrilhão. Um grupo de pessoas cantavam Ave- Maria, outro respondia ora-pro-nóbis. Os círios acesos queimavam cheiros de alfazema, mirra e jasmim, inebriando o ar. Rasguei-me a camisa e sequei meu pranto. Consternado desci às escadas do décimo quarto andar. E, naquela postura atordoada, cheguei ao rés do chão. As ruas estavam molhadas, opaca. A madrugada era de cinzas; os paralelepípedos salpicados de lantejoulas e areia prateada, o sinal fechado e o trânsito parado. Entrei no carro.

Os faróis dos carros contrários incandesciam minha mente que, por si, contra brilhavam lembranças do dia em que vi Naomir sendo rainha do mar...

Liguei o rádio do carro.

Da última vez em que estive com Naomir ela estava só. Quase não havia luz na sala. As persianas estavam fechadas. Apenas fachos de luz reverberavam. Sentei-me ao seu lado às apalpadelas e ficamos ali, na penumbra. Então ela disse: espera Arabel, vou fechar a janela, não quero que os vizinhos nos ouçam. Então ficamos naquela tênue luz de uma claridade diluída, enquanto a fumaça de seu cigarro dançava loucas acrobacias nos raios que transpassavam as frinchas da janela. Tomamos chá em porcelanas que não eram chinesas. Naomir liga a vitrola. Do disco soa uma bela e dolorida canção, que ela cantarola emotiva...

"Quantas vezes deve um homem olhar pra cima para poder ver o céu..."

O espaço enlevou-se numa súbita nuvem de incenso nepalês e melodia a invadir nosso ser. Naomir senta-se em meu colo e olhando-me com ternura, abraça-me forte e satisfaz mágoas contidas e prazeres instintos. Sinto em meus glúteos a pressão doce de suas mãos. Vieram os êxtases; e entre espasmos soluçamos de amor. Uma sonolência tomou conta de nós.

Lá fora, na noite, piscavam em volta de grandes letreiros concomitantes luzes de neon. Do transe despertamos em sobressalto. E num lapso de tempo Naomir abriu uma caixa de papelão coberta com papel crepom de onde saíram poemas e fotografias que fiz para ela...

"Areia branca e parda, molhada, molhada dos pés ao cabelo por dentro do vestido; molhada e úmida, nua e crua... Quando do primeiro sangue de seu sangue o diluímos na areia de tantas praias... E vimos duas luas, uma no céu, outra no mar... Em nossas bocas o grito paralisado no ar... E como um querubim abristes as asas para voar, mas eras pássaro de uma asa só..." – o quarto ilumina-se, a manhã chegou...

No primeiro giro do dial tocava uma bela canção de John Lennon...

A primeira vez que nos vimos foi minha amiga quem me encontrou. Estávamos na escuridão, acabávamos de atravessar um longo corredor. Advindo das gretas da terra. Ela vinha do Leste eu do Oeste. Encontramo-nos no centro do vazio num silencioso setembro de primavera. Então ela tocou-me no rosto e eu no rosto dela. E nesse instante ela me disse: eu estou aqui Arabel. Então eu disse: eu também estou Naomir. Findas estas poucas palavras nos entregamos a um abraço calado... Então deitei beijos em todo seu corpo até sua vulva fecunda para o sexo altear. Que irrequieta, contorcia-se, deflagrando odores. Quando, entre suas pernas, naveguei e meu lamento derramei em seu ventre. Assim ficamos saciados

e emudecidos no deserto de nossas almas num silêncio cavo. E após a dormitação nos prometemos sermos os servos de nós mesmos...

A canção dizia: "*Imagine um mundo melhor...*" Então imaginei um milhão de pássaros voando e gorjeando. Lembrei-me de minha amiga quando cantava... "*Furaro os óios do Assum Preto pra ele assim cantá mió...*"

Ferros cravei em meus tormentos. Opacas lembranças de meu pensar.

Mais uma vez numa brilhante primavera de tulipas e miosótis nos encontramos de tardezinha, ao cair do sol. Do banco da praça avistamos pessoas a nos observar como se fossemos gente de outros mundos, ah, se soubessem que somos apenas pó. Antes de começarmos a conversar tomamos sorvete de limão branco coberto com calda de pitanga. Adentramos um bosque cheio de vivos ares. Caminhamos pelas alamedas com os passos contados, pisados, leves. Enquanto as árvores vigiavam as estátuas caladas, assistíamos embevecidos as andorinhas em torvelinhos à nossa volta. Estávamos alegres e felizes. Tão felizes que ao olharmos o horizonte lá no recôncavo da abóbada celeste contemplamos uma flor em seu silêncio e respiramos profundamente e passeamos pelo vento, as mãos dadas, (emprestadas) e esquecemos os ideais estudantis, porque as metralhadoras também silenciam com salinas em suas engrenagens...

Busquei outras canções pelo dial...

Era carnaval: arlequins misturavam-se a índios, alienígenas, homens de lata, personagens da literatura universal. Os dom quixotes, sanchos panças, marlamés, cinturiões, cleópatras, leões, leopardos, pedrinhos, viscondes de sabugosas e emílias; lobos bons e maus entressachavam-se por entre os carros, pelas calçadas, destino à avenida e aos bailes...

O rádio estava de difícil sintonia...

Reminiscências de outro carnaval trouxeram-me minha amiga em sua original fantasia em máscara venezienses que, num baile vesperal entre pierrôs e colombinas, deslumbrou outros tantos dançarinos com seus passos prestidigitadores, mágicos e esvoaçantes pelo salão.

Mais uma vez nos encontramos. Desta vez nada dissemos de nós, nem nada fizemos. Era manhã de um sábado de novembro rosicler em um bosque de folhas secas, verde-musgo. Nosso vulto caminhava cabisbaixo por entre os jequitibás. O passo lento, sombrio, taciturno. Naomir nada falou, apenas murmurou: "O médico disse-me para que eu tomasse estreptomicina." Eu olhei para as folhas mortas e larguei uma lágrima sem que minha amiga visse... Quando no céu de nossas bocas desmoronaram castelos de areia...

Nesse instante ela pegou de minha cabeça e como uma relíquia a depositou em seu ombro e, sussurrando ao meu ouvido em tom metafísico, predisse-me que o mundo já tinha data certa para seu fim. Para que eu não me assombrasse nem entristecesse. E disse-me entre soluços: "Quero, pois então, que tomes minha cabeça em tuas mãos e faças comigo o que for de teu desejo até a morte.

Não havia mais canção, mas uma estação dizia notícia:

"Na Maternidade da Luz ventres se abrem; outras vidas nascem..."

Uma réstia de luz iluminou minhas lágrimas finais. Começo e fim...

Apago o som do rádio...

O conta-giros do motor acelera alucinado rumo ao cais do porto. O carro voa com as quatro rodas no ar para o mergulho abismal. E numa tela incolor uma canção sem melodia borboleteou no bosque escuro e no cais do porto:

De Arabel os dias de Naomir. Nossa imagem consumida.

Sem passagem. Paisagem dolorida. Perdemos o instante.

Reencontrar;

Naomir... Para o céu...

Arabel... Para o mar...

Andar, andar Naomir.

https://www.facebook.com/pauloluis.ferreira.10

Paulo Roxo Ferreira

Casal de Cambra, Portugal

Dançar nas sombras

Sentado debaixo desta lua de prata
Vejo as sombras a dançar
No meio do sofrimento
Levando de mim todo o ar.

Luz que não me chega
Vejo-me a dançar nas sombras
Com os fantasmas do passado
Que voltaram para me levarem.

Perco os passos a dar
Nesta dança sem igual
Escuridão minha amiga
Contra ti não irei remar.

Deixo-me ir, leve, feliz
Numa onda sem cristais
Acompanhado pelos tais
Mais antigos que o tempo
Que vieram apenas
Para me levarem
Enquanto danço nas sombras.

https://www.instagram.com/prf24/

Raimundo Nogueira Soares
Curitiba/PR

Dedicatória:

Nós, atleticanos, dedicamos:

A Renato e a Mussula, a Careca e a Zolini: as maravilhosas defesas e os passes de Everson;

A Humberto Monteiro e a Zé Maria: a raça e a precisão de Guga e Mariano;

A Grapete, a Vantuir e Normandes: a firmeza de Nathan Silva e Alonso, a liderança de Rever, a entrega de Igor;

A Oldair: a classe e a força de Arana, e a elegância sutil de Dodô;

A Vanderlei Paiva e a Bibi: a competência e a gana de Allan;

A Humberto Ramos e a Ângelo: esse Jair volante de cabeça alta, e a estrela de Nathan e Tchê Tchê;

A Ronaldo: a velocidade e a esperteza de Savarino;

A Lola, a Lacy, a Spencer e a Beto-Bom-de-Bola: a volúpia de Sacha e Dylan;

A Dario e a Reinaldo: a inteligência, a categoria, a força e o destemor de Hulk, a luta de Vargas e a classe de Diego Costa;

A Tião e a Romeu: a rapidez e simplicidade de Keno;

A Cincunegui, *enseñamos*: a força, a entrega, a lucidez e a eterna garra sulamericana de Nacho e de Zaracho;

A Telê Santana, que nos fazia torcer até por times outros, tal a lindeza de seu futebol: a capacidade, a criatividade e as estratégias de mestre Cuca;

A Vicente Mota: que nos deu o hino mais simples e lindo do mundo;

E a Roberto Drummond, de quem plagio o estilo, a homenagem e o enorme abraço da torcida que tem um time, da torcida que torce contra o vento quando vê a camisa branca e preta balançando no varal.

Um forte abraço do Galo bicampeão brasileiro.

Regiane Silva
Belford Roxo/RJ

Pobre galinha

Abre os olhos
Suspira
Que bom estar viva!

Aos Céus,
Agradece.

Faz carinho nos filhos
Debaixo das suas asas, acolhidos.

Cheiro de morte vindo da cozinha
Panela com água fervendo.

Pena que não é uma gatinha
Seria considerada pet da família
É uma galinha.

Ainda não sabe
Nunca mais verá seus pintinhos
Coitadinha.

Regilene Martins
Fortaleza/CE

Encaixe

O dia de sábado foi de um sol escaldante, mas à noite seria bastante gélida. Ainda assim, Rubênia decidiu-se trajar em desacordo ao evento nessa noite.

Como era um encontro de oração na casa de um jovem no bairro de sua comunidade, não via problemas em usar um macacão de sarja preto feminino *pantacourt* de cintura marcada. Afinal, o acessório principal ela tinha para o momento: o terço.

Chegando lá, os participantes do grupo de oração Pequena Via na sede em Gereraba falavam que ela estava muito elegante, que não precisava estar toda produzida para um simples evento.

Um pouco incomodada com o falatório, apenas cumprimentou-os num simples acenar de cabeça. Mal sabiam que a garota pouco estava desapontada em não ter usado a velha camisa do grupo e jeans.

Em se tratando de desacordo, Rubênia só estava assim por não ter usado algo a mais para suprir o frio, e não era aquele tipo de peça jovial.

Como estavam esperando duas pessoas para dar início à oração, os jovens dividiram-se na sala e foram arrumando o espaço.

Os retardatários não chegavam, e os participantes começaram a falar de forma aleatória naquela saleta.

Dois estavam conversando sobre futebol, três dialogavam temática de tatuagens do momento. Quatro comentavam de seus namorados. Tinha até gente que falava de produção de mel de abelhas sem ferrão.

Nesse momento, chega um dos atrasados e começa a falar de carros com os garotos que diziam o que achavam das disputas de rachas/pegas.

Ela era a única que não tinha o que conversar e nem com quem dialogar. Simplesmente ficou sentada no sofá da sala, em frente à televisão que disputava barulho.

Fingiu que estava vendo a novela das dezenove em um canal popular. Assim, ninguém precisava incomodá-la e a deixariam só.

Queria sair dali. Não aguentava estar com pessoas que se importava com seu traje, pouco suportava aquele tipo de programação televisiva, e, definitivamente, não aturava esperar gente que nem dá satisfação ao atrasar.

A ponto de levantar do sofá e dar uma desculpa ao dono da casa para não participar do terço, eis que a pessoa que faltava chega: Carlos, garoto que Rubênia almejava interesse.

De repente, não teve mais vontade de fugir. Carlos estava também com um traje formal. Cumprimentou todos. Pediu desculpas pela demora que teve e caminhou até Rubênia.

Ele ficou sentado ao lado dela. Agora, poderiam prosseguir com a oração.

No meio do terceiro mistério, o garoto deu um sorriso empolgante, olhando firme para ela.

A garota ficou no mesmo instante com um diferente semblante.

Todos foram indo embora ao término do evento. Quando Rubênia estava saindo do local, sentiu um puxar de leve no braço esquerdo. Era Carlos que ao tocá-la, disse que precisava conversar.

Ali, o garoto confessou que gostava da jovem, que só perto dela ele não precisava forçar encaixe.

Nesse instante, Rubênia puxou Carlos para um abraço e também desabafou em pensamento: “Nossas peças de quebra-cabeças se encaixaram".

Reinaldo Fernandes
Brumadinho/MG

Galã de Hollywood

Hoje tive que ir a uma agência bancária. Detesto banco, detesto passar naquelas portas giratórias que nunca querem deixar eu entrar, detesto fila. Detesto esperar. E detesto aquelas atendentes loiras, lindas, bem-vestidas, maquiadas e supersimpáticas. De cara, Janaína Jaqueline dos P. Silva (vi seu nome no crachá impecável) se revelou:

– Boa tarde, Rei!, com aquele sorriso branco de propaganda de creme dental na TV.

"Rei" como assim? Era uma intimidade sem limites ("como o cartão Bradesco", me diria ela mais tarde), intimidade sem limites para quem conversara uma única vez comigo. E pelo telefone! Naquele dia em que me ligou para tentar me convencer de que seu banco era minha melhor opção, que me isentaria de taxa de manutenção da conta, daria tantos dias no cheque especial sem pagamento de juros, blá, blá, blá.

Posso contar nos dedos quem me chama de "Rei": Natalina, amiga desde a infância; Gabriel, meu filho (um gozador de 12 anos, só para imitar meu irmão Shakespeare me chamando assim); minhas irmãs - menos uma delas - e irmãos - menos um deles; o Padre Renê (que não sei por que já que não tenho lá muita intimidade com ele); e alguns colegas do trabalho, amigos mais íntimos. E Jana, aquela loira linda que se apresentou assim.

– Boa tarde!, repetiu, ao perceber que eu estava "viajando" – enquanto pensava nas pessoas que me tratavam pelas iniciais de meu nome.

– Boa tarde! Vim para abrir a conta.

– Eu estava esperando o senhor, disse lentamente, ao mesmo tempo em que mordia levemente o lábio inferior, dando continuidade ao seu jogo de sedução.

Durante todo o atendimento, esbanjou simpatia.

Quanto mais demorava a conclusão da abertura de minha conta, por lentidão do sistema do computador, por inúmeros comandos que ela tinha que dar, pelas informações que ela me pedia e tinha que digitar (endereço, identidade, CPF, nome do cônjuge, nome dos filhos, escolaridade, endereço comercial, nome e telefone de uma pessoa que pudesse servir de referência, e-mail, telefone celular e operadora, telefone residencial, profissão da esposa, a quanto tempo eu trabalhava na empresa, se isso, se aquilo...), quanto mais demorava mais ela falava comigo.

Perguntou pela família, qual disciplina eu lecionava na escola, a idade das crianças. Ao ver o livro que eu levava comigo, perguntou se eu gostava de ler, o que eu estava lendo (era um Dostoiévski), se já tinha lido outras obras dele (não tinha mas queria ler "Crime e Castigo"). Me falou de taxa Selic, de juros bancários, que bancos eram todos iguais mesmo os públicos como a Caixa e falou até de filosofia quando citei Nietzsche: "Há sempre alguma loucura no amor. Mas há sempre um pouco de razão na loucura." "Quero ler 'Elogio da Loucura' do Erasmo de Roterdã", disse.

No momento em que elogiava minha cidade, que era muito bonita, aconchegante, tranquila etc, olhou a tela do computador e anunciou:

– Terminamos! Vou imprimir o contrato para o senhor assinar.

O que levou mais bons dez minutos.

Quando me ergui da cadeira para sair do banco, ela abriu novamente aquele sorriso, correu a mão direita pelos cabelos, jogando-os para trás e deu a facada final, o tiro de misericórdia: "Só mais uma coisa: você disse que seu filho se parece com um galã de Hollywood. Acho que ele puxou ao pai: você também é muito bonito."

Não bastasse a desfaçatez de substituir o pronome de tratamento formal pelo "você", ainda falava uma mentira deslavada: de pouco mais de metro e meio de altura, cabelos pixaim, embora cortados curtos, pele escura, nariz nada adunco, eu estava mais para Grande Otelo do que para Brad Pitt.

Saí do banco pensando no que não se faz para ter um cliente. Cheguei em casa, rindo da simpatia e das mentiras da gerente.

Depois disso, quase não fui à agência, fazia tudo pelo celular. Fui, que eu me lembre, em janeiro de 2018, mais de três anos depois da abertura da conta, para avalizar um empréstimo de um amigo. Não vi a gerente, acho que já não ocupava mais o cargo.

Encontrei Janaína anos depois, por acaso, num shopping center de Belo Horizonte. Quando me viu, sorriu – aquele mesmo sorriso de anos atrás:

– Senhor Reimundo... Cândido Lopes! Como você está?

Estava boquiaberto! Admirado por ela se lembrar de mim e até de meu nome completo. Sorri também, perguntei como ela estava, se ainda estava no banco ("noutra agência"), se tinha lido Roterdã. Ela lembrou-se de minha filha, perguntou se ela tinha concluído o curso de jornalismo, sobre meu filho "galã de Hollywood", se eu tinha terminado "Os irmãos Karamazov" e até dos meus alunos, se ainda estavam me dando muito trabalho.

Depois de uns cinco minutos de bate papo, ela mandou um abraço para minha esposa, desejou "um feliz natal", estendeu sua mão e apertei.

https://www.facebook.com/reinaldo.13.fernandes/

Renan Apolônio
Olinda/PE

Şair

Poeta nasceste
Poeta viveste
Poeta morreste.
Que poeta é este,
Que diz coisas tristes
De formas tão belas,
Que as belas donzelas
A ele preferem?

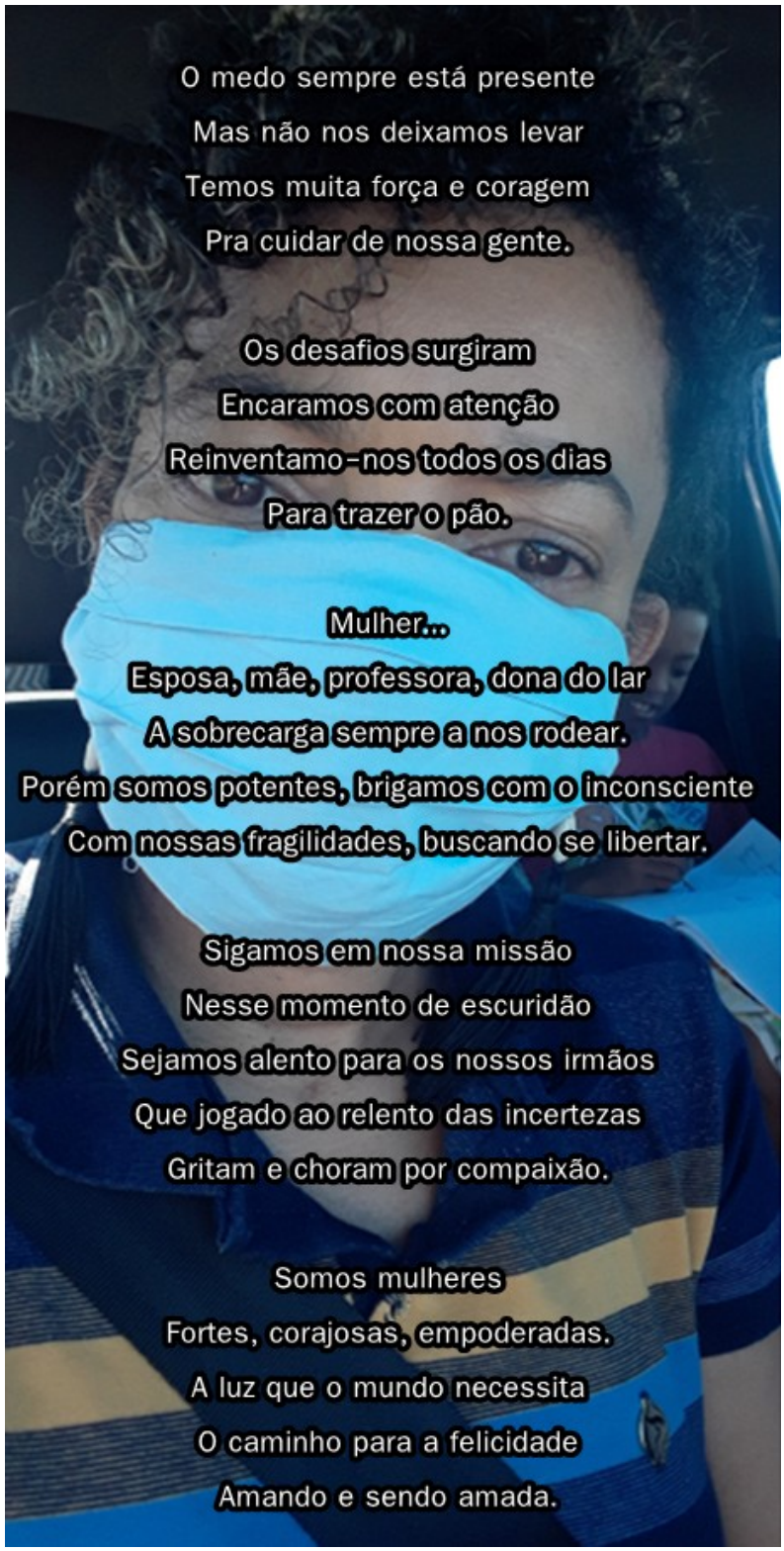
Tu, tuberculoso,
Tu fostes teimoso,
E um tanto engenhoso.
E o tempo glorioso
Do verso amoroso
Já foi-se, e agora
Não raia a aurora,
Descansas no além.

Poema escrito em honra ao poeta turco Rüştü Onur, retratado no filme "Kelebeğin Rüyası", ou "The Butterfly's Dream".

https://renanapolonio.blogspot.com/2022/01/literatura.html

Roberta Tavares de Albuquerque Menezes
Dianópolis/TO

Mulher na Pandemia



Roberto Schima

Itanhaém/SP

Nayana

Quando as primeiras folhas de outono principiaram a cair.

Quando um aperto indefinível no peito, alertou que era hora de parar.

Quando as lembranças feito ondas, chocaram-se insistentes no penhasco da consciência.

Eu retornei.

De tantos lugares que percorri, agora, perto do fim da vida, faço o papel de salmão e volto para o recanto em que nasci. Finjo para mim mesmo que vim por causa das memórias de infância, da casa em que vivi, das ruas que percorri, dos colegas com os quais explorei os arredores a procura de aventuras, das bancas de jornais onde comprava gibis e figurinhas, dos bares cujos doces eu adorava.

Não é bem assim.

A casa em que vivi não existe mais faz tempo, demolida que foi para dar lugar a uma habitação maior e mais moderna.

A velha rua de terra batida cedeu lugar ao asfalto, novas moradias e, não fosse por eu saber o endereço estar correto, mal a teria reconhecido, tão diferente ficou.

Quanto aos colegas e amigos do tempo de criança, há muito se foram, assim como eu fui, cada qual seguindo seu caminho nos meandros da vida e, certamente, alguns sequer vivem mais.

As bancas de jornais sumiram feito sementes de dente-de-leão, levando as vozes do Pato Donald e seus sobrinhos, da Mônica, do Cebolinha, e as centenas de figurinhas que ganhei e perdi no bafo.

E quanto aos bares - Ah, os bares! -, faz tempo que perderam lugar para os supermercados, reluzentes, bem organizados e impessoais. Mas ao menos o velho prédio de esquina do bar do Seu Álvaro continua no lugar. A porta de ferro está fechada e não sei o que funciona lá dentro. No bar, eu adquiria maria-mole, suspiro e doce de abóbora. Seu Álvaro sempre me dava um doce a mais. E eu sempre voltava lá.

Sim, são lembranças preciosas, porém, a razão principal de eu ter retornado foi ela.

Nayana.

Era a menina do outro lado da rua. Aquela amizade de infância que, mesmo sem saber o que era o amor, sabia que a amava. Era a amiga que, apesar das brincadeiras tolas de casinha, comidinha, saladinha e

outras coisas terríveis, ainda assim eu suportava, pois, desse modo, ficava ao lado dela e a deixava contente. Juntos, experimentamos o primeiro beijo, imitando cenas da televisão. O nervosismo ficou a flor da pele, uma tremedeira só. Mas depois que acabou, pensamos: "É só isso?" Achamos um tanto sem graça e continuamos a brincar.

Quando nos tornamos adolescentes, as coisas ficaram mais sérias e as brincadeiras não eram tão brincadeiras assim. Numa paródia da expulsão de Adão e Eva do Paraíso, havia uma certa inibição em nossos contatos mais íntimos, um toque aqui e outro ali, pois agora tínhamos uma maior noção daquilo que estávamos fazendo. Não era somente um "brincar de médico" e saciar da curiosidade. O desejo pincelava na tela de nossos corpos.

Nossos pais tinham certeza de que iríamos namorar, noivar, casar e ter filhos. Torciam muito para isso, pois significaria que passariam a ser mais do que meros amigos.

Eu achava isso tudo muito estranho. Não cogitava uma vida longe de Nayana, porém, também achava intimidador a ideia de constituir família fosse com ela ou não. Sabia que não ficaria muito tempo naquele lugar. Meus sonhos eram elevados demais para serem limitados a uma pequena rua, numa vila sem maiores atrativos de um canto qualquer da cidade. Eu queria fugir da gaiola e voar!

Nayana, pelo contrário, tinham raízes fortes e profundas com o lugarejo, a família, os amigos. Não se via levando uma existência para além dos limites do que lhe eram familiares e davam-lhe uma sensação de segurança e aconchego.

Era um impasse que os tempos de faculdade decidiram por si.

Fui estudar em outra cidade, muito longe dali.

A despedida foi difícil, todavia, no meu caso, a mente logo se viu ocupada com centenas de matérias e outras preocupações. Mal havia espaço para Nayana. Visitava minha casa nas férias e, então, púnhamos as conversas em dia. Era estranho revê-la desse jeito. Agíamos mais como dois irmãos. Com o passar dos anos, trabalhando e estudando, minhas idas para casa foram rareando. Depois, meus pais se mudaram de lá. Então, deixei de ir lá para sempre.

Se uma ponta de remorso cutucou meu coração, eu ignorei, inventando mil desculpas. Haveria tempo, pensava eu.

Depois, conheci aquela que se tornaria minha esposa e, assim, deixei de sentir pesar. Foi mais um casamento de conveniência. Um pouco mais que amizade, porém, nunca chegou a ser amor.

Mas os anos correram e, como costumam dizer por aí, a vida é um sopro.

Tive filhos e, a exemplo do que eu fiz, eles seguiram seus caminhos.

Há cerca de um ano, minha esposa se foi após longa enfermidade.

Agora, velho, cansado e sozinho, senti um ímpeto de retornar para onde tudo começou.

Cá estou.

O que eu esperava encontrar?

Quase nada do meu passado existe mais. Sequer a atmosfera, mais poluída e barulhenta, é a mesma. Os rostos me são estranhos, a maioria é mais nova do que eu. Das casas antigas, poucas restaram e, assim mesmo, alteradas por várias reformas. Reconheço uma grade aqui, um piso de cacos vermelhos ali, um registro de luz acolá. Pequenos fantasmas de um passado longínquo.

E quanto a Nayana?

Teria eu a presunção de que ela continuasse por aqui? Assim como a minha, sua casa foi demolida; o passado, varrido desta rua, desta vila, desta cidade. Se ele existe, está dentro de mim - fragmentos em minha mente e em meu coração - e não em um lugar específico. O que eu busquei não mais existe, exceto em minhas recordações.

Eu sinto um aperto na garganta.

Compreendo o quanto amei Nayana.

Tarde demais lamentar não ter dito isso.

Arrependo-me do impulso que me fez partir.

Sou dominado pela solidão no epílogo do existir.

Mal me dou conta ao perceber uma senhora idosa a fitar-me. É como se ela tentasse ler nas rugas de meu rosto e em meu corpo alquebrado, as linhas de seu próprio passado, os retalhos de sua própria vida. E, ao reconhecer a caligrafia comum que nos uniu em uma época na qual poeira se transformou, aperta suas pálpebras marejadas. No aflorar do tremor em sua pele de pergaminho, trôpega, ela foge.

Nayana!

Corre de mim.

Corre de seu passado.

Corre daquilo que não foi dito.

Corre de um futuro que não se realizou.

http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=roberto+schima
https://clubedeautores.com.br/books/search?where=books&what=roberto+schima
https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima
rschima@bol.com.br

Rodrigo Leonardi
Mandaguaçu/PR

Quando chega a "MELHOR IDADE"

olhe em volta ameno amigo,
paira-se em torno de sua própria velhice,
não servimos mais, para a produção,
alienada...
Agora somos apenas velhotes,
Fracotes...
Ainda não nos deram nossa parte,
Ludibriaram-nos com apenas,
Infidos apertos de mãos,
Intentando que nos convenceríamos...
Olhe, ameno e ilustre amigo,
Nossa melhor idade já não és bela,
Como planejamos…

RodrigoSBA
Salvador/BA

A Cadeira

Lá estava eu de novo: tenso, contrariado, angustiado.

O amigável rapaz de jaleco branco ajustava a cadeira, me saudava, fazia algumas perguntas e, serenamente, começava o seu trabalho.

Era pavoroso! Um pedaço de mim sendo arrancado. Definitivamente eu não me enxergava naquele espelho e decidi que não passaria por aquilo novamente.

Desde então, nunca mais cortei o cabelo.

Roque Aloisio Weschenfelder

Santa Rosa/RS

Na Rede

O dedo apontado aos outros pesa na mão que o sustenta, mas é o indício de que há uma posição assumida. Assumir a defesa de um lado quando há outro – e sempre há – requer certa coragem de uma pessoa, que nem sempre está acostumada de ter de acusar, condenar e ter certeza de que está correta.

Nem sempre a posição que se assume é a correta para uma parte da cidadania que se coloca no oposto.

Por que isso acontece?

Há o futebol, há a política, há a religião, há a filosofia, há o "puta que pariu" para servirem de exemplo à bifurcação de opiniões. Tem quem defende respeito à decisão de ser homo ou heterossexual, mas tem aqueles que simplesmente nem querem ouvir falar disso.

O ser humano sempre vive em conflito, seja consigo mesmo ou com seu semelhante. Difícil é resolver o íntimo, mais complicado é aceitar a opinião alheia. Nos anseios mais anímicos sempre pode haver uma força para vencer, ou então a depressão chega e toma conta da pobre mente que sucumbe ao próprio pensar. No confronto com a opinião alheia, o furo é na mesma altura, todavia uma eterna rusga pode se instalar para sempre, ódio consegue pode destruir até uma boa amizade instalada.

No advento das redes sociais, parece haver um agravamento dos sintomas de enervamento das relações pessoais. Se Neimar se torna cai-cai e chacota é porque o time acaba não vencedor, se os messis e cristianos não conseguem sucesso nas suas seleções é porque há outros que desafiam a fama e jogam em conjunto e com a devida humildade. As redes têm assunto e cada integrante ou curte ou detona a opinião expressa. De repente, o que, nunca, ninguém sabia, todos, agora, dominam como verdadeiros experts. Há graça nas postagens, porém muita ironia é mal percebida, pouco entendida e quase sempre tida como afronta.

Enquanto isso, aparecem os escritores. Sim os escritores do século XXI que pouco leram em livros, que são fruto de uma midiática parafernália de entes criados para o domínio de índices de audiência, para a imersão das mentes em uma miscelânea totalmente turva, pela qual a mente pensante é reprimida ao mínimo esforço. Pobres escritores seguidores de pistas espúrias direcionadas!

Na esteira de uma frase meramente dispersiva, muita serragem cai dos cortes da madeira podre que serve de matéria prima para a produção escrita. Seria literatura? Seriam "esses que aí estão para atravancar o caminho"? Seria "passarinhos"? Não parece nada disso. Literatura é criação baseada em muita leitura aprofundada. Atravancar caminhos só o conseguem aqueles que têm estrelismo demais e moral de menos. O que é moral em tempos de fácil acesso a tudo que é conhecimento? Sim, é fácil acessar ao conhecimento, no entanto, sem a orientação de algum mestre, facilmente o buscador do conhecimento se empanturra de muitos dados sem saber direito o que fazer com eles. Então o ser passa a ser escritor. Escreve sem dizer coisa com coisa, filosofa por citações sem sequer entender que todas as teorias têm fraquezas, todas as hipóteses devem ser testadas e teses são suscetíveis de falhas.

De repente, ser estrela parece importante para quem se aventura pela escrita. Tão importante como assumir um lado, lado contrário à posição de uma grande parcela que está do outro lado. Deve o escritor ter lado? Lógico que deve. O importante é que tenha consciência do que causa aos de opinião diferente. Se ele defende a posição com respeito à opinião diferente, então está do lado certo, diferente, sempre estará errado.

Então a crônica situação da quase terminante segunda década do século XXI, pode quase virar uma crônica, produzida por alguém que não ignora as redes da grande rede que pesca peixes de tudo que é mar ou rio, mas que deseja manter a posição de respeito a quem pensa diferente. Assim, a crônica pode ter um começo na mente do leitor.

https://www.facebook.com/roquealoisio.weschenfelder/

Rosangela Maluf

Belo Horizonte/MG

Na Casa Azul

Ela abre os olhos sem sequer imaginar que horas são.

O ambiente lhe é estranho. Sim, é a primeira vez que dorme ali. O quarto é imenso, uma parte ainda escura e a outra, não. A claridade vem de fora e ela pode ver alguns raios do sol que há muito já nascera. Canto de pássaros? Sim. Um bem-te-vi? Parece que sim, não um apenas, mas vários. Ela não pode se mexer. O braço dele enlaça sua cintura. Estão de conchinha. Ela quer se levantar, sem acordá-lo.

As cortinas se agitam lentamente. Parte da janela dormiu aberta. Faz um friozinho gostoso. Ela mexe-se devagar. Ele retira o braço. Ressona. Vira-se para o outro lado. Lentamente, com todo cuidado e em silêncio, ela se levanta. Olha para o quarto. Roupas pelo chão. Sobre a mesinha duas taças, vazias. Uma garrafa de *champagne,* vazia também. Restos de lenha ainda dormem na lareira. Fogo já não há. Sobre a mesa um guia de viagem, uma camisa social, jogada. Um celular. Caixinhas de chicletes, vazias. A *lingeri*e escolhida com cuidado para aquela noite especial.

Encaminha-se até o banheiro. A porta apenas recostada. Ela entra sem fazer barulho. O espelho, embaçado pelo frio externo e o calor do quarto. Olha pra sua imagem refletida no espelho. Sorri. Feliz? Sim, muito. Se sente bem? Muito bem. Valeu a pena esperar. A longa espera que vinha sendo adiada há alguns meses. Sempre se teme o desconhecido. O improvável. Até que o inesperado faz uma surpresa...

De pé ela o observa atentamente. Ele ainda dorme sob os lençóis desfeitos. O edredom empurrado para os pés da cama. Deitado, de lado, a mão sob o travesseiro. Os cabelos em desalinho. O torso nu, branquinho, os braços também, sem marcas de sol. Respiração tranquila e sono profundo.

Em câmera lenta, ela coloca a calcinha. Pega a camisa dele e a veste também. Repassa em detalhes a noite que vivera. O cuidado com que ele preparara todo o cenário. A colcha indiana sobre a cama. A lâmpada amarela do abajur. O cheirinho bom de incenso no ar. A *playli*st do Eugenio Cortázar. As palavras dele ditas na hora certa. Os olhares significativos que não deixavam mais dúvidas. Os afagos. Os abraços, os beijos. Toda ternura acumulada durante os meses de espera. Muita incerteza. Dúvidas. Por quê? Pra quê? E se... ?

A gentileza. A educação e a delicadeza. O calor da paixão. O arroubo. A vibração de uma energia diferenciada. O tesão igualmente acumulado, pronto a explodir. A explosão. E agora, o que virá?

Com o passar do tempo aprendeu a não se questionar muito. A entrega faz bem. Sempre será uma questão de escolha. Melhor se arrepender do que se fez. Então?

Senta-se no banquinho. Dobra a perna. Abraça o joelho. Respira fundo. Se sente feliz. Leve. Continua olhando pra ele que ainda dorme. Não tem pressa nenhuma. Pode esperar calmamente. Olha do lado e vê o guia de viagens que começaram a olhar ontem. Um papel marca a página que ela abre e lê. Indonésia.

Observa com cuidado os trechos já marcados por ele. Jacarta, um sonho que ela acalenta há muito tempo, e que ele também, várias vezes já programara e nunca dera certo. Pode ser o próximo passo. Não agora, mas daqui a dois meses quando os dois estarão de férias. Por que não?

Ela fecha a revista colocando-a no mesmo lugar. Tira a camisa e se deita novamente. Se cola nele. Respira em sua nuca sentindo aquele perfume de que ela tanto gosta. Enlaça-o também, pela cintura. Enrosca suas pernas nas dele. Devagar. Para não acordá-lo.

Fecha os olhos e sonha acordada com as dezessete mil ilhas da Indonésia. As praias lindas. Os vulcões. Os dragões de Komodo. Selvas, onde vivem elefantes, orangotangos e tigres. Como será passear a pé pela ilha de Java? Conhecer Bali, parada obrigatória para aproveitar e apreciar as águas quentinhas, verdes ou azuladas. Esportes náuticos e excitantes banhos de sol.

Visitar Sumatra, cercada por formações vulcânicas, além de bosques extraordinários E os templos? A Mesquita Mesjid Ray, uma das maiores da Indonésia, localizada em Medan. Ah, muito ainda para se programar, e torcer para que dê tudo certo. Ela esperou muito por aquela felicidade. Ele também.

Mansamente, fecha novamente os olhos e se deixa levar por aquele soninho... aquele que ela sempre dorme, pela manhã, depois do primeiro despertar.

Rosângela Martins

Rio de Janeiro/RJ

Reflexos Do Passado

Chego na pracinha com Sheik. Cansada de caminhar, espero que ele se decida a fazer logo a sua sujeira para eu voltar à minha rotina de empregada doméstica.

A praça São Salvador tem poucos balanços e um escorregador que raras crianças utilizam. Afinal, qual a mãe que deixaria seu filho desembocar em uma poça de lama? Mães zelosas protegem seus filhos. É que ontem choveu. No Rio de Janeiro é assim: faz o maior sol de manhã e ao final da tarde desagua aquele toró. Mas os meninos que batem bola no meio da pracinha não querem nem saber. Todos os quatro estão com a camisa do Brasil. Quanta besteira esse negócio de futebol. Que é bom brincar na chuva eu sei. Na lama é nojento. Os gritos dos meninos me soam familiares. Não faz tanto tempo, eu também era uma criança.

Os garotos ficavam bastante agitados e barulhentos nos dias de visita. Natural. Domingo era o dia mais aguardado. Quem não queria a chance de ganhar uma família? Corriam de um lado a outro. Eu não podia correr. Ganhávamos brinquedos, lanches, contavam-nos histórias... Eu preferiria ter um cachorro. Uma das meninas disse ter visto um cachorro na diretoria. Podia ser mentira. As crianças mentiam por brincadeira. Gostavam de pregar peças umas nas outras. Eu quis acreditar, tinha que ir olhar. A porta da sala da diretoria estava fechada. Colei o ouvido nela e ouvi o meu nome. Ainda escutava o som distante da música no pátio — um disquinho de cantigas de roda — , mas era, sim, o meu nome: "Heloísa", com todas as letras. Um homem e uma mulher conversavam com dona Clotilde sobre mim. Na certa, pensavam em me adotar. Meu coração nem acreditou. Ficou mais alvoroçado do que as crianças no pátio. As grandes eram quase impossíveis de serem adotadas, enquanto muitos dos pequeninos ficavam poucos meses entre nós. Eu estava com dez anos e ainda por cima era manca. Quem iria me querer? Eles faziam muitas perguntas à diretora do orfanato. Mas apenas de uma das respostas eu jamais esqueci.

— Ah! Pobrezinha! Foi uma tragédia na família dela. Teve até assassinato.

Uma bola acerta o meu rosto, bem na bochecha, e me tira do transe. Quase caio do banco de ferro da praça. Sem largar a guia de Sheik, passo a mão no rosto. Parece não estar sujo. Abaixo-me e apanho a

bola para esperar o pestinha vir busca-la. Logo, surge uma senhora, com um garoto todo desconfiado, escondendo-se por trás dela.

— Moça, me desculpe. — Ela puxa o garoto para frente. — Eduardo Júnior, pede desculpa à moça!

Com certeza a boca dele se mexe.

— Eu já falei pro Júnior que a praça é pequena e não pode chutar forte. Você está bem?

Meu rosto lateja e não tenho dúvidas de que ficou ao menos com uma marca rosada. Será que sujou?

— Tudo bem — falo devolvendo a bola, rolando-a no chão. Sheik late. Bastante. Creio que ele também não gostou do menino. O quanto tenho que me conter para não arrumar mais confusão com o pessoal do bairro! Já me bastam as discussões na mercearia. E tudo porque eu não podia enfrentar a fila por haver deixado uma panela no fogo. Nem entro mais lá. Um bando de mal-educados, é o que são.

— Vamos, Sheik. Já está bom.

O cachorro pequinês cisca com as patas traseiras anunciando que já fez as necessidades dele no meio fio. Comportou-se bem e é hora de retornar aos braços de seu Haroldo. O seu dono é o vizinho do apartamento de cima. Logo que se mudou, fizemos amizade. Seu cãozinho peludo, de andar engraçado — caminha rebolando e balançando o rabo erguido — é possuidor de um gênio amargo e de atitudes de poucos amigos. Acho que foi por isso que desde o início o cão não me estranhou. Almas gêmeas.

Paro diante do chafariz recém-desligado e procuro o meu rosto na água agora parada. Vejo ali o crime que meus pais cometeram: o reflexo de uma infância morta, afogada pelo abandono e com os pulmões encharcados de revolta.

@ro_.martins | Linktree

Roselena De Fátima Nunes Fagundes
Camaçari/BA

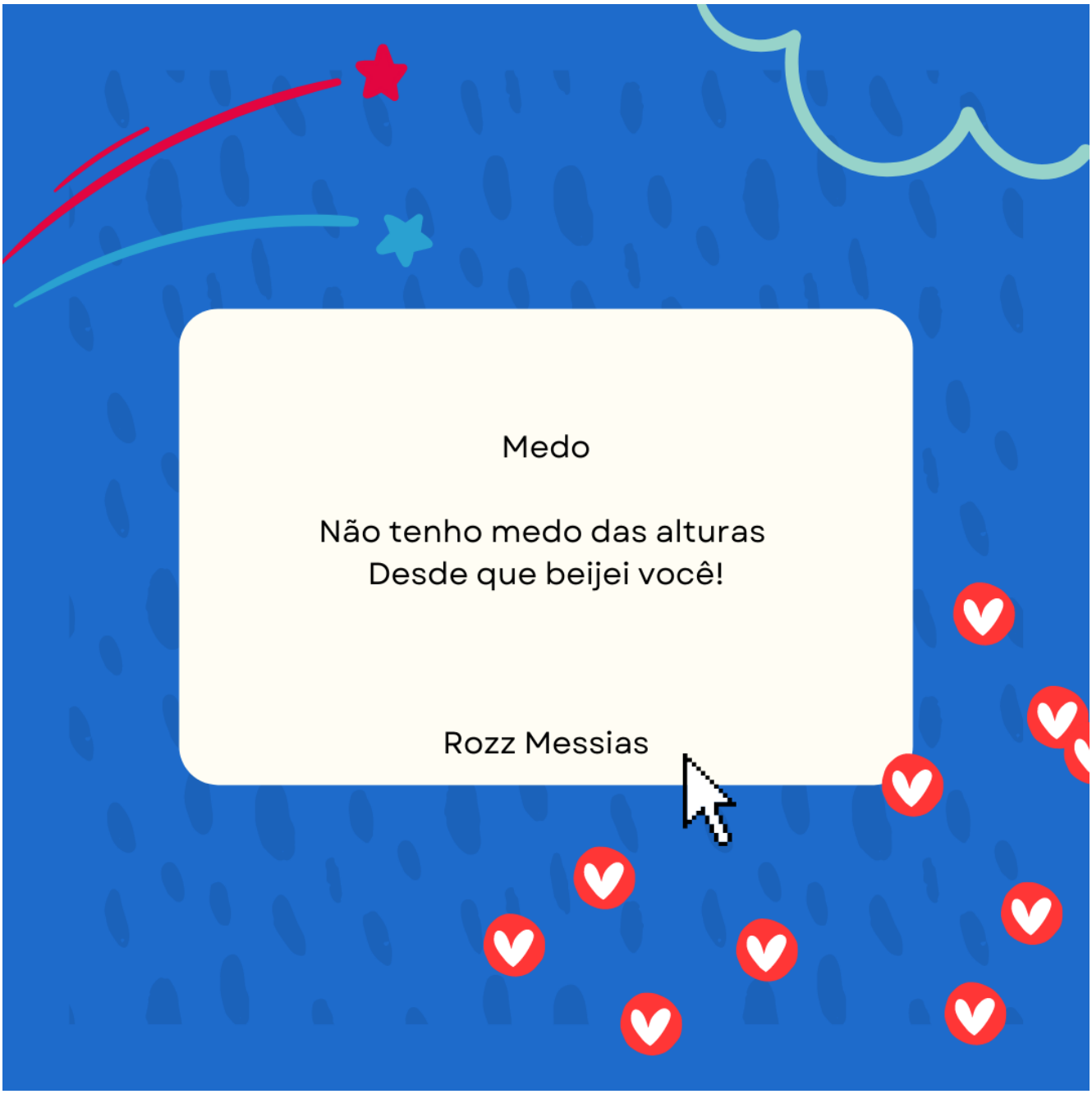
Recomeço

Começo é recomeçar,
recomeçando no começo
para um novo começar,
sendo um recomeço!

Recomeçar no começo
é um belo começar,
começando um recomeço
para continuar a recomeçar!

Recomeçando um recomeçar
num perfeito começo,
um intenso começar
num renovado começo!

Rozz Messias
Colombo/PR



Samara Semião Freitas
Fortaleza/CE

Rasuras

Apontou
bem o grafite
que deslizava suavemente
acariciando o papel
com justificativas
redundantes
e muito medo de errar

Desenhou
cada letra e adornou cada parágrafo
com acentos, vírgulas, suspiros
- travessões -
e muitas reticências...

Movimentou
os lábios
ao reler cada frase
vagarosamente
enquanto rugas formavam
um semblante insatisfeito
atestando que ela havia
falhado mais uma vez
segundo os rígidos critérios
de sua auto-avaliação

Retirou
as outras folhas
de um belo envelope nunca selado
e rasgou-as meticulosamente

Manteve
o lápis suspenso entre os dedos
e a palma da mão amparando o queixo
como se imitasse
uma das muitas obras de arte
que faziam mobília pela sala

Submergiu
na própria solidão
e se permitiu observar sem pressa
o sol iluminar
a mancha de café
que rodeava a xícara de porcelana
e também banhar de luz
as flores murchas mergulhadas
no jarro com água turva
até o fulgor desaparecer
completamente
de todos os cantos da casa
pintando tudo de sombra

Agiu
como se finalmente
voltasse de uma longa
e cansativa viagem
e precisasse se sentir limpa

Soltou
displicentemente os longos cabelos
unidos em tranças
e se despiu de tudo

Deixou
as peças espalhadas pela sala
e caminhou sem pudor pela casa
banhando-se demoradamente
em água quente
esvaziando o peito
de lágrimas, soluços e altos padrões

Perfumou
o corpo com tons florais
vestiu-se com roupas macias e largas
reconhecendo com satisfação
que a sensualidade de suas curvas
e a própria beleza
não se intimidavam assim tão
facilmente
sentindo-se pronta para o encontro
que tanto temia

Reuniu
novamente as folhas brancas
e se exauriu de todas as culpas
em uma tempestade de palavras
escritas sem censura
e sem correções
até cravar com confiança e alívio
um último ponto final.

@samarasfreitas

Saulo Barreto Lima

São Luís/MA

À Deriva

"Não se faz um bom nadador dentro de um barco."

Imagine uma embarcação qualquer, que comporta um número considerável de pessoas se deslocando de um ponto a outro, notadamente, de uma terra firme a outra. E aqui, sugiro que pensemos numa travessia de um trecho do mar ou de um rio, levando em consideração que essa distância seja ampla, se comparada a capacidade física de uma pessoa mediana. Idealize, igualmente, que no meio dessa embarcação – como disse, absurdamente comum como qualquer outra, com pessoas viajando, apensadas as suas bagagens e normalmente ansiosas por chegarem aos seus respectivos destinos – um sujeito qualquer decide pular na água. Isso mesmo, repito: numa referida embarcação com pessoas viajando de um lugar para outro, um desses tripulantes abandona a nau, decidindo se apartar de seus semelhantes, pulando no mar ou num imenso rio, como queiram. A primeira vista, não havia nenhum motivo plausível para que o mesmo tomasse essa atitude, nem por parte dos passageiros, nem muito menos por conta das condições do barco. Uns conversavam, se distraíam com algum dispositivo eletrônico, já outros dormiam... Ninguém o havia distratado, nem muito menos ofertado um mínimo de incentivo para o que mesmo fizesse aquilo. Como ficara quieto e calado a viagem toda, assim permaneceu, até que saltasse barco afora. Aliás, não haveria, nem necessitaria justificar o seu ato a ninguém dali. Ele não conhecia ninguém, nem ninguém o conhecia. Ressalte-se, também, que o sujeito, tenha pulado somente com a roupa do corpo, sem nenhum auxílio de nenhuma boia ou colete de salva vidas, que, diga-se de passagem, o barco possuía em abundância. Relevante afirmar, também, que não se tratava de um suicida, esquizofrênico, louco ou qualquer outra tipologia clínica patológica fora dos padrões psicológicos toleráveis socialmente. Um ou outro passageiro olhou o mesmo pulando. Uns, deram com os ombros, retornaram para os seus respectivos aposentos e seguiram suas viagens normalmente, como se nada tivessem visto. Não se chocaram, nem se alegraram com aquilo. No máximo, como reflexão pessoal - face ao fato presenciado - extrairiam somente de que não teriam coragem de fazer o mesmo.

Outros, para desencargo de consciência, dever cívico e obrigação humanitária trataram de informar ao capitão o inesperado ocorrido. Depois de tomar ciência do infortúnio, o capitão, em uma rápida conversa entre aqueles que haviam lhe informado o fato, decidiram que nada poderiam fazer, e que os mesmos seguiriam suas viagens, normalmente. Afinal era uma embarcação movida a motor, parar a mesma para tentar resgatá-lo ou até mesmo saber o porquê que ele tomou essa atitude, estava fora de cogitação. Para o capitão gatariam muito tempo, além de muito combustível. Para os passageiros, muitos iriam se atrasar nos seus compromissos. E para ambos, a possível volta poderia incorrer no risco da vazante da maré encalhar o barco próximo já do cais de destino. Isso acontecendo, correriam o risco de passar a noite toda pedindo resgate, e aí não seria somente um sujeito que necessitaria de socorro, mas dezenas deles. Enfim, ponderaram tanto o capitão como alguns passageiros, que não valia a pena voltar para saber o que houve, afinal tinha pulado, por decisão consciente do próprio, e assim sendo, assumiria qualquer risco. Se fosse uma criança ou um cego, aí sim suas atitudes poderiam até se dá de forma diferente. Pois bem, o sujeito pulou, caiu na água, submergiu, molhou-se, voltou à superfície para respirar e num primeiro momento, avistou o barco ao qual viajava seguindo seu curso natural. Com forte e potente motor, seu deslocamento geravam contundentes marolas, fazendo que seu corpo bailasse de acordo com o sobe e desce do mar. O barco se distancia, e ele percebe que alguns passageiros vão para o fundo do navio para lhe observar somente, nada mais que isso. A embarcação vai ficando longe, cada vez mais até que some no horizonte, cessando também aquelas ondas formuladas por seu deslocamento. O sujeito era jovem e sabia nadar. Por um momento, "boiando" pensa consigo e vê que sua realidade havia mudado drasticamente. Em poucos minutos estava viajando num lugar confortável, acompanhado por inúmeras pessoas com quem podia interagir, com vistas a alcançar qualquer intento que pudesse imaginar; mas agora estava à deriva, sem nada nem ninguém que pudesse ajudá-lo. Sem falar que se estivesse no tal barco, chegaria bem mais rápido ao seu destino. Olha de um lado para o outro, para o norte, sul, leste e oeste; abaixo, vê um mar turvo, acima, o sol escaldante; à noite, notadamente, se depararia com a lua, e mesmo assim aos horizontes, somente veria os limites delgados que separam o céu e o mar. Terra? Não havia expectativa nenhuma para vê-la, ou melhor, saberia que teria de se esforçar muito caso algum dia, quisesse admirá-la ou até mesmo pisá-la. Enfim, se situando e cônscio de sua nova realidade, o mesmo se põe a nadar. E segue nadando, nadando e nadando. Sua vida, a partir daquele ato consciente

voluntário, se resumiu somente a isso, nadar. Afinal, o que mais poderia fazer naquela situação senão fosse nadar. No barco, certamente se prestaria a realizar milhares de outras coisas, não muito diferente daquilo do que os outros na sua mesma condição também o fariam. Seu destino se apresentava coercitivamente agora com um único norte. Ele sabia que tinha de nadar, pois caso parasse, consoante às leis da física, afundaria. Aquilo que parecia ser seu carma virou seu vício, sua única fonte de prazer tornando sua vida, resumida a uma única prática, qual seja: nadar. Enquanto experimentava o sabor amargo, mas prazeroso de sua saga individual, os outros tripulantes haviam chegado à terra firme, aparentemente em vantagem por terem chegado primeiro. Mas, ele mesmo presumindo isso, não sente nenhum resquício de arrependimento, ainda assim mesmo "atrasado", preferiria mil vezes nadar. Aliás, minto, havia arrependimento sim, de não ter se lançado mais cedo do barco ou até mesmo de ter se eximido de embarcar nele. Naquele momento já não mais pensava nos fins, mas sim nos meios. Chegar ao destino não mais lhe importava, mas sim o que teria de fazer para lograr a esse intento. Na sua mente, levando em consideração também, que logo chegaria a um destino qualquer e que logo em seguida, se poria a buscar outro; e que esse outro, por sua vez, se daria através de seu nadar, ele assim continuava, somente a nadar e nadar. O fim era o seu meio, mas mesmo assim, apesar de todo seu esforço, não havia certeza se esse meio o levaria a um determinado fim. A única certeza era de que esse meio - que o mesmo julgara ser sua salvação - o levaria a um determinado "fim", digo; não ao fim desejado, mas o fim que redundaria na sua extinção.

Escrito na madrugada de insônia do dia 02 de setembro de 2015

http://lattes.cnpq.br/3891912433650385

Schleiden Nunes Pimenta

Bernardino de Campos/SP

Sapatos Limpos

Algo tocou seus pés e foi o bastante para acordá-lo.

Olhando para a rua, notou os primeiros carros a cortar os sinais vermelhos da madrugada, castigando o asfalto ainda gelado. Estava acostumado, todos os dias eram assim. No entanto, sempre agradecia por ter onde morar, e por mais um dia, e esses pensamentos ele nunca se esquecia de rezar.

Lavou o rosto e aprumou seu terno bem passado e cuidado, limpo de maneira que em todas as manhãs parecia vestir um novo; os cabelos sempre penteados e cortados, a barba um pouco grande – é verdade –, mas porque gostava e não por desleixo só. Guardou a roupa com a qual dormira e, observando a cidade que aos poucos despertava lá embaixo, seguiu seu caminho para o trabalho. Era uma tarefa difícil, fazia-se necessário que lidasse com muitas pessoas, de lugares diferentes, jeitos e culturas diversas, e a sua argumentação e a sua técnica eram cruciais para a efetivação dos negócios – talvez, não tão cruciais quanto o sorriso que sempre deixava estampado no rosto ou a simpatia e a educação, mas eram importantes também.

Teve de aprender seu ofício sem que ninguém o ensinasse, e, da primeira vez em que procurou emprego, sofreu uma das mais terríveis humilhações. Mas tudo é aprendizado debaixo desse céu, dizia ele. Àquela altura da sua carreira colhia respeito, por onde caminhava era cumprimentado, nos corredores o recebiam com um tenro sorriso e os chefes o adoravam. Ouviu tantas vezes a frase "o trabalho dignifica o homem", e acreditava tanto nisso, que imaginou receber o fruto dos seus esforços assim: trabalhando. Uma vez, um dos seus clientes perguntou se apenas o trabalho dignifica o homem, pois, assim, aquele que por ocasião de saúde não pode trabalhar não teria dignidade também. Chegou à conclusão de que haveria outros modos de se alcançar essa tal dignidade, mas o seu caminho seria o trabalho honesto e a dedicação, a responsabilidade e a boa educação.

Aconteceu que, neste fatídico dia, envolto em uma de suas conversas filosóficas com algum cliente, perdeu por um momento o sorriso que portava noite e dia, e eis que, quando tal sujeito pisou em seu campo de labuta, nosso

trabalhador logo notou como os sapatos daquele homem estavam sujos. Os sapatos podem demonstrar a personalidade de uma pessoa, ou, na pior das hipóteses, o quão alguém é organizado, higiênico e vaidoso. Aqueles sapatos, em especial, estavam maltratados por demais. Logo desvencilhou seu olhar dos seus pés e o cumprimentou educadamente, fitando-o nos olhos e convidando-o a se sentar.

— Muito bom dia, meu senhor!

— Pois este será mesmo um grande dia! – respondeu quase irônico, se é que irônico não foi, pairando à implicância, e, sem que precisasse perguntar-se mais nada, o homem dos sapatos sujos dispôs-se a contar breve e euforicamente os últimos dias que vivenciou. Contou que trabalhava apenas algumas horas por dia, mal-assinando alguns papéis mal-lidos e mal-escritos em muitas das vezes, despachando ordens, sentado em sua cadeira importada e mergulhado no conforto de um aparelho que condicionava o ar – de modo que enquanto cá fora ventava, dentro de sua saleta se acalorava e vice-versa – e, sem que precisasse perguntar, de novo, o homem que trabalhava pouco exclamou contente que conseguira seu posto após a indicação de um parente influente.

— Ora, que felizardo és! – pasmou-se diante de seu cliente, pasmado.

Mas, eis que quando começou a contar sobre todas as suas regalias e todo o conforto da sua casa, sem que fizesse o mínimo esforço, foi informado que o serviço terminara. Retirando algumas notas do bolso, pagou-lhe com sobras às quais chamou de esmolas – e com os sapatos agora limpos e brilhantes seguiu seu rumo afora, desligou o alarme do carro e queimou seus pneus no asfalto já aquecido do trânsito intenso.

Enquanto seu mais novo cliente partia, sentindo-se estranho nosso protagonista guardou as notas recebidas no bolso. Pegou sua caixa de engraxate, aprumou os cabelos no vidro de uma vitrine qualquer e seguiu a passos lentos de volta também para a sua casa. Os corredores pelos quais caminhava e todos o cumprimentavam eram as ruas, e a sua empresa não possuía sede determinada – podia ser aqui, acolá, quando e onde o chamasse, pois seu serviço era bem feito. Dia e tarde, às vezes à noite, andava pelos cantos e becos limpando os sapatos de alguém – mas os seus estavam sempre limpos...

E andou e pensou e trabalhou tanto àquele dia, que quando deu por si já escurecia. Retornou ao seu lar, trocou de roupa e guardou seu terno engomado, lavou o rosto e pensativo foi dormir. Mas, do outro lado da rua, olhando pela transparência dos vitrais de um restaurante caríssimo, dois homens conversavam sobre o mesmo assunto que eu converso agora convosco. Um deles contando ao outro sobre a história daquele trabalhador, descansando a cabeça na sua caixa de

engraxar, ali no canto de uma calçada qualquer e a olhar o teto do seu lar a brilhar. Ao final do conto, diante de seu prato que nem em uma garfada se arranhara, a tristeza daquele ouvinte perguntou, baixinho, para a vida, sobre o mérito dos que vivem. Mais que isso, indagou-a sobre o mérito de quem trabalha e, além, clamou à Justiça. Ao passo que se a Justiça tivesse boca, exclamaria:

— Há alguma coisa de errado aqui...

O teto do seu lar era no céu ao reluzir de qualquer estrela; o seu despertador, alguém que o chutava pela manhã; a sua educação, estampada não em títulos mas sim no se abrir verdadeiro de alguns sorrisos; o seu travesseiro, um pedaço de madeira. Mas os seus sapatos estavam sempre limpos.

https://www.instagram.com/sch.leiden/

Sebastião Amâncio

Menino de Engenho em poesia

Lembro-me como se fosse hoje
Da minha mãe caída no chão, ensanguentada
Feito bicho do mato, na espreitada.
Da viagem de trem, prolongada
Da chegada ao engenho, na invernada
Dos banhos de rio, das mergulhadas
Dos passarinhos cantando, das revoadas
Das brincadeiras de crianças, levadas

Mas também me lembro das tristezas e das angústias que aquilo me causava

De como fui parar ali, desgostoso
Do motivo mortis de mamãe, tenebroso
Do meu pai levado pela polícia, como doido
Da morada no engenho, um desafogo
Carregado de sentimento ruim, maldoso

O gosto pelas máquinas me faziam esquecer daquilo, brutal
E voltava para o meu mundo, normal
Um mundo de coisas novas, sem igual

O tempo foi passando e com ele, entendendo como funcionava o engenho

Da lida no eito, ferrenho
Da safra do ano, comendo

Do bueiro fumaçando, cinzento
Das negras cantando, um alento
Do sorriso do meu avô, a contento
Dos passeios às tardes, um momento
Das primeiras letras escritas, desalento

E fui crescendo como um menino normal
Conhecendo as fruteiras, a senzala e o curral
Saía o cheiro de leite e entravam as curvas do mal
O sabor do primeiro beijo pelo prazer sexual

Então a hora era chegada
Da despedida malvada
Da ida ao colégio, forçada
Minha sentença estava marcada
Cheguei criança ingênua, apavorada
Saí pestinha perdida, demoniada

Sérgio Soares
Simão Pereira/MG

A cidade "Pantasma" na epidemia de "Cãojuntivita"

Aproveitando a parada forçada na repartição pública onde trabalho (regime de Home Office) por conta do Covid-19, aproveitei para descansar e me prevenir de qualquer contágio na minha pacata Prosperidade (cidade longe de tudo e de qualquer coisa, e cheia de causos fantásticos) na casa de familiares.

Lá chegando, como de costume, fui até a venda do Geraldo, onde encontrei meu velho e bom amigo Lazin sentado tomando um café e pitando uma palha. Curioso como ele só, foi logo se apressando em perguntar o que eu fazia por aquelas bandas no meio da semana. Expliquei ao interessado contador de causos, que estava ali por conta do Covid-19.

Assustado, ele perguntou:

– "Covix" o quê? Isso é nome de remédio?

Respondendo ao intrigado amigo, expliquei que a Covid-19 era uma doença que estava afetando o mundo inteiro, que começou na China e agora havia chegado ao Brasil. Os sintomas são parecidos com os de uma gripe, mas em pessoas mais velhas e frágeis pode até ser fatal. Pela cara do velho, ele ainda não estava entendendo nada, então peguei meu Tablet e mostrei para ele fotos e vídeos explicando um pouco mais sobre a doença.

Depois de assistir ao material, o sabichão tratou logo de ir respondendo:

– Ará, esse tal de "Covix" aí num é nada não. Por aqui já teve coisa muito pior, e ficou todo mundo com essa cara de chinês aí.

Agora quem não estava entendo nada era eu. "Covix"? Rindo pra dentro. Então pedi ao Lazin que me contasse esse causo direito. Foi então que ele relatou o acontecido.

– Já faz prá mais de 3 ano, era uma sexta-feira 13. Quando o sol raiô e a

cidade começô a acordá, logo que o Geraldo abriu a venda, seu Xico Onório apareceu prá pegar pão e pó de café. Foi então que o amigo do balcão aí se assustô com o que viu. Seu Xico tava com os zóio, pequenininho, parecia os desse tal de chinês que você mostrô aí.

– Assombrado, o vendeiro perguntô o que havia acontecido com o homem, mas seu Xico não soube explicá, só sabia que tinha acordado com os zóio daquele jeito. Geraldo ainda recomendô que ele procurasse o Posto de Saúde pra vê o que era aquilo. Ele concordô, pegô o pão e o pó de café e saiu.

– Até o meio dia daquela sexta-feira, mais da metade da cidade já tava com os zóio fechado, foi aí que o Prefeito e o Secretário de Saúde resolverô tomá pé da situação, e descobrirô que aquilo era uma tal de "Cãojuntivita". Uma doença que pegava igual sarna, e por isso resolverô fechá Escola, Igreja e até a Venda do Geraldo, que já tava ruim das vista também.

– Aquele dia foi um fuzuê só. A cidade ficô toda em polvorosa. Ninguém nunca tinha ôvido falá daquela tal doença, mas começô a corrê na boca pequena que como era sexta-feira 13, e o nome tinha a vê com cachorro, que isso devia de sê obra do "coisa ruim", e que o melhó era dá sumiço nos pulguento que andava solto pelas ruas de Prosperidade.

Coitado dos quatro pata, se não fosse Dona Elza Salgueiro, uma sitiante famosa na cidade por cuidá dos bichinhos de Deus, e devota de São Francisco de Assis, não tinha sobrado um vivo.

– No sábado a cidade parecia uma cidade "pantasma", nem de dia nem de noite você via viva alma nas rua, nem a Igreja (que tava de porta aberta) teve fiel na hora das Missa, Venda fechada, Posto de Saúde fechado (porque até us médico e enfermeiro pegaru a danada) e foi aí que veio o nó do borogodó. Sem médico e sem enfermeiro quem ia tratá dos zóio dos morador de Prosperidade?

– Foi aí que lembraro da Dona Latércia, benzedeira famosa da região que ensinô prás pessoas que remédio bão pra limpar zóio era banhá com arruda e rosa branca. Mas não pudia sê qualquer ramo de arruda, tinha que sê do broto mais novo, e a rosa

tinha que sê colhida no raiá do dia, antes do sol levantá na cabeça do morro, porque ela tinha que tá ainda com o orvaio da noite. Depois era colocá tudo numa vasilha de lôça branca, com água, deixá descansá, e banhá 4 veiz ao dia, sempre fazendu o sinal da cruiz com o raminho da arruda em cima de cada vista.

Dito e feito. Num demorô muito e os zóio das pessoa começô a abri, quando foi lá pra quarta-feira já num tinha quase ninguém doente mais, tanto é assim que na quinta-feira, completâno os 7 dias que a "Cãojuntivita" apareceu, a cidade voltou ao normal, Escola abriu, Venda abriu, Prefeitura e Posto de Saúde, tudo isso graças à receita que Dona Latércia ensinô.

Para não perder a oportunidade de soltar uma das suas, encerrando a conversa Lazin soltou essa pérola.

– Pois é, eu achava que ocê devia passá prus seus amigo lá do seu serviço essa receita da Dona Latércia, garanto que ninguém lá ia pegá esse tal de "Covix" mais"!

Não me aguentei, e soltei uma gargalhada. Terminei o café e me despedi do velho contador de causos. Figura folclórica da boa cidade de Prosperidade

https://articulanciablog.wordpress.com/
https://sergiosoares517.wixsite.com/sergiosoares

Sigridi Borges
São Paulo/SP

Cheiro de Terra

Terra seca que cobre o caminho
aguarda a água
recebe o forte sol
clama por gotículas de chuva
brilha tal qual farol.

Ah, Astro rei,
que aquece as entranhas da terra
ferve mente
mexe com os nervos
com as artérias
palpita em versos
não deixa a terra quieta
que a trata com descaso
que dê um momento de descanso.

Quem dera pudesse essa terra
com seu perfume pós chuva
molhar os corações inquietos
que vivem em busca de nova vida
nova cor
novos sonhos
novos sentimentos
a desabrocharem em cores
a viverem com intensidade
paixão, ternura e amores.

Arte: Luiza Helena

Simone Reis Carvalho
Uberaba/MG

Diálogo com a vida

O quê é a vida afinal?
Apesar de você e eu sermos um só,
Você é uma desconhecida para mim.
Às vezes, me faz pensar que o tempo é cheio de tempos,
E não é.
Ele é um só.
Me dando a ilusão de que muitas coisas eu posso mudar,
Me encho de folhas e rascunhos,
Tendo sempre que descobrir o texto original para poder continuar.
Então, ela me falou: E o destino?
Ele nos atrapalha e nos desvia de tantos sonhos ...
Com certeza, é que ele conduz a nossa vida.
E o que fazer com o tempo então?
Ele é implacável, me disse ela.
Nos vigia, nos tolhe,
E, aos poucos vai levando nossos sonhos,
Ficando só nossas lembranças ...
Afinal, qual é o nosso tempo?
Não sei, ela me disse.
Perguntei e ele não me respondeu!

https://www.facebook.com/simone.reiscarvalhoferreira

Starik Adripa

Franco da Rocha/SP

Ainda ouço o uivar do vento

Daqui do meu quarto, agora,
Eu já ouço o uivar do vento,
Parece que vem tempestade,
Até imagino como está lá fora,
São as vozes do meu lamento,
Algozes da minha saudade.

Meu coração bateu, como janela
Quando bate em temporal,
E a minha alma assim sofreu.
Como escravo ferido por sovela,
Sangrei nas asas do vendaval
E até o meu riso se perdeu!

E ao clarão de uma trovoada,
A simples sombra já assusta
Nesta noite em escuridão.
Mas esse susto não é nada,
Ela deixou minh'alma adusta,
Pois feriu meu coração!

Quando veio esta procela,
Eu vaguei na noite escura
E não encontrei ninguém!
Me entreguei à esta donzela,
E para minha desventura
Até eu me perdi, também.

Pois os algozes da minha saudade
São estas vozes do meu lamento,
Quando, então, rompe a aurora.
Também já se foi a tempestade,
Mas ainda ouço o uivar do vento,
Daqui do meu quarto, agora.

Taís Curi

Santos/SP

A inteireza do ser

Desde a infância ela queria ser por inteiro – como sugere o poeta. Nada de se sentir meio alegre, meio triste, meio... O termo, aliás, não fazia parte de sua existência, tal a inteireza com que se comportava, em relação a tudo.

As opiniões eram dadas sempre sem meias palavras. – Tudo preto no branco e completo – costumava frisar. – Essa história de ficar rodeando, contando as coisas pela metade, não é comigo.

E assim seguiu vida à fora. Escolheu um marido rico, uma vez que o remediado não lhe daria condições de desfrutar inteiramente do que desejasse. Foi morar na maior casa do bairro. Precisava de espaço para receber todas as amigas ao mesmo tempo. Exigiu que lhe fosse comprado o carro mais arrojado. Àquela altura da vida não podia ter um carro no qual não se sentisse plena, completamente feliz.

As roupas eram adquiridas na melhor butique da cidade e sempre depois de ver respondida a pergunta de praxe: – Só existe essa peça na loja, não é? Não posso sair por aí exibindo algo que outras pessoas já tenham.

E o que falar das amizades? Eram escolhidas a dedo, tanto quando se tratava dela, quanto dos filhos. – Não podemos nos relacionar com qualquer pessoa. Precisamos manter o nível e ver sempre se os novos amigos preenchem todas as condições para serem considerados como tal.

Em um belo dia, inesperadamente, aquele mundo tão inteiro partiu-se. Sem saber como e por que, a vida foi-lhe apresentando surpresas. Umas, em um dia; outras, no seguinte. E assim foi. De repente, começou a perceber que não tinha mais o controle de tudo. Nada acontecia ou lhe chegava por inteiro.

Precisou mudar-se para uma casa menor, teve que se desfazer do carrão e adquirir um popular, algumas amigas começaram a deixar de lhe fazer convites para festas ou passeios, as roupas passaram a ser compradas em lojas menos sofisticadas. O cabelereiro, que antes só cuidava de cabeças endinheiradas, foi substituído por um profissional de salão menos requintado.

Em uma manhã, ao acordar, percebeu que passara à classe média. Levantou, olhou-se no espelho e só aí percebeu que, além de ter agora metade do que possuía, estava também meio idosa, meio gorda e, o pior, meio feia ...

Talita Bueno

Crônica de uma existência sem sentido

Sacolejando no assento do ônibus me lembro de quando eu ainda tinha um carro. E igualmente me lembro da felicidade do meu irmão quando dei as chaves para ele e o recibo assinado. Ele precisa do carro para levar as crianças para a escola.

Eu não preciso mais do meu carro. Eu não preciso de nada.

Meu irmão. Lembro das tardes em que jogamos bola juntos no quintal, no verão. Talvez essa lembrança tenha aflorado por que está calor, o sol está quente. Sinto o suor nas minhas costas, escorrendo pela minha coluna, umedecendo minha pele.

O dia está lindo. Lindo. Céu azul, crianças brincando. Tudo tão perfeito.

Desço no meu ponto e passo no mercadinho, perto de casa. Os estranhos gentis sorriem uns para os outros nos corredores, entre as gôndolas.

Eu sorrio para todos de volta. Vejo uma mãe com uma criança na fila. A criança quer um doce que ela não pode comprar. A criança entende e fica em silêncio, olhando para o doce. Eu compro o doce e alcanço eles na calçada. Falo com a mãe, que aceita o mimo para o filho, embora insista que não precisava.

Sei que não precisava. Mas eu tinha aquele trocado ali e não ia usá-lo para nada. Espero que o menino se lembre disso um dia e dê um doce para outra criança quando ele tiver um trocado.

A vizinha me para. Está feliz. As suculentas que dei para ela estão lindas e ficaram ainda mais lindas porque o filho trouxe um tronco de madeira onde ela equilibrou os vasinhos. Claro que eu quero ver e minha sacola é leve, não pesa. Posso segurá-la indefinidamente sem cansar.

Mas cansa. No fim, sempre cansa.

E depois de elogiar as plantas, o capricho dela e o esmero do filho eu me vou.

Abro a porta e deixo a chave na mesinha a direita. Deixo a chave onde antes tinha uma samambaia.

Gosto de plantas, mas dei a samambaia.

Como dei também as suculentas.

Plantas não sofrem se a gente as dá para uma outra pessoa que também goste muito de plantas.

Elas não se sentem abandonadas ou traídas.

É diferente com os animais. E olho automaticamente para a poltrona da Holly.

Claro que ela não está mais lá.

Estou cansada.

Mas nunca tive coragem de dar a Holly, como dei minhas plantas ou como me desfiz do meu carro.
E claro que eu não poderia deixar ela sozinha.
Então eu fiz um trato comigo mesma, que enquanto eu tivesse a Holly, eu carregaria todas as sacolas.
Mesmo pesadas, eu não iria descansar. Não quando a Holly dependia de mim e vinha me lamber com aquela língua áspera. Não enquanto ela precisasse de mim para alimentá-la e aquecê-la.
Ás vezes eu penso se foi por isso que a Holly foi a cachorra mais bem tratada da história mundial.
Será que eu me enganava? Será que eu mentia para mim?
Reflexões de uma existência completamente sem sentido.
Eu servi meu suco de laranja que trouxe do mercado, estava bom. Doce e gelado.
Fui para o meu quarto, olhei as prateleiras onde antes tinha livros.
Mas livros foram feitos para serem lidos e com certeza a essa hora eles estavam na mão de algum adolescente.
Vou para o banheiro, quero tomar um banho. O cheiro do meu banheiro, antes, era bom. Cheirava flores. Como meus sabonetes e meus shampoos. Mas hoje não sinto nada.
Faz muito tempo que não sinto nada.
Só cansaço, e dor.
Além disso, não sinto mais nada.
Tiro minha roupa sem olhar para o reflexo no espelho. Hoje não. O dia está lindo demais para isso.
Tomo meu banho, aprecio o aroma de orquídeas do meu sabonete. A textura cremosa na pele. Faço bastante espuma e deixo ela um tempo no meu corpo antes de entrar novamente na água morna e deixar ele escorrer pela minha pele. Estou com a cabeça baixa e vejo a espuma escorrer pelo piso. Fui eu que escolhi esse piso e ele é marrom. Sempre apreciei os veios que parecem madeira e agora vejo a espuma escorrer por eles.
Não levanto a cabeça. Não me esfrego. Não faço nada. Só olho para o chão até a água se tornar novamente totalmente transparente e então desligo o chuveiro e saio do box , enrolada numa toalha.
Não tenho qualquer pressa.
Mas estou tão cansada.
Meu corpo dói, respirar dói.
Viver dói.
E já faz tanto tempo que convivo com a dor. Estou mais que acostumada.
Vou para o meu quarto, paro em frente ao espelho. Respiro fundo e penso na minha decisão. Penso na dor.
A dor... você é uma velha conhecida. Me fez companhia muito tempo. Minha única companhia. Decido olhar as cicatrizes nos meus braços, nas minhas panturrilhas, nas minhas costelas.

Nos meus pulsos.

Minha imagem refletida no espelho.

Marcas que a dor me trouxe. Minha fiel amante, em que tantas vezes me perdi, sedenta pelo seu alívio luxuriante.

Sim, você me trouxe alívio muitas vezes.

Mas hoje me despeço. Hoje, você me terá pela última vez.

A ponta do picador de gelo na mesa de cabeceira está afiada o suficiente. Pressiono no meu braço, vejo o sangue rubro e morno surgir. Pressiono mais uma vez, nas pernas agora. Coxas. Panturrilhas. De um lado, do outro, esquerda e direita.

Alguns são mais profundos, outros mais superficiais. Todos sangram. Todos doem.

Oi velha amiga. Amada amante.

Me olho no espelho, os braços paralelos ao corpo. Fios de sangue escorrem pela minha pele nua. Pareço adornada de fitas de seda vermelha. Conto. São 13 fitas vermelhas.

Sei que poderia me deitar mais uma vez. Esperar e acordar. Repleta de dor, e aguardar as cicatrizes sararem meu corpo.

Mas me sinto cansada. A alma não cicatriza. Há tempos. Anos. Vidas. Existências.

E já não me resta mais nada.

Quinze me parece um número adequado. Ímpar, mas correto.

Já tenho treze. O fim de aproxima.

Pressiono o picador sobre meu peito e vejo um novo fio de sangue surgir. O último que irei ver em mim.

Vou para o meu quarto, me sinto úmida e grudenta.

Me deito de barriga para baixo e posiciono o picador na parte macia da minha garganta.

Fecho os olhos, tomo impulso e recebo minha amante em meus braços. Pela última vez.

Tauã Lima Verdan Rangel
Mimoso do Sul/ES

Luar Sertanejo

Eleva-se na extensão da caatinga, tão viçoso
Um luar intenso, um brilho prateado nebuloso
Sobre a planície castigada pelo raio ardente
Uma confissão recolhida, uma prece indolente

Solitária, ela brilha inigualável no firmamento
Há uma beleza cálida, um lufar ao sofrimento
Pelo sertanejo, um canto melodioso entoado
Uma esperança pungente, um abraço afagado

Luar sertanejo a embaçar a visão tão delirante
Traz uma promessa adocicada e mui inebriante
Em versos rimados de vivências muito sofridas

As horas se esvaem sob o lume prateado lunar
Uma lufada de brisa efêmera à face a acalentar
Um alvorecer se aproxima a alimentar as vidas

Ted Dantas
Barueri/SP

O Velhaco da Porteira

Fiquem sabendo, minha gente,
Que eu, um velho boiadeiro,
Tão esperto e tão matreiro,
Jamais revi tão insolente.
Um rapaz que é letrado,
Almofadinha disfarçado
De protetor da natureza.
Mesmo a vida de rodeio,
Que há bagunça e safadeza,
Nem se compara ao despudor
E tanta indelicadeza.

Pega a pena e vai pra cima
Risca o ofício e descortina
E abre essa porteira
Passa boi, passa boiada
Não deixa mato, ou quase nada
Que te sobre à ribanceira.

Paga a pena, o jacaré
Mas também o bicho homem
Que depende dessa fé
E que a chuva não lhe tomem.
Vão felinos, capivaras
Os guarás e azuis araras
Branco, negro ou caiçara
Sentirão a praga cara.

E que te espera, ó boi bombeiro
Que tua preguiça o dia inteiro
Me parece a vil raposa
Acalentando o galinheiro.

Sem peso na consciência,
Se aproveita do tormento
Pra chamar a bem contento
Seus iguais em danação.
Passa boi, passa boiada.
De contratempo, quase nada
Pra gastar todo este tempo
Em reles tal provocação.

Ah, que saudades
De um momento bem vivido
Cujo gado que pastava
Boi bandido e garantido
Trazia festa e alegria.
Não rebanho da miséria
Da mãe Terra, um padecido
Com o cedro carregado,

E o carvalho excomungado
Sobre um solo falecido.

Tu, o mico da Amazônia
Secarás o Pantanal.
Pampa, podes dar-lhes aula?
Serra serra o Cerrador
Ensine o clima ao doutor
Antes que chova na Caatinga
Um toró de iniquidades
Ou sertão devore Atlântis
Ceifando matas e cidades
Pior agora do que antes.

Passa boi, passa boiada.
Bem que ele fez?
Bem quase nada.

Que uma saraiva de justiça
Siga reta e te encontre
Foragido ou escondido
Ao fundo, à barca do Caronte,
Teu pecado bem punido,
E findo o tempo de bandido
Abrir-se-á novo horizonte!

https://www.facebook.com/profile.php?id=100069952593435

Vadô Cabrera
Jacareí/SP

Com a inevitável, mas benvinda, chegada da tecnologia digital, a qual veio na bagagem da internet, advinda da Rede Mundial de Computadores e com a veloz transformação dos celulares em smartphones, que se espalhou por todo o planeta feito pandemia, obrigando a todos se conectarem, a ponto de um celular hoje ser mais importante do que nossos documentos pessoais, para não pararem no tempo, perdendo, inclusive, uma série de benefícios já em uso nos aparelhos, em forma de aplicativos. Ou seja, tudo está nas palmas das mãos. Quem ignorar os avanços tecnológicos estará, irremediavelmente, fora do mundo. Simplesmente não existirá mais como pessoa física, como membro da sociedade. No popular: Estará no mato sem cachorro. Hoje, tudo se faz pelo celular. Para o que você imaginar já criaram um *app*. Não há como escapar deste objeto obrigatório nas 24 horas de cada dia.

Uma dependência absoluta e não há cura ou tratamento eficaz que seja capaz de nos livrar desse vício legal.

Mas, tudo tem seu lado obscuro e nesse caso, o mais preocupante e perigoso é um inimigo oculto e incontrolável que surgiu com as Redes Sociais, as páginas dos provedores de *e-mails* e os sites, aonde estão armazenadas todas as informações e respostas do mundo, inclusive, as nossas pessoais. Com isso, os inimigos do bom senso criaram as *Fake News*, traduzida por notícias falsas. Há uma enorme quantidade de pessoas, equipes ou grupos formados, exclusivamente, para criar e divulgar falsas informações, as quais, na sua maioria - quase totalidade – enganam e induzem as pessoas. A maioria dessas notícias

causam grandes prejuízos a pessoas físicas, autoridades e empresas, quando se trata de assuntos graves ou preocupantes, tais como: Saúde, política, aposentadoria, segurança pública, entre tantos. Exemplificando: Os temas Saúde e política, são os mais difundidos diariamente, em todo o país, causando uma avalanche de *Fake News*, divulgando notícias e opiniões que chegam a confundir até *'experts'* nos assuntos abordados.

A coisa está tão fora de controle que já surgiram empresas oferecendo a checagem dos fatos e suas veracidades.

Estamos vivendo momentos assim, atualmente. Além de falsas notícias, essas informações – na sua grande maioria – vêm com o propósito de ofender, denegrir e execrar publicamente pessoas ou empresas. Às vezes por uma fala desconexa ou um termo que chocou alguns, seus autores são massacrados publicamente. Com isso, influenciando uma legião de seguidores que, por sua vez, compartilham sem a preocupação de checar os fatos.

Temos, também, os que são contra as opiniões divergentes daqueles que se julgam politicamente corretos...

Outrossim, ainda surgiram uma infinidade de golpes contra as instituições financeiras e a população. Tudo veio de roldão, a um simples clicar de botão. Ah, para que botões, agora é tudo no '*touchscreen'.* Um simples e leve toque na telinha e o mundo estará em suas mãos.

Tempos modernos e difíceis, em todos os aspectos. E o Futuro ainda nem despontou no horizonte.

Valéria Pisauro
Campinas/SP

Tinta Apagada

Na página apagada descansa o ponto
Ao encontro de um marcador de fatos
Viciada no parágrafo que acelera
Num coração movido à marca-passo.

Ensaia a fé na pausa da alma
Dobra, contorna e nem nota
Presa no espaço da memória
Que mora ao lado do rodapé.

A tinta inquilina mancha a brancura
Algemada entre linhas infindas
Intransitivas, líquidas ou gasosas
Necrosada que brinda com a rima.

E quando a insensível escrita
Acende a chama do rascunhar
Não oscila, inspira, transcende
Deixa a caligrafia livre queimar.

https://www.facebook.com/valeriadecassia.lima/
https://www.instagram.com/valeriapisauro

Valter Bitencourt Júnior

Salvador/BA

Yemanjá

Quando saiu do mar com o cabelo perfumado
O vento passava levando seu aroma
E assim ela voltava para a maré (sumiu)
A gente presenteia a deusa!

Ela tem cabelo de bruma
Vestia a cor do céu, não, não
A cor do mar, a cor do céu-mar...

E as flores eram jogadas
Em seu corpo, as flores navegando
Além-mar.

E todos buscam o sinal

Será que vai aceitar?

As flores iam, iam, iam, sumiram, iram na busca
Da deusa.

Vanderlei Kroin
Cascavel/PR

Doce de maçã

Este doce de maçã feito da maçã
ainda da fruta da primeira árvore
da fruta que Eva e Adão trouxeram
quando fugiram às pressas do paraíso
ainda mordendo a doce maçã
e plantaram, em algum lugar na terra
sem querer, a maçã, jogando as sementes
como a tentar se livrarem de seu pecado.

E as sementes preencheram a terra
cada vez as maçãs ficaram mais azedas
multiplicaram-se as macieiras
multiplicaram-se as víboras e a fome
o pecado, o mal, o fel
Adão e Eva se multiplicaram
foram caindo as maçãs
e rolando pelo mundo redondo.

E o doce de maçã, ainda doce
é, hoje, apenas uma artificialidade
tem vestígios de pecado e liberdade
tem o sabor vago de uma história distante
que o rótulo ameniza.

https://pt-br.facebook.com/vanderlei.kroin

Vanessa Milani

Ribeirão Preto/SP

O Casamento

'Eu não vou a esse casamento' – em alto e bom som verbalizou sua decisão.

Mãe querida,

Poucos dias depois desse episódio, nos quais comentávamos, fomos todos surpreendidos pelo ataque da doença fatal já instalada em seu corpo. Um mal originário em mágoas e ressentimentos acumulados ao longo dos anos através da convivência com a cunhada indiferente, compartilhada pela filha, que agora anunciara o casamento.

Assim que me foi dito, por vias incomuns, que seu tempo se esgotava, e que agora era a hora de não perdermos mais nenhum segundo de tempo, como o coração apertado e ainda querendo duvidar da realidade que me era apresentada, corri. Tudo o que pudesse fazer para que seus dias fossem os melhores, que fosse feliz, mesmo que suas dores não permitissem, estivesse em paz, mesmo que não tivesse mais como realizar alguns desejos, olhasse para trás e enxergasse o quão valeu à pena sua existência. Fomos felizes e agradeço pela minha vida. Por estar aqui porque você permitiu. Agradeço pela nossa família e pelo convívio que tivemos.

Bem longe de meus pensamentos estava o momento em que nos separaríamos, e agora, fiz o que me foi possível para que seus últimos dias fossem bons, o tempo acabou. Meses foram o que nos restaram. Poucos meses para nos despedirmos e dizermos o quanto nos amamos. Gratidão a Espiritualidade maior pela oportunidade do tempo em que pudemos, de mãos dadas, caminhar. E agora, na saudade precisando de seus sábios conselhos tenho que me valer do que me deixou: ensinamentos e a certeza de que não podemos guardar rancor.

Depois de sua partida, meu pai também anunciou o desejo de não ir ao casamento – 'Cumprir um papel social'. Vocês conversaram sobre isso? Encontraram-se? Pois de saudade, meu pai também partiu indo ao seu encontro, devido a um infarto.

Além da saudade latente, me deixaram na dúvida se devo ou não ir ao tal casamento.

Vera Raposo
Teresópolis/RJ

ROSA

Da janela vejo as flores
Viçosas anunciando o dia
Nos matizes de suas cores
Nos faz bem essa energia

Olhando você vai perceber
Que elas falam sempre de amores
Delicadas parecem esconder
Segredos de sonhadores

A rosa é eterna rainha
Considerada a mais bela
Ela brilha sozinha
Todos gostam dela

Victor Azulay
São Luís/MA

Escafandro

Nesta prisão
Nesta tortura
Cárcere da dor
E da loucura

Meu próprio corpo
Apresenta as amarras desse sofrimento
As algemas que tanto me fazem mal
O motivo de tamanho tormento

Quero poder viver sem precisar ouvir
As borboletas tilintando
Quero me libertar
Do vidro do meu escafandro

Quero poder voltar a viver
Livrar-me dos grilhões dessa agonia
Dessa doença que outrora me assolou
E novamente sentir a força da antiga alegria

Quero poder voltar a enxergar as cores dessa vida
E as alegrias que um dia senti
Quero poder alcançar a liberdade que um dia experimentei
Que hoje tenho orgulho em dizer que vivi

Quero poder viver sem essa senda
Sem esse ciclo
Quero poder voltar a respirar tranquilamente
Sem precisar olhar para os lados

Quero poder viver sem precisar ouvir
As borboletas tilintando
Quero me libertar
Do vidro do meu escafandro

Wagner Azevedo Pereira
Nova Iguaçu/RJ

JOÕES – II

... que habita os ares apenas. Só quer
que o dia fique inteiro mais incrível,
que a noite seja qual uma mulher,
irmã da Natureza, insubstituível!

Se um Caetano sabe afirmar...
O que podemos, além de um dever,
Seguir os caminhos e buscar
o que pra sempre foi acontecer?

Não é sua música qualquer explicação!
Não são seus versos qualquer rio que for!
É tudo mais do que a vida, inovador...

É a música na voz: a anunciação,
É a sua escrita poética: mais-que-perfeita
O paradoxo vigente que só pediu receita

Wagner Cortêz
Carnaúba dos Dantas/RN

Empedrou-se

pedra gélida
divagava nas tantas madrugadas
em ruas de sono
em silêncios de noite

observava as casas trancadas
batentes de gatos
sombras de amores banais
becos à procura de transeuntes

e depois choveu
veio um abraço de sol
e empedrou-se no amanhecer
de nunca mais

www.facebook.com/wagner.c.delima

Wagner Pires

Pelotas/RS

Vítima

Acordou cedo, um pouco antes do despertador tocar. Pegou o filho nos braços e o jogou debaixo do chuveiro. O menino chorou um pouco e logo calou. Ela o vestiu, sentou-o na cadeirinha e ligou a TV. Um pastor berrava forte na tela do aparelho. Aprontou-se apressada enquanto fazia o mingau do menino. Entregou-lhe a mamadeira e passou um café ralo para si mesma.

Pôs a criança no colo e saiu correndo para a casa da mãe, dois quarteirões ladeira acima. Deixou o menino com a velha e foi para o ponto de ônibus. O veículo apareceu na curva lá adiante. Lotado, como sempre. Deu sinal e quando o veículo parou em seu ponto, esforçou-se na costumeira luta para subir e encontrar lugar.

Aperto, calor, engarrafamento. Quando desceu, olhou para o relógio da praça. Estava atrasada. Xingou o motorista mentalmente. Ao chegar na loja em que trabalhava, o gerente a olhou feio.

"Atrasada de novo, Maria"!

"Desculpe. Foi o ônibus que pegou um engarrafamento"...

O homem já tinha lhe dado as costas. Olhou o celular. Duas ligações do ex e uma da mãe. "Que é que o traste quer me ligando? Pro inferno". Discou o número da mãe.

"Teu ex veio aqui te procurando. Perguntou onde você está trabalhando".

"A senhora não disse, não é"?

"Claro que não. Falei que não sabia"...

Perguntou como estava o filhinho e desligou. Uma colega lhe avisou que hoje iam fazer um balanço. Ela bufou de raiva. Iam sair tarde, muito tarde! A rotina de trabalho seguiu igual como todos os dias. Dificilmente algo diferente ocorria ali. Eram sempre os mesmos clientes apressados, buscando pechinchas e o mesmo mau humor do gerente que contaminava a todos.

Depois de uma manhã de pé atrás do balcão, saiu para almoçar. Com pouco dinheiro foi comer um cachorro quente na esquina. Depois sentou-se na praça, em frente ao trabalho. Do lado dela sentou-se um casal. Lembrou dela e do ex, a um tempo atrás, também sentados ali. Namoraram um tempo resolveram morar juntos. Logo veio a dura realidade. As bebedeiras, as traições, as surras. Um dia ela cansou. Juntou as roupas dela e do bebê e saiu de

casa. Já tinha 02 anos isso. Ele nunca deu nada para a criança e quando a via, mesmo já tendo outra mulher insistia para reatarem o relacionamento.

Ela não queria. Reaprendera a ser feliz, mesmo com todas as dificuldades. E agora conhecera um cara direito, da igreja, que a tratava bem e que gostava do filho dela. Era hora de seguir em frente.

Voltou para a loja e seguiu na lida a tarde toda. Às 18 horas baixaram as portas e foram fazer o balanço. Passava das 22 horas quando terminaram e ela pôde pegar a condução para voltar para casa. O ônibus se arrastou pelo caminho do centro até o bairro onde ela morava. A rua escura lhe deu calafrios. Caminhou rápido pela claçada, até que ouviu alguém chamá-la. Era o ex.

Chegou perto dela e insistiu pelo retorno. Ela disse não,. O homem pareceu resignar-se como das outras vezes. Pediu um abraço. Ela aceitou. Ele a apertou com força e ela sentiu algo duro e gelado pressionar suas costas. Quis fugir. Não deu tempo. Ouviu um, dois, três estampidos. Sentiu uma dor excruciante. Ele a deitou no chão.

"Acabou. Você nasceu pra ser minha. Era pra você ter entendido isso".

Ela ficou só. Sentiu a garganta apertar, os olhos se encheram de lágrimas. Não conseguiu emitir qualquer som, a não ser um gemido baixinho. A noite estava quente, mas Maria sentia frio, cada vez mais frio. Até que não sentiu mais nada. As luzes das casas foram se acendendo. As janelas, depois as portas foram se abrindo. Aos pouco, as pessoas que tinham ouvido os tiros foram saindo de suas casas. Encontraram-na deitada na sarjeta, em uma poça de sangue. A mãe e o pai vieram junto com os demais vizinhos e não acreditaram no viram. O pai caiu em pranto. A mãe desmaiou.

Maria tombou. Mais uma vítima. Vítima de uma sociedade hipócrita que sujeita a mulher a viver relações abusivas. Vítima da sociedade patriarcal, que não aceita um não como resposta. Vítima do machismo.

Willian Fontana

Rio de Janeiro/RJ

Conversas de Hitler e Nero no Inferno

Deprimido com as injustiças e desigualdades cruelmente impostas no mundo, eu Gresno Damacho adormeci com um tranquilizante ante mais atrocidades. E então dormir e tive um sonho esquisito.

Acontece que Adolf Hitler por mais pregasse favores para com a morte ao louva-la como uma solução benevolente e aprazível a incautos vulneráveis teve ele de ser levado por ela um dia. Ao alimenta-la achando seu pacto lhe dar eternidade, fugindo da justiça dos homens e de Deus um dia em ironia a morte lhe acometeu. Deixou ele esse mundo do qual o inferno ele mesmo promoveu com seus irmãos e encontrou seu repouso no lugar que lhe apraz, a raiz de todos os males, mas também destino dos que as fazem, o inferno. Lá era uma grande roda festiva dos flagelos sortidos onde a única dicotomia era entre sádicos e masoquistas. Todos desvios humanos em seus muitos caminhos lá se encontravam. De Calígula, Antipas, Gengis Kahn a Nero lá estavam discutindo como todos males convergiam aquilo.

Sob aplausos e gritos (de dor!) Hitler fora recebido com clamor, mas o calor não era humano, senão demoníaco com a lenha dos males que causou e promoveu. Se para alguns o cristianismo era uma prisão de sal, o inferno era uma amarga masmorra de aflições cujo calabouço adornado pelos flagelos agridoce aos que pecavam por excessos e intenções, o qual o arrependimento nunca adveio.

Hitler reconheceu os traidores da humanidade e de Deus em todas suas facções, ideologias e religiões, de lideres de seitas, Napoleão a Pol Tot. Porém, quando Hitler reconheceu Nero ruborizou, ficou incrédulo a uma inspiração.

– Seu incêndio em Roma inspirou meu ataque de falsa bandeira que conflagrou o motivo para invadir a Polônia.

– Pena que a maioria dos que matou você não os trouxe pra cá. – Lamentou Nero. – Sei de pessoas de sua época que antes os corrompê-los para que reproduzindo os males que sofreram ainda viessem aqui partilhar conosco do flagelo eterno. Mussolini adorou, finalmente encontramos aqui a doutrina final e Lúcifer nos agraciou com galardões especiais!

– Nos fazemos o inferno! – Vociferou Gengis – Pois apenas com as almas neles habitadas o inferno se faz. Colaboramos grandemente com o

Imperador Supremo do Terror e Ódio, o diabo!

– Pena que por mais tentássemos sabendo ou não promover o Inferno sob a Terra fracassamos para que nosso Imperador, Lúcifer, lá habitasse destronando Deus. – Comentou Nero.

– Pouco importa, lhes trouxemos muitos amigos e servos para cá! – Gargalhou Hitler ao ver chegando com um cálice de sangue, Himmler.

Nero adornou o braço em torno de Hitler e com entusiasmo lhe contou.

– O Messias de Lúcifer aperfeiçoou todos os nossos métodos juntos ao longo dos tempos, no momento final, e posso garantir que, pelo menos, uns 20% de pessoas do inferno ele trouxe as obrigando as corrupções e pecados que sofriam antes de dizimá-las. Ele é o Príncipe desse lugar. – Completou Nero movendo o braço direito a contemplar o horizonte flamejante entre o vermelho e laranja

– Mas eu fiz isso com os camisas parda! Tenho mérito nisso! Peguei minorias de gays e negros para atacar judeus e deficientes e depois os massacrei!

– Claro! E todos estão aqui! O Anticristo é um grande fã seu por isso, assim como você de mim! Ele estudou com muita acuidade todos meandros desprezíveis e corruptores para aplicá-los em escala global.

– Global? – Indagou Hitler espantado, pois não havia conseguido o mesmo, ainda que tentado através da Grande Guerra Mundial impor sua Nova Ordem Mundial.

Himmler vibrou de felicidade e cerrou os punhos empolgado ao saber que banhou o mundo no maior genocídio de todos os tempos, o maior tributo de holocausto ao seu Imperador e deus, Lúcifer.

– Apenas lamentamos que muitos morreram santos ou foram perdoados nas injustiças que sofreram e não partilham conosco esse lugar!

Aquilo era uma aula Didática do Inferno. E Nero rindo resolveu contar uma piada recorrente entre fanáticos de seitas que lá estavam como Charles Manson, e Jim Jones.

– Vocês conhecem o Evangelho da Pera? Uma salada de fruta amarga de São Mamom e São Asmodeus, para a Sodoma definitiva.

Gengis gargalhou derramando sangue em sua barba. Bateu na mesa de mogno e vociferou: "Um brinde ao nosso herói Adolf Hitler!"

Todos bateram os canecos na mesa e gargalhavam ante os gritos insanos das aflições eternas de outras vítimas. O inferno tinha um lugar especial para os heróis do diabo, um camarote definitivo para as aflições perpétuas.

João de Deus interrompeu eles e falou ao lado de Jeffrey Epstein.

– Sabem qual a receita de seita radical? Quatro doses de frankismo,

cinco de martinismo, sete de mesmerismo e duas de jacobismo, misture tudo com tempero despótico e temos um bolo de matar!

– Com esse nome nosso tio João enganou muitos! Ele é dos bons! – Gargalhou Nero. – Pena que Madre Tereza de Calcutá e nem Martin Luther King estão aqui. Bem que tentamos fazer o último se vender, mas ao pagar com a vida não anulou seus feitos! – Comentou Nero. – Odeio os cristãos, cara. Até hoje falam quando o Cristo deles veio aqui e esnobou geral roubando umas chaves aí. Por mais que os empalasse, jogávamos aos leões e estripássemos, essa praga não parava de crescer!

– Tem um lado bom, alguns fanáticos se apostataram e agora o Evangelho que vivem é outro! – Comentou ruborizado Henry Kissenger que tinha um lugar central na mesa.

– Judeu bom é assim! No inferno! – Gargalhou Nero dando uns tapinhas nas costas de Hitler. – Fica frio! Apesar de judeu é um dos nossos, um dos melhores! Ele queimou centenas de mulheres e crianças a napalm, um herói até pra mim que queimando Roma eu não consegui!

Todos naquele momento aplaudiram. Tudo parecia uma grande fraternidade intemporal e eterna. Logo, Nero, levantou e convidou a apresentar todos os grandes heróis do diabo que aqueceram o inferno com suas almas e de tantos mais. Vosso pai, Lúcifer, os adotou pela única genealogia espiritual que há, a dos pecados e mentiras intencionais e por excesso.

Apresentou de políticos, grandes assassinos e estupradores seriais a líderes religiosos radicais e de seitas, todos entusiasmados com o novo membro vitalício nas cadeiras do comitê infernal dos círculos do inferno.

– O Terror e Ódio despótico assolou o mundo a medida com que ficava impune as arbitrariedades dos filhos do diabo, essa linda família calorosa, com o perdão do trocadilho. O Messias de Lúcifer contou que no momento final quase conseguimos trazer esse reino definitivo a Terra! Nos tornamos uma oligarquia despótica que passou ser dona de tudo. De todos imóveis, bens, e riquezas, de todos estados e territórios. Todavia, não tínhamos mais a quem exercer nosso despotismo, pois seu exercício anterior despontou a distopia que a todos exterminou. Percebemos então que nosso poder era em vão sem a quem aterrorizar, na verdade nós mandávamos mais em nada a não ser uma terra de aridez desértica a ecoar aos fantasmas de nossas vítimas, dos desmandos que mostrou o que na verdade éramos, nada sem a quem subjugar. Pegávamos o que queria, festejamos e depredamos, mas quando a euforia passou percebemos o quão ignóbil era tudo aquilo. O dia que o Messias do diabo e os seus se

tornaram donos de tudo, era por não restar mais nada a que governar. Mas aqui cara, aqui é nosso lugar! Até sofrer aprendi ser bom pra mim! Disseram que você também! Sorte a nossa não se acovardar se matando pra vir logo pra cá... Não sem trazer o máximo de pessoas possíveis para dessas aflições eternas partilhar!

Naquele momento Hitler o interrompeu e perguntou.

– Por qual motivo não há mulheres na alta cúpula infernal?

– Algumas mulheres fizeram alguns grandes feitos pelo diabo, como Elizabeth Báthory, matando donzelas virgens pra dar um toque feminino no inferno. Em nome de Lilith! Ajudou a imortalidade terrena do Messias do diabo. Mas o problema das mulheres era que normalmente nunca gostam de representatividade infernal, seus maiores pecados geralmente são no máximo vaidade ou luxúria.

Adolf Hitler concordou rindo.

– Essas perdedoras! Tivemos mais de 7000 prostitutas no Reich cara, e vi umas poucas aqui. O problema é que nós mais as vitimizamos e por isso a maioria não veio pra cá.

– O inferno não é lugar pra vítimas! – Completou Nero batendo no ombro dele. – Sabe, ver todo esse fogo aqui até hoje faz-me lembrar Roma ardendo no incêndio que provoquei. É lindo!

Aquela era a alta cúpula do diabo no paraíso da pirotecnia, todos os homens do diabo, pois o inferno era majoritariamente machista. E lá os condenados dele reinavam finalmente no lugar que lhe apraz após serem os únicos definitivamente derrotados a eternidade.

Yuki Eiri
Maringá/PR

Ele e eu

Ele queria intuição,
Mas eu era a razão
Ele queria a inocência,
Mas eu era a experiência
Ele queria transparência,
Mas eu era um manuscrito em aramaico antigo
Ele queria as águas que correm na nascente,
Mas eu ...
Eu era o ar que habita todas as coisas
Ele queria um poema de um amante cortês
Mas eu era uma equação complexa e complicada de se resolver
Ele queria uma pequena estrela,
Mas eu era uma imensidão,
Uma imensa constelação.

Ele queria o silêncio,
Mas eu era o barulho
Ele queria sossego,
Mas eu era a inquietação
Ele queria arte abstrata,
Mas eu era física quântica avançada
Eu um enigma a ser decifrado,
Ele um viajante despreocupado.
Polos opostos,
Faces diferentes da mesma moeda
Intelecto versus emoção
Sentimento versus razão
Dois opostos que se atraem
Dois diferentes que se completam
Duas almas em busca da verdade
Mas de tudo o que poderíamos ser
Ele escolheu a amizade.

https://www.facebook.com/yuki.eiri.7739
https://www.instagram.com/yuki.eiri.7739/

Zyon Colbert
São Paulo/SP

Migalhas

Estou perdido em lamentações,
em memórias, em meu próprio eu.
Morro a cada dia, a cada hora, a cada segundo.
Minha mente se estilhaça na ausência,
meu coração fica mais gelado a cada trago de cigarro na janela.
Imensidões parecem centímetros,
e esse centímetro,
me parece estar perdido em um vasto oceano.
Encontros e desencontros reais,
marcaram o que será.
Não apertarei o gatilho,
porque por enquanto,
ainda chega a ser bom quando durmo.
Acordar chega a ser triste.
Tenho tudo, e me falta tão pouco.
Tenho a mim.
Em pensamentos,
Sonhos,
Lembranças.
Migalhas.

Na estrada com trem(pintura)

Cristiane Ventre Porcini

São Paulo/SP

Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca
Campo Mourão/PR

Mussum(Antônio Carlos Bernardes Gomes)

Ator, cantor, compositor e humorista brasileiro

07/04/1941 – 27/07/1994 (53 anos)

https://www.ebiografia.com/mussum/
https://memoriaglobo.globo.com/perfil/mussum/perfil-completo/

O trompetista (pintura)

Cristiane Ventre Porcini
São Paulo/SP

Jamison Paixão

Las Palmas de Gran Canária/Espanha

Fotos

https://www.facebook.com/paixaodeoliveira

https://www.facebook.com/jpartes.desenho.3

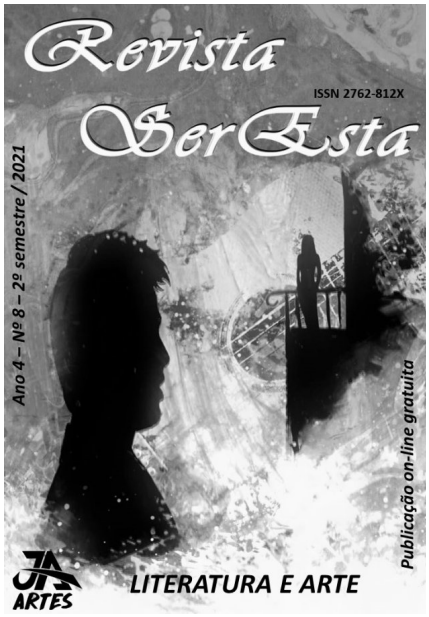
Oportunidade: site “Seleções Literárias”

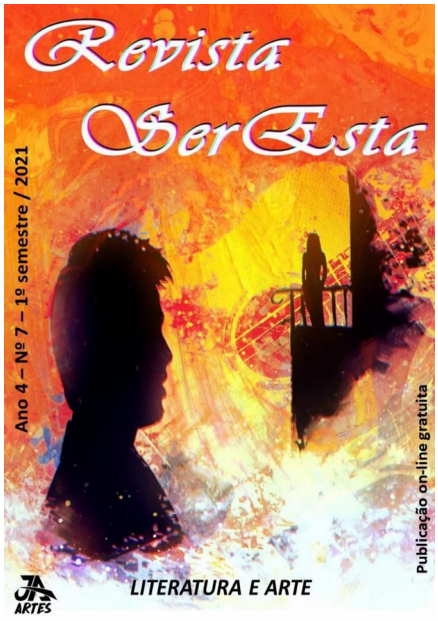
https://selecoesliterarias.com.br/

Revista SerEsta

Revista literária gratuita com publicação on-line. Para ler e participar das seleções, acesse aqui:

https://revistaseresta.blogspot.com/p/apresentacao.html





Projeto Cartas para a Vida

Esse é um projeto que tem como premissa levar mensagens de esperança, acalento às pessoas que estão se sentido fragilizadas com a vivência cotidiana.

Em tempos de pandemia da COVID-19, todos nós de alguma maneira, somos afetados emocionalmente com a nova dinâmica social que vem se desenha no último ano.

Mais relevante se torna a circulação de mensagens edificantes, nos motivando a continuidade da nossa jornada.

Seja um parceiro do projeto, escrevendo uma carta curta, mas com mensagem significativa. Sua mensagem pode salvar vidas, tocar almas.

Envie a carta para: cartasparaavida2018@gmail.com

A pessoa é livre para se identificar ou usar pseudônimo.

Acompanhe as nossas redes sociais e tenha acesso às mensagens que recebemos. Auxilie no compartilhamento destas cartas e assim fazer com que elas cheguem ao seu destinatário.

Instagram: https://www.instagram.com/cartasparaavida1/

Facebook: https://www.facebook.com/cartasparaavida

LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Corvo Literário

O Corvo literário é um espaço para propagação da arte, em especial da literatura. Mas também para discussões e debates, por isso sempre traremos opiniões, entrevistas, notícias, e contamos com a participação de todos.

Acessem o site e enviem seus textos com tema livre:

https://corvoliterario.com/

https://corvoliterario.com/contact/

"Blog Concursos Literários"

Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de

editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

Blog: https://concursos-literarios.blogspot.com.br/

Facebook: https://www.facebook.com/concursosliterarios/

CONCURSOS

LITERÁRIOS

AAAHHrte é um zine-colagem de coisas interessantes encontradas por aí. O objetivo é apenas divulgar e valorizar a cultura, em suas variadas vertentes, para que seja apreciada, fomentada e preservada.

Quem quiser receber por mail o AAAHHrte, é só pedir no wnyhyw@gmail.com.

Acesse para ler:

https://drive.google.com/file/d/1Nz2cNToezCIdihkBx4DKmVwk2KwbbehM/view

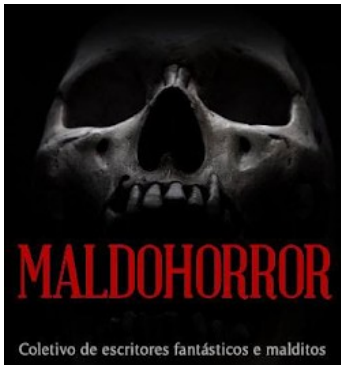
Blog Alan Rubens

No blog do autor Alan Rubens, o leitor terá a oportunidade de ler textos incríveis escritos pelo próprio Alan e também de autores convidados de todos os lugares, numa reunião de talentos eclética e divertida.

https://alanrubens.wordpress.com/

Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

http://mulheresaudiovisual.com.br/



Maldohorror - Coletivo de escritores fantásticos e malditos

Aventurem-se lendo o que há de melhor na literatura de Terror/Horror. Visite o site do Coletivo Maldohorror, que reúne os melhores contos de terror, poesias malditas, crônicas ácidas e histórias imorais, escritos por autores consagrados e também por iniciantes, numa grande mistura de estilos.

Site oficial:
www.maldohorror.com.br

Página do facebook:
https://www.facebook.com/maldohorror/

Portal Domínio Público

Tenha acesso gratuito e legalizado à milhares de textos, sons, vídeos e imagens do Brasil e do mundo em domínio público.

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp

Sci-fi Tropical

Semanalmente, o site Sci-fi Tropical traz um artigo, resenha de livro ou análise sobre o cenário do fantástico nacional, permitindo que os fãs do gênero, tão acostumados a ler obras estrangeiras, conheçam também autores nacionais que ajudaram a consolidar a ficção-científica por aqui. O site traz ainda O PROJETO MINIBOOKS FANTÁSTICOS, com obras de autores de FC em língua portuguesa para download. Com um design exclusivo, o leitor terá uma experiência imersiva nas histórias. Rubens Angelo, criador do site Sci-fi Tropical, é formado em design, mestrando em mídias criativas e, principalmente, fã incondicional da ficção científica.

Venha conferir:

https://scifitropical.wordpress.com/

Canal "Conto um Conto" - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.
Conheçam, se inscrevam e aproveitem.
Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBlhg

Sarau na Favela

O Sarau na Favela nasce por conta do isolamento social e da necessidade de movimentar as diversas linguagens artísticas.
A princípio foi pensando nos amigos da favela e hoje é um espaço para todos, do país ao mundo. Estamos completando 2 anos de atividade, com diversas e com atividades, as terças, sextas, e aos domingos semanalmente e as quintas-feiras quinzenalmente, basta acessar a página do Sarau no Youtube e no Facebook.
Envie o seu vídeo para Whatsapp 55 (21) 988918862.
Aproveita se inscreva no Canal e compartilhe e venha fazer parte do Sarau que seguirá com a celebração da vida.

Página do Facebook:

https://www.facebook.com/saraunafavela/

Canal do Youtube:

https://www.youtube.com/channel/UCKgHHTfDJgKOsiD0XW3DhTQ

Sarau na Favela
Valéria Barbosa

Podcast Toma aí um poema

O Podcast Toma Aí um Poema tem com objetivo declamar o máximo de poemas brasileiros possíveis e disponibilizá-los em áudio para torna-los mais acessíveis, nos diferentes canais e formatos. Acesse o site e envie seu poema!!

https://www.jessicaiancoski.com/toma-ai-um-poema

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Modelo de envio de textos para publicação na revista

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

(no máximo 3 textos com até 3 páginas)

(texto – utilize fonte arial ou times new roman)

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
tinha uma pedra,
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)

Vamos mudar o mundo através das palavras!!